



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM  
CIÊNCIAS HUMANAS

JULIANO OLIVEIRA PIZARRO

**GLOBALIZAÇÃO E O SISTEMA-MUNDO MODERNO DO FUTEBOL:  
MODERNIDADE E (DE)COLONIALIDADE NA CIRCULAÇÃO DE  
ATLETAS A PARTIR DOS MUNDIAIS FIFA**

FLORIANÓPOLIS

2021

Juliano Oliveira Pizarro

**GLOBALIZAÇÃO E O SISTEMA-MUNDO MODERNO DO FUTEBOL:  
MODERNIDADE E (DE)COLONIALIDADE NA CIRCULAÇÃO DE ATLETAS A  
PARTIR DOS MUNDIAIS FIFA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Silvia de Moraes Rial

Coorientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pizarro, Juliano Oliveira

Globalização e o Sistema-Mundo Moderno do Futebol:  
Modernidade e (De)Colonialidade na Circulação de Atletas a  
partir dos Mundiais FIFA / Juliano Oliveira Pizarro ;  
orientador, Carmen Silvia de Moraes Rial, coorientador,  
Luiz Carlos Rigo, 2021.  
201 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas,  
Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Humanas. 2. Futebol. 3. Globalização. 4.  
Circulação. 5. Atletas. I. Rial, Carmen Silvia de Moraes.  
II. Rigo, Luiz Carlos. III. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em  
Ciências Humanas. IV. Título.

Juliano Oliveira Pizarro

**Globalização e o Sistema-Mundo Moderno do Futebol: Modernidade e  
(De)Colonialidade na Circulação de Atletas nos Mundiais FIFA**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca  
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Arlei Sander Damo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Alexandre Fernandes Vaz  
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Caroline Soares de Almeida  
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi  
julgado adequado para obtenção do título de doutor em Ciências Humanas.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eunice Sueli Nodari  
Coordenadora do Programa

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Silvia de Moraes Rial  
Orientadora

Florianópolis, 26 de agosto de 2021.

À Artur Capão Filipe  
*In memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar o dom mais importante de todos, o dom da vida.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio permanente que recebi desde o princípio da realização deste trabalho.

Aos demais familiares, pela ajuda dada nos momentos necessários.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Rial, pelo aceite em orientar essa pesquisa, pelas observações e recomendações feitas durante a elaboração deste trabalho, assim como ao coorientador Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo, pelo grande apoio e pela indicação do PPGICH.

À CAPES (Coordenação de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro através de bolsa, possibilitando e incentivando o desenvolvimento deste trabalho.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por propiciar auxílios à eventos dentro e fora do país, assim como o Restaurante Universitário durante todos os anos de Doutorado.

Aos meus amigos e colegas, pelo incentivo e auxílio proporcionados a todo instante, principalmente aos colegas do DICH, do DINTER e do NAVI.

Ao Prof. Dr. Carlos Rodrigues, pela oportunidade de ampliar a pesquisa no estágio de doutoramento na Universidade de Aveiro, juntamente ao Ms. Emanuel Leite Junior.

Aos grupos de trabalho da ANPOCS, IUAES, CLACSO, EcPol e SP3, assim como aos colegas do ISEF.

Ao Esporte Clube Pelotas e sua apaixonada torcida, por ter me proporcionado tantas alegrias, tantas amizades e por ter feito eu amar o futebol em sua essência.

À Associação Malgi de Esportes, principalmente ao treinador Mauricio Lobo Giusti, pela amizade, companheirismo e ensinamentos.

Principalmente à Ana Paula e à Lili, pelo apoio, amor e carinho incondicionais.

*“Onde a prefeitura não chega, onde a universidade não chega, onde os partidos não  
chegam, o futebol chega.”*

Autor desconhecido.

*“O futebol não está preparado para certos questionamentos.”*

Wallace Reis Silva, futebolista.

## RESUMO

Ao longo do século XX, o futebol passou por diversas transformações, principalmente com a expansão da Federação Internacional de Futebol (FIFA) na gestão do brasileiro João Havelange, tendo historicamente duas grandes forças: Europa e América do Sul. Com a globalização, porém, ocorreu o processo da acentuação da desigualdade, causado por diversos aspectos, como a transnacionalização, cotas televisivas, empresarização de clubes e, principalmente, a Lei Bosman, com a livre circulação de jogadores e livre circulação do capital no futebol. A pesquisa baseia-se em um levantamento de dados a partir de fontes bibliográficas e documentais, sendo os procedimentos metodológicos que norteiam o presente trabalho de caráter exploratório-descritivo. Nesta perspectiva, a pesquisa teve o intuito de identificar as dinâmicas do sistema-mundo a partir da migração de atletas, as quais muitas vezes seguem a lógica colonial. Assim, o estudo visou contribuir para o entendimento da globalização no futebol masculino e feminino, demonstrando os fluxos migratórios na circulação de atletas na relação Periferia-Centro nos mundiais FIFA e apontar as questões e as especificidades do mercado do futebol praticado por mulheres.

**Palavras-chave:** Futebol. Globalização. Desigualdade. Circulação. Futebolistas.



## **ABSTRACT**

Throughout the 20th century, football has undergone several transformations, especially with the expansion of the International Football Federation (FIFA) under the management of Brazilian João Havelange, historically having two great forces: Europe and South America. With globalization, however, there was a process of increasing inequality, caused by various aspects, such as transnationalization, television quotas, corporate clubs and, mainly, the Bosman Ruling, with the free movement of players and free movement of capital in football. The research is based on a survey of data from bibliographical and documental sources, and the methodological procedures that guide this work are of exploratory-descriptive. In this perspective, the research aimed to identify the dynamics of the world-system from the migration of athletes, which often follow the colonial logic. Thus, the study aimed to contribute to the understanding of globalization in male and female football, demonstrating the migratory flows in the circulation of athletes in the Periphery-Center relationship in FIFA World Cups and pointing out the issues and specificities of the football market played by women.

**Keywords:** Football. Globalization. Inequality. Circulation. Footballers.

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1 - Títulos de Copa do Mundo de seleções masculinas
- Quadro 2 - Equipes sul-americanas que conquistaram o Campeonato Mundial de Clubes
- Quadro 3 - Ranking de donos de clubes mais ricos da Premier League
- Quadro 4 - Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da China
- Quadro 5 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-16 - 1987
- Quadro 6 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-16 - 1989
- Quadro 7 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 1991
- Quadro 8 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 1993
- Quadro 9 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2003
- Quadro 10 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2005
- Quadro 11 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2007
- Quadro 12 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2009
- Quadro 13 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2011
- Quadro 14 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2013
- Quadro 15 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-17 - 2015
- Quadro 16 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 1989
- Quadro 17 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 1991
- Quadro 18 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 1993
- Quadro 19 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2003
- Quadro 20 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2005
- Quadro 21 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2007
- Quadro 22 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2009
- Quadro 23 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2011
- Quadro 24 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2013
- Quadro 25 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2015
- Quadro 26 - Copa do Mundo de Futebol Masculino sub-20 - 2019
- Quadro 27 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 1988
- Quadro 28 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 1992
- Quadro 29 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 2004

Quadro 30 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 2008  
Quadro 31 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 2012  
Quadro 32 - Jogos Olímpicos - Futebol Masculino 2016  
Quadro 33 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 1990  
Quadro 34 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 2002  
Quadro 35 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 2006  
Quadro 36 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 2010  
Quadro 37 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014  
Quadro 38 - Copa do Mundo de Futebol Masculino 2018  
Quadro 39 - Mundial de Clubes 2000  
Quadro 40 - Mundial de Clubes 2005  
Quadro 41 - Mundial de Clubes 2006  
Quadro 42 - Mundial de Clubes 2007  
Quadro 43 - Mundial de Clubes 2008  
Quadro 44 - Mundial de Clubes 2009  
Quadro 45 - Mundial de Clubes 2010  
Quadro 46 - Mundial de Clubes 2011  
Quadro 47 - Mundial de Clubes 2012  
Quadro 48 - Mundial de Clubes 2013  
Quadro 49 - Mundial de Clubes 2014  
Quadro 50 - Mundial de Clubes 2015  
Quadro 51 - Mundial de Clubes 2016  
Quadro 52 - Mundial de Clubes 2017  
Quadro 53 - Mundial de Clubes 2018  
Quadro 54 - Mundial de Clubes 2019  
Quadro 55 - Mundial de Clubes 2020  
Quadro 56 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2008  
Quadro 57 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2010  
Quadro 58 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2012  
Quadro 59 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2014  
Quadro 60 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2016  
Quadro 61 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-17 - 2018  
Quadro 62 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-19 - 2002

Quadro 63 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-19 - 2004  
Quadro 64 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2006  
Quadro 65 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2008  
Quadro 66 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2010  
Quadro 67 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2012  
Quadro 68 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2014  
Quadro 69 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2016  
Quadro 70 - Copa do Mundo de Futebol Feminino sub-20 - 2018  
Quadro 71 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 1991  
Quadro 72 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 2003  
Quadro 73 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 2007  
Quadro 74 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 2011  
Quadro 75 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 2015  
Quadro 76 - Copa do Mundo de Futebol Feminino 2019  
Quadro 77 - Jogos Olímpicos - Futebol Feminino 2004  
Quadro 78 - Jogos Olímpicos - Futebol Feminino 2008  
Quadro 79 - Jogos Olímpicos - Futebol Feminino 2012  
Quadro 80 - Jogos Olímpicos - Futebol Feminino 2016

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Títulos dos Mundiais de Clubes

Tabela 2 - Taxa líquida de migração (por mil habitantes) no quinquênio 2015-20

Tabela 3 - Dados coletados de Jogadores/as

Tabela 4 - Dados coletados de Equipes

Tabela 5 - Dados coletados de Competições

Tabela 6 - Campeões Mundiais sub-16 e sub-17

Tabela 7 - Campeões Mundiais sub-20

Tabela 8 - Campeões Jogos Olímpicos

Tabela 9 - Campeãs Mundiais Feminino sub-17

Tabela 10 - Campeãs Mundiais Feminino sub-19 e sub-20

Tabela 11 - Campeãs Mundiais Feminino

Tabela 12 - Campeãs Olímpicas Feminino

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC - *Asian Football Confederation*

CAF - *Confédération Africaine de Football*

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CND - Conselho Nacional de Desporto

COI - Comitê Olímpico Internacional

CONCACAF - *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*

CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol

EFL - *English Football League Championship*

FA - Federação Inglesa

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*

OFC - *Oceania Football Confederation*

ONU - Organização das Nações Unidas

RSTP - *Regulation on the Status and Transfer of Players*

TMS - *Transfer Matching System*

UE - União Europeia

UEFA - *Union of European Football Associations*

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1: Copas do Mundo Sub 16 e 17

Gráfico 2: Copas do Mundo Sub 20

Gráfico 3: Jogos Olímpicos

Gráfico 4: Copas do Mundo

Gráfico 5: Mundiais de Clubes

Gráfico 6: Copas do Mundo Feminina Sub 17

Gráfico 7: Copas do Mundo Feminina Sub 19 e 20

Gráfico 8: Copas do Mundo Feminina

Gráfico 9: Jogos Olímpicos Feminino

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Ranking FIFA – Seleções Masculinas 2021

Figura 2: Ranking FIFA – Seleções Femininas 2021

## **LISTA DE SÍMBOLOS**

蹴鞠      Cuju (Antigo jogo de futebol originado na China)

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. ECONOMIA POLÍTICA DOS SISTEMAS-MUNDO, (DE)COLONIALIDADE E FUTEBOL .....</b>	<b>20</b>
2.1. Economia política dos sistemas-mundo: apontamentos teóricos .....	20
2.2. Pós-colonialismo, Futebol e (de)colonialidade .....	25
2.3. Globalização no futebol e a relação com os resultados de campo.....	36
<b>3. A GLOBALIZAÇÃO E O FUTEBOL: O PROCESSO DA ACENTUAÇÃO DE DESIGUALDADE.....</b>	<b>43</b>
3.1. FIFA e a gestão João Havelange .....	43
3.2. Transnacionalização, Televisão e Empresarização dos clubes .....	47
3.3. Lei Bosman - Livre circulação de jogadores e livre circulação do capital .....	59
3.4. Novos mercados: Mundo Árabe, China e o soft power no futebol.....	63
<b>4. FENÔMENO DA CIRCULAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL NOS MUNDIAIS MASCULINOS .....</b>	<b>71</b>
4.1. Mundiais FIFA de base e Jogos Olímpicos: a gênese da circulação.....	75
4.2. Copas do Mundo e circulação de futebolistas .....	113
4.3. Mundiais de Clubes e a globalização: análise da circulação de atletas .....	125
<b>5. AS FUTEBOLISTAS E A GLOBALIZAÇÃO .....</b>	<b>136</b>
5.1. Apontamentos históricos do futebol praticado por mulheres: do global ao local, do local à globalização .....	136
5.2. Circulação de jogadoras nos mundiais de base de futebol feminino.....	147
5.3. Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: o futebol feminino e o mercado de circulação das atletas.....	165
5.4. Futebol feminino e (r)esistência: impactos da globalização e reestruturação imposta .....	179
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>185</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>190</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em quase todos os tempos e lugares do mundo encontramos alguma referência a um jogo próximo ao futebol. Chineses, japoneses, italianos, gregos antigos, persas, vikings e muitos outros povos já jogavam algum tipo de jogo de bola em tempos muitos distantes. Porém, como modalidade esportiva e fenômeno sociocultural, o futebol é considerado como um dos principais fenômenos do século XXI e hoje considerado como o esporte mais praticado no mundo.

Como fenômeno sociocultural em nível global, deve ser compreendido sob uma ótica globalizada. Principalmente por ser praticado e vivenciado intensamente em países centrais e periféricos, é um campo de estudos para as Ciências Humanas, compreender suas particularidades e suas problemáticas. Desde o milionário mercado europeu, até antigas colônias, hoje potências no futebol, observa-se que raízes dessa dominação política, econômica e cultural - chamada de colonialismo - de alguns séculos ainda permanecem vivas na sociedade.

O pós-colonialismo como perspectiva intelectual, visa entender e desconstruir o colonialismo nos dias de hoje nas diversas dimensões da vida social. Tanto no ponto de vista político, como também do ponto de vista econômico, cultural e, conseqüentemente, do ponto de vista epistemológico, de forma intrínseca, chamada de colonialismo interno (GONZÁLEZ CASANOVA, 2007, p. 7).

A partir disso, também surgem os estudos decoloniais, que buscam acabar com as formas coloniais de pensamento, principalmente na versão eurocentrista. Em suma, a perspectiva pós-colonialista, visa quebrar a epistemologia do conhecimento criada e reproduzida ao longo dos séculos (QUIJANO, 2005, p. 119). A exploração e a negativa em aceitar a exploração como inevitáveis, ou justas, constitui a perene antinomia da era moderna, unidas em uma dialética, que está longe de alcançar sua culminância no século XX (WALLERSTEIN, 1974).

Em uma análise do futebol moderno, é preciso compreender a perspectiva ou análise do Sistema-Mundo Moderno, que analisa a formação do capitalismo nos

últimos cinco séculos como um sistema de alcance global e que tem suas expressões nas esferas econômica, política, social e cultural. Segundo Wallerstein (2001, p. 19), ao longo da formação desse sistema, houve mudanças nos centros hegemônicos do capitalismo, mas preservando-se posições centrais e periféricas. Diante disso, o sistema sempre foi uma economia-mundo baseada em trocas desiguais.

O futebol é claro exemplo da dinâmica do erudito e do popular, da maneira pela qual as classes trabalhadoras e dominantes estabelecem trocas de experiências e incorporações balizadas pelos laços de hegemonia e contra-hegemonia, dentro da visão lapidada por Antonio Gramsci (FILHO, 2019). Para a atual teoria do sistema-mundo, as fronteiras nacionais não são importantes para pensar o capitalismo como sistema social, pois este, conforme demonstra Wallerstein, nunca se deixou aprisionar dentro destas, desde o século XVI. O fato da expansão global do capitalismo e dos países do centro usarem as instituições multilaterais para manter o sistema-mundo funcionando, evidencia as estruturas e nas relações assimétricas entre os países (MARTINS, 2015, p. 107).

Para entender esse mecanismo observa-se a própria estrutura da economia-mundo, na divisão entre o espaço da economia (uma divisão social mundial do trabalho em nome da acumulação incessante de capital) e o espaço da política (organizado em torno de Estados, cada qual com responsabilidade autônoma por decisões políticas) (WALLERSTEIN, 2001, p. 29). Em busca incessante por mão-de-obra mais barata e maiores lucros, o sistema-mundo moderno avançou pelo mundo afora. Como um fenômeno em nível global, o futebol não ficou de fora: se tornou um espaço de acumulação de capital em um mercado bilionário para muitos “pés-de-obra” e diversos atores envolvidos nesse processo.

Antes de se analisar as consequências desse processo, é importante se fazer uma breve retrospectiva histórica. Giulianotti (2002) afirma que “para explorar a história social do futebol, devemos começar discutindo as origens do jogo”. O jogo moderno foi criado na Inglaterra com a formação da *The Football Association* (entidade que precedeu a *Fédération Internationale de Football Association*, conhecida atualmente como FIFA), cujas regras de 1863 são a base do desporto na atualidade. A história, muitas vezes, é uma narrativa sobre o sexo masculino, e constitui o gênero ao definir que somente, ou principalmente, os homens fazem

história (PEDRO, 2005, p. 87). Apesar do futebol ter sido praticado inicialmente por homens, logo foi também praticado por mulheres.

Principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, enquanto os homens lutavam nos campos de batalha, as partidas de futebol feminino<sup>1</sup> eram necessárias para angariar dinheiro durante a Grande Guerra. Com isso, tornou-se rapidamente num fenômeno incontrolável sem precedentes. A equipe Dick, Kerr Ladies F.C. era a mais famosa de Inglaterra, chegando a atrair mais de 50 mil espectadores no Boxing Day de 1920, mas não passava da ponta do iceberg (RIAL, 2015; SILVA, 2019).

Contudo, para entender o fenômeno do futebol e seu estágio atual como esporte, é importante conhecer os aspectos políticos que causaram uma ruptura no esporte, principalmente na modalidade feminina, o que conseqüentemente gerou um desenvolvimento maior da modalidade masculina sob o ponto de vista econômico, causando assimetrias até os dias atuais.

Em 1921, a guerra já tinha acabado, as competições de futebol masculino regressavam e a dinâmica imposta pelas mulheres era sentida mais como uma ameaça do que algo complementar. A Federação Inglesa de Futebol (FA) sentiu o novo paradigma e, pressionada por vários quadrantes, a 5 de dezembro, a direção decidiu banir qualquer prática do até então chamado 'futebol feminino' nos estádios.

O cerne da questão era outro, o dinheiro. As equipes eram constituídas por trabalhadoras de fábricas e as equipas começaram a jogar para reunir fundos para apoiar grevistas, sobretudo, mineiros. Este desafio ao poder instalado gerou controvérsia e foi um motivo forte para pressionar a Federação Inglesa a tomar uma decisão. O destino do dinheiro era uma dupla afronta: não só ajudava a combater o poder patronal como retirava receita à própria federação (SILVA, 2019).

Porém, não foi apenas na Inglaterra, o futebol praticado por mulheres no Brasil foi proibido por cerca de 40 anos, e em alguns países até hoje mulheres são

---

<sup>1</sup> Autores como Rial (2012), assim como Kessler e Souza Júnior (apud PEREIRA, 2019), dissertam sobre o termo "futebol de mulheres ou praticado por mulheres", o qual deve ser usado em substituição ao uso hegemônico de "futebol feminino". Futebol é modalidade única, não havendo diferenciação nas regras de acordo com o gênero de quem o/a pratica, sendo equivocada a utilização dos termos futebol feminino e futebol masculino. Contudo, em razão da consagração do termo "futebol feminino" em competições, documentos, artigos e legislação, assim como no imaginário popular, por vezes poderá aparecer no que se referir a alguma das categorias citadas.

proibidas de entrar em estádios de futebol. Em contrapartida, no futebol masculino há competições em nível mundial desde 1900, nos Jogos Olímpicos de Paris<sup>2</sup>, onde a Grã-Bretanha se sagrou campeã.

Com o processo de imigração no início do século XX, o futebol acabou se disseminando, principalmente pela América do Sul, e o Uruguai, antiga colônia espanhola, se sagrou bicampeão olímpico em 1924 e 1928. Em 1930, ocorre o primeiro mundial de seleções masculinas FIFA, com sede no Uruguai, onde o país anfitrião se tornaria o primeiro campeão da Copa do Mundo, batendo a Argentina, outra ex-colônia espanhola.

Ao longo do século XX, o futebol passou por diversas transformações, mas foi se desenvolvendo, principalmente com o crescimento da Federação Internacional de Futebol (FIFA) na gestão do brasileiro João Havelange, e possuía duas grandes forças: Europa e América do Sul. Com a intensificação do processo de globalização, porém, ocorreu uma acentuação da desigualdade competitiva, causado por diversos aspectos, como pela transnacionalização, pela televisão, pela empresarização de clubes e, principalmente, pela Lei Bosman, com a livre circulação de jogadores e livre circulação do capital no futebol, elemento que serão abordados no Capítulo 3.

Nesta perspectiva, a pesquisa teve o intuito de identificar como ocorre a concentração do capital, analisando as dinâmicas do sistema-mundo e a migração de atletas, principalmente o fluxo de transferência de jogadores e jogadoras dos países periféricos aos países do centro global, seguindo a lógica colonial. Assim, o estudo visa contribuir para o entendimento da globalização no futebol masculino e feminino, abordando aspectos contemporâneos para entender a espacialização do fenômeno ao redor do mundo, baseado na teoria do sistema-mundo moderno.

O trabalho visou demonstrar, através da perspectiva da Economia Política dos Sistemas-Mundo, o poder que o centro global ainda detém em relação à periferia, evidenciado no mercado do futebol, com o fluxo de circulação de atletas (homens e mulheres) no eixo periferia-centro, que, em uma ótica colonial, acentuou a

---

<sup>2</sup> Porém, a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos nunca foi algo simples. Se na Grécia Antiga não podiam sequer assistir às competições, a edição inicial dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, disputada entre dias 6 e 15 de abril de 1896 era um pouco mais liberal, somente não permitindo que competissem. O próprio fundador do movimento olímpico, o francês Pierre de Frédy, mais conhecido como Pierre de Coubertin (1863-1937), era reticente à ideia de ver mulheres competindo. Elas começaram atuando em esportes alternativos do programa olímpico, como o tênis, o golfe e o tiro com arco. Só entrariam nas chamadas "modalidades nobres" mais tarde: na natação, em 1912, e no atletismo, só em 1928 (COSTA, 2009).

desigualdade no esporte. Com isso, buscou-se compreender os fenômenos da globalização no futebol, demonstrar os fluxos migratórios na circulação de atletas (homens e mulheres) na relação Periferia-Centro nos mundiais FIFA e apontar as questões e as especificidades do mercado do futebol praticado por mulheres.

## **2 ECONOMIA POLÍTICA DOS SISTEMAS-MUNDO, (DE)COLONIALIDADE E FUTEBOL**

### **2.1 Economia política dos sistemas-mundo: apontamentos teóricos**

Nos últimos anos, há um debate ao redor das convergências e divergência da Teoria da Dependência, de Ruy Mauro Marini, e da Análise dos Sistemas-Mundo, de Immanuel Wallerstein. Ambas com visões críticas ao sistema neoliberal, possuindo semelhanças e distinções teóricas entre os autores e seus desdobramentos.

Há convergências importantes, como que ambas perspectivas teóricas partilham a concepção de que o capitalismo se expande e começa sua mundialização a partir do século XVI. Para a Teoria da Dependência, a estrutura do sistema capitalista mundial divide-se entre países imperialistas e países dependentes, com a possibilidade do exercício de uma política subimperialista por alguns países dependentes. Já para a Análise dos Sistemas-Mundo, conhecida também como Sistema-Mundo Moderno, a economia-mundo é estruturada por um modelo trimodal com centros, semiperiferias e periferias (SEABRA, 2019, p. 174-175).

A partir disso, os conceitos de centro, periferia e semiperiferia de Wallerstein são importantes para a pesquisa, assim como o de Norte e Sul-Global (como será visto adiante, na perspectiva pós-colonial/decolonial). A economia-mundo é o sistema social (histórico) que surgindo na Europa no século XVI se expandiu por todo o globo terrestre. Seus componentes são o subsistema interestatal formado pelos estados nacionais e o subsistema econômico, constituído pelas cadeias mercantis mundiais que perpassam os territórios daqueles estados.

Para essa perspectiva, os Estados nacionais são unidades políticas, formalmente autônomas e soberanas, nos quais, o conjunto de instituições que formam o aparelho de poder, buscam monopolizar o poder sobre o respectivo território. Mas cada estado atua ou exerce sua soberania como parte do subsistema interestatal. Este grupo de estados compõe o centro da economia-mundo, daí para baixo localizam-se os Estados com menor quota da riqueza e do poder mundiais: estados semiperiféricos e periféricos.

Nesse sentido, Batista Filho (2009, p. 53-54) diz que:

Neste sistema, Wallerstein atribuiu uma importância fundamental às Semiperiferias, na medida em que servem de mediação entre a polarização Centro-Periferia. Ao receber parte da riqueza do Centro ao qual está associada, numa perspectiva sistêmica, previne-se que as Semiperiferias caiam na polarização em favor da Periferia, embora não lhe sejam dados incentivos e possibilidades suficientes para que adquira um poder político, econômico e militar concorrente com os do Centro. O sistema mundial capitalista é muito heterogêneo em termos culturais, políticos e econômicos, abrangendo grandes diferenças de desenvolvimento civilizacional, acumulação de capital e poder político. Ao contrário da perspectiva positivista da modernização e desenvolvimento capitalista, Wallerstein não atribui essas diferenças a um atraso de certas regiões face a outras, cuja dinâmica histórica do sistema tenderia a apagar, mas à própria natureza do sistema mundial. Neste é inerente uma divisão entre Centro, Periferia e Semiperiferia, em função da divisão do trabalho entre as regiões. (...) A Semiperiferia é um espaço de desenvolvimento intermediário, que funciona como um Centro para a Periferia e como uma Periferia para o Centro. Em finais do séc. XX, por exemplo, a Semiperiferia incluía regiões como o a Europa Oriental, o Brasil e a China. Esses espaços centrais, semiperiféricos e periféricos podem coexistir em espaços muito próximos.

No entanto, o sistema é dinâmico, em parte como resultado das revoluções em tecnologia de transporte, e os estados individuais podem ganhar ou perder o status de núcleo (semiperiferia, periferia) ao longo do tempo. Como exemplo, se constatou que por um determinado tempo, alguns países foram hegemônicos durante os últimos séculos, mas como o sistema-mundo se estendeu geograficamente, intensificando sua atividade economicamente, esse status passou da Holanda para o Reino Unido e, mais recentemente, para os Estados Unidos (PIZARRO et al, 2020, p. 143).

A perspectiva teórica do Sistema-Mundo é salienta que o mundo em si deveria ser a unidade principal de análise social, e não os Estados-nação. O chamado Sistema-Mundo Moderno refere-se à inter-regional e transnacional divisão do trabalho, que divide o mundo em países centrais, os países semiperiféricos, e os países da periferia. Enquanto o resto do mundo concentra baixa qualificação, produção e extração de matérias-primas, reforçando constantemente o domínio dos países centrais, esses concentram maior capital de produção e técnicas.

Contudo, o sistema é dinâmico, e os estados individuais podem ganhar ou perder o status de núcleo (semiperiferia, periferia) ao longo do tempo. Como pode-se

exemplificar, se observa que por um determinado tempo, alguns países foram hegemônicos durante os últimos séculos, mas como o sistema-mundo se estendeu geograficamente, intensificando sua atividade economicamente, esse status passou da Holanda para o Reino Unido e, mais recentemente, para os Estados Unidos.

Enrique Dussel (2011) traz uma contribuição para esse debate, mas sob a ótica epistemológica eurocentrista:

A "hipótese" de um Sistema-Mundo surgiu como contrapartida de um primeiro eurocentrismo, que pensava que a Europa, de suas alegadas origens medievais grega e latina, produzia "de dentro" valores, sistemas instrumentais (posições de Hegel, Marx, Weber ou Sombart) que se tornou universal nos últimos cinco séculos, na época da Modernidade. Esta posição eurocêntrica, formulada pela primeira vez no final do século XVIII, com os "iluministas" franceses e ingleses, e os "românticos" alemães, reinterpretou toda a História Mundial, projetando a Europa no passado e tentando demonstrar (demonstração que deu frutos para a Europa nos últimos dois séculos) que tudo foi preparado na História Universal para que esta Europa fosse "o fim e o centro da História Mundial" - nas palavras de Hegel. Foi com os "enciclopedistas" que começou a distorção da história pela primeira vez (L'Esprit des Lois de Montesquieu é um bom exemplo), mas também com os ingleses "iluminados", e na Alemanha com Kant e, finalmente, com Hegel, para o qual o "Oriente" foi a "infância (Kindheit)" da humanidade, o lugar do despotismo e da não-liberdade, de onde mais tarde o Espírito (o Volksgeist) ascenderá em direção ao Ocidente, como em um caminho para a plena realização de Liberdade e Civilização. A Europa sempre teria sido escolhida pelo Destino para ser o significado final da História Universal (Tradução própria)<sup>3</sup>.

A partir da década de 1970, desenvolveu-se a versão mais conhecida da análise de sistemas-mundo. Para Wallerstein (2005, p. 27), a ascensão do capitalismo foi resultado da longa crise do feudalismo, onde a Europa utilizou seu controle sobre a maior parte do mundo, conquistando vantagens econômicas,

---

<sup>3</sup> La "hipótesis" de un World-System surgió como contrapartida de un primer eurocentrismo, que pensó que Europa, desde sus pretendidos orígenes griegos y medievales latino, produjo "desde-dentro" los valores, los sistemas instrumental es (posiciones de Hegel, Marx, Weber o Sombart) que se universalizaron en los últimos cinco siglos, en el tiempo de la Modernidad. Esta posición eurocéntrica que se formula por primera vez a finales del siglo XVIII, con la "Ilustración" francesa e inglesa, y los "románticos" alemanes, reinterpretó la Historia Mundial toda entera, proyectando a Europa hacia el pasado, e intentando demostrar (demostración que ha rendido frutos a Europa en los dos últimos siglos) que todo había sido preparado en la Historia Universal para que dicha Europa fuera "el fin y el centro de la Historia Mundial" -al decir de Hegel. Fue con los "Enciclopedistas" que comienza por primera vez la distorsión de la historia (L'Esprit des Lois de Montesquieu es un buen ejemplo), pero igualmente con los "ilustrados" ingleses, y en Alemania con Kant, y finalmente con Hegel, para el que el "Oriente" era la "niñez (Kindheit)" de la humanidad, el lugar del despotismo y la no-libertad, desde donde posteriormente el Espíritu (el Volksgeist) remontará hacia el Oeste, como en un camino hacia la plena realización de la Libertad y la Civilización. Europa habría sido desde siempre elegida por el Destino para ser el sentido final de la Historia Universal.



presidindo o desenvolvimento e propagando a industrialização e o capitalismo que, de forma indireta, resultou em um desenvolvimento desigual.

Sendo um movimento epistemológico, a análise dos Sistemas-Mundo é, sobretudo, uma perspectiva analítica que visa transcender as estruturas do conhecimento herdado do século XIX. Sua visão é a de que se deve inventar uma nova linguagem, transcendendo as ilusões sociais, econômicas e políticas impostas pelos colonizadores através da alienação de mundos biofísicos (PIZARRO et al, 2020, p. 143).

Em uma análise desse sistema mundo, Restrepo e Rojas (2010, p. 72) dizem que:

Como resultado da consolidação do sistema-mundo moderno, a Europa passou por grandes transformações. Talvez a de maior incidência tenha a ver com a legitimação de um sistema altamente desigual, tanto nas sociedades europeias quanto nas colônias estabelecidas do outro lado do Atlântico, na nascente América. O lugar que a Europa conquistou no contexto do sistema nascente levou-a a ser o centro de poder no contexto mundial nos séculos seguintes. (Tradução própria)<sup>4</sup>.

O chamado subsistema econômico forma-se em estreita relação com o chamado subsistema interestatal, composto pela imensa rede de cadeias mercantis mundiais que recortam todos os cantos do globo terrestre. Considera-se que uma cadeia mercantil é o conjunto de atividades necessárias para que uma mercadoria seja produzida e consumida. Abarca, portanto, desde a produção da matéria-prima, equipamentos, até o consumo. A extensão espacial da economia-mundo é dada pela extensão das cadeias mercantis (PIZARRO et al, 2020, p. 143-144).

A partir disso, os diversos nódulos que compõem uma cadeia mercantil apresentam diferentes rentabilidades, as quais são inversamente proporcionais à competição verificada neste nódulo. Ao se concentrarem em diferentes regiões do globo, os nódulos (de alta, média e baixa rentabilidade) acabam segmentando a

---

<sup>4</sup> *Como resultado de la consolidación del sistema-mundo moderno, Europa vivió grandes transformaciones. Tal vez la de mayor incidencia tiene que ver con la legitimación de un sistema altamente desigual, tanto al interior de las sociedades europeas, como en las colonias establecidas al otro lado del Atlántico, en la naciente América. El lugar que ganó Europa en el contexto del sistema naciente la llevó a ser el centro del poder en el contexto mundial durante los siguientes siglos.*

economia-mundo em três regiões econômicas: centro, semiperiferia e periferia, as quais coincidem em grande parte com certo grupo de estados: os centrais, os semiperiféricos e os periféricos. Por abrigarem a maior parte das atividades de alta rentabilidade, os países centrais se apropriam da maior ou de grande parte da riqueza produzida ao longo da cadeia (PIZARRO et al, 2020, p. 144). Pode-se então dizer que o sistema-mundo moderno é heterogêneo em termos culturais, políticos e econômicos, possuindo grandes diferenças de desenvolvimento civilizacional, acumulação de capital e poder político. Wallerstein (2005, p. 47) atribui estas diferenças à própria natureza do sistema-mundo.

Para Arienti e Filomeno (2007, p. 105):

(...) o capitalismo expandiu-se territorialmente para integrar novas áreas sob seu domínio. Essa expansão realizou-se por meio de capitais respaldados pelos Estados nacionais. Paralelamente à formação da economia-mundo capitalista, havia também a manutenção e o acirramento da rivalidade entre os Estados nacionais, não mais movidos apenas pela pilhagem ou pela conquista territorial para arrecadação de tributos, como era esperado na expansão de um império, mas para apoiar os seus capitais, organizar uma divisão do trabalho mais ampla, garantir condições de monopólio para seus capitais e, com isso, gerar maiores rendas e arrecadar tributos.

Oscilando entre momentos de caos e governabilidade, o sistema internacional deriva de um poder hegemônico que exerce papel central na economia-mundo e o caos decorrente da crise hegemônica, ou seja, uma escalada da competição e dos conflitos que ultrapassa a capacidade reguladora das estruturas existentes (ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 42). No que tange à análise histórica, iniciou-se com o domínio holandês no século XVII, após ele houve domínio inglês no século XIX e, por fim, o norte-americano no século XX.

Nos últimos anos, pode-se perceber a ascensão do Leste da Ásia como “o centro mais dinâmico dos processos de acumulação de capital” em que a China exerce o papel central. Em “Adam Smith em Pequim: Origens e fundamentos do Século XXI”, Arrighi (2008) busca uma explicação teórica e histórica para o ressurgimento econômico e político da Ásia Oriental, que tem a China como centro dinâmico. Dentro dessa sistemática, o centro ainda é a área de grande desenvolvimento tecnológico, sendo a periferia a área que fornece matérias-primas, produtos agrícolas e força de trabalho barata.

A perspectiva econômica pode revelar para a História dos Esportes aspectos interessantes acerca das suas dinâmicas dentro do ambiente esportivo e,

principalmente, conectado à realidade social que o cerca (SOUZA, 2021, p. 13). Em razão disso, evidencia-se que a troca econômica entre periferia e centro é desigual, já que países periféricos têm de vender barato os seus produtos enquanto, muitas vezes, compram caros produtos de países do centro. Essa assimetria ocorre também no mercado do futebol, com rotas de circulação de atletas que lembram uma ótica colonial.

## **2.2 Pós-colonialismo, (de)colonialidade e futebol**

A perspectiva pós-colonial aborda sob uma ótica crítica os fatos que constituem a identidade após a descolonização de um povo. Alguns aspectos derivam de uma lógica colonial, principalmente a imposição de conhecimento do colonizador sobre os povos colonizados. Com isso, o aspecto principal dessa perspectiva é entender o modo de aplicação desse conhecimento cultural para subjugar um povo não-europeu em uma colônia de determinado país europeu.

A partir de então, se criam identidades culturais de "colonizador" e "colonizado". Um importante conceito que surge é o de 'colonialismo interno', no qual Casanova (2007) versa:

A definição do colonialismo interno está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal. Os povos, minorias ou nações colonizadas pelo Estado-nação sofrem condições semelhantes às que os caracterizam no colonialismo e no neocolonialismo em nível internacional: 1) habitam em um território sem governo próprio; 2) encontram-se em situação de desigualdade frente às elites das etnias dominantes e das classes que as integram; 3) sua administração e responsabilidade jurídico-política concernem às etnias dominantes, às burguesias e oligarquias do governo central ou aos aliados e subordinados do mesmo; 4) seus habitantes não participam dos mais altos cargos políticos e militares do governo central, salvo em condição de "assimilados"; 5) os direitos de seus habitantes, sua situação econômica, política social e cultural são regulados e impostos pelo governo central; 6) em geral os colonizados no interior de um Estado-nação pertencem a uma "raça" distinta da que domina o governo nacional e que é considerada "inferior", ou ao cabo convertida em um símbolo "libertador" que forma parte da demagogia estatal; 7) a maioria dos colonizados pertence a uma cultura distinta e não fala a língua "nacional".

De maneira geral, pode-se dizer que Pós-colonialismo é um conjunto de teorias que analisam os efeitos políticos, filosóficos, artísticos e literários deixados pelo colonialismo nos países colonizados. Essa perspectiva tornou-se conhecida nos anos de 1970, a partir da obra "Orientalismo" de Edward Said, descrevendo a relação social com o qual a Europa Ocidental intelectualmente dividiu o mundo em "Ocidente" e "Oriente".

Ainda há outros autores que se pode considerar como pioneiros, como Frantz Fanon (1965) em "Os condenados da terra", onde ele analisa clinicamente a natureza do colonialismo como essencialmente destrutivo, pois os efeitos de uma imposição de identidade colonial são prejudiciais para a saúde mental dos povos de cor que foram subjugados em colônias.

Spivak (2010) é autora do livro "Pode o subalterno falar?", em que aponta que povos subalternos nunca podem expressar suas formas de conhecimento (pensamento, raciocínio, linguagem). De acordo com a autora, o pensamento eurocêntrico faz com que os subalternos devam estar em conformidade com as formas ocidentais de conhecimento do mundo.

Em *Provincializing Europe*, Chakrabarty (2010) traçou a história subalterna da luta pela independência indiana. Nessa obra, o autor rebate o pensamento eurocentrista, propondo que a Europa Ocidental simplesmente seja considerada culturalmente igual às outras culturas do mundo (CASTRO-GÓMEZ, 2005). A partir desses estudos, da perspectiva pós-colonial, desponta um movimento latino-americano emergente que tem como foco entender a modernidade no contexto de uma forma de teoria crítica aplicada a estudos étnicos.

Então, começa a aparecer na literatura o termo "decolonial", que não é apenas o processo de descolonização de um povo. Como descrito por Walter D. Mignolo (2005), surge como opções analíticas e práticas que confrontam e desvinculam a matriz colonial de poder. Pode ser contrastado com a colonialidade que é "a lógica subjacente da fundação e desdobramento da civilização ocidental desde a Renascença até hoje", referida como a matriz colonial de poder ou de colonialidade do poder (PIZARRO, 2020a, p. 53).

Mesmo com a colonização formal tendo terminado com a descolonização da maioria dos países do continente americano durante o século XIX, e com a descolonização de grande parte do sul global no final do século XX, surgiram novas

formas de colonização, através da sistemática neoliberal e globalizada, a qual perpetuou desigualdades. A matriz colonial ainda reproduz a discriminação social, eventualmente, codificada como "racial", "étnica", "antropológica" ou "nacional" de acordo com os contextos históricos, sociais e geográficas específicas (QUIJANO, 1992).

A decolonialidade é um confronto contínuo de desvincular a ótica eurocentrista, ou seja, quebrar a ideia de que a história da civilização humana tem sido a história europeia, acabando com as diferenças do sujeito europeu e não-europeu (PIZARRO, 2020a, p. 53). O pensamento decolonial tem sido chamado de uma forma de "desobediência e reconstrução epistêmica", um meio de eliminar a tendência provincial para fingir que os modos de pensar da Europa Ocidental são de fato universais, buscando a "libertação social de todo o poder organizado da desigualdade, discriminação, exploração e dominação" (MIGNOLO, 2010).

Para Quijano (2010), decolonialidade é uma resposta à relação de dominação direta, política, social e cultural estabelecida pelos europeus. Diante disso, decolonizar é colocar em cheque, se perguntar e problematizar todo e qualquer pensamento com base no eurocentrismo. Um desses pensamentos é o de que a história do mundo é baseada na história da Europa, como ela sendo a lógica da civilização ocidental.

Mignolo (2011) diz que decolonialidade é o reconhecimento e implementação de uma razão subalterna. Isso significa que decolonialidade refere-se a abordagens analíticas, epistemológicas, além de práticas socioeconômicas e políticas que se opõem aos pilares da civilização ocidental: colonialidade e modernidade.

Para estudar o futebol moderno, é importante compreender a lógica da modernidade no contexto colonial. Esse conceito identifica as ordens hierárquicas raciais, políticas e sociais impostas pelo colonialismo europeu na América Latina, impondo valores para certos povos e privando direitos, resultando em um discurso categórico e discriminatório que se reflete na macroestrutura social e econômica, e que continua a se refletir na estrutura das sociedades pós-coloniais modernas.

Em 1998, surge o grupo conhecido como "Modernidade/Colonialidade", o qual é composto por grandes autores e autoras (em sua maioria latino-americanos), com

o intuito de estudar e debater essa temática, visando formar novas teorias do sul-global para o sul-global. No manifesto inaugural do grupo (1998), consta que:

O que norteia o nosso trabalho é, principalmente, o consenso quanto à necessidade de construção de um mundo democrático. Acreditamos que o caráter ético e epistemológico desse consenso e o destino dos processos de democratização na América Latina estão vinculados de tal forma que impõem novos desafios e demandas ao nosso trabalho como acadêmicos e educadores. Isso implica, por um lado, uma maior sensibilidade à complexidade das diferenças sociais e, por outro, a criação de uma plataforma plural, embora limitada, de pesquisa e discussão em que todos possam participar. As configurações tradicionais da democracia e do Estado-nação têm impedido que as classes sociais subalternas participem ativamente dos processos políticos e da constituição do conhecimento acadêmico, sem reconhecer suas contribuições potenciais como capital humano (exceto para explorá-lo). (Tradução própria)<sup>5</sup>

Alocados tanto em universidades do norte como do sul-global, é um movimento, basicamente, formado por pensadores e intelectuais latino-americanos, sendo estudadas suas teorias em diversas universidades ao redor do mundo. Ballestrin (2013) versa que:

O Grupo Modernidade/Colonialidade possui méritos importantes de serem destacados. Trata-se de um trabalho reflexivo coletivo, transdisciplinar e engajado, que ao mesmo tempo em que oferece novas leituras analíticas, é capaz de pensar em termos propositivos e programáticos. Com isso, projeta sua importância para o mundo e para a América Latina, renovando utopia e crítica nas ciências sociais latino-americanas. Sua proposta é ao mesmo tempo provocativa e desconfortável, dado o tom de indeferimento radical às conquistas do passado via liberalismo e marxismo e às influências de escolas que o permitiram, afinal, existir. Essa sensação deve-se ao fato de que seus autores dialogam de uma maneira seletiva com os nomes clássicos – modernos e contemporâneos – das ciências sociais e da filosofia, geralmente, apontando suas deficiências na cobrança de um elemento (colonial) sobre o qual o próprio contexto demandava iluminação. Entretanto, uma de suas estratégias consiste mesmo na revisão do que é considerado clássico.

A partir disso, se dá o diálogo entre teorias e perspectivas. Partindo como base as ideias pós-coloniais e decoloniais, conhecendo o grupo “Modernidade/Colonialidade” e sabendo de suas ideias, fica claro os desafios que

---

<sup>5</sup> *Lo que establece las pautas de nuestro trabajo es, principalmente, el consenso respecto a la necesidad de construir un mundo democrático. Creemos que la naturaleza ética y epistemológica de este consenso y el destino de los procesos de democratización en Latinoamérica están unidos de tal forma, que imponen nuevos retos y exigencias a nuestra labor como académicos y educadores. Esto implica, por un lado, una mayor sensibilidad frente a la complejidad de las diferencias sociales y, por el otro, la creación de una plataforma plural, aunque limitada, de investigación y discusión en la que todos puedan tomar parte. Las configuraciones tradicionales de la democracia y el estado-nación han impedido que las clases sociales subalternas tomen parte activa en los procesos políticos y en la constitución del saber académico, sin reconocer sus contribuciones potenciales como capital humano (excepto para explotarlo).*

possuem, principalmente em razão da heterogeneidade dos fenômenos causados até os dias de hoje pelo colonialismo, na ótica da modernidade.

Problemas oriundos das raízes coloniais ocorrem de forma constante na sociedade. Estádios de futebol são locais em que se observa com frequência os acontecimentos desse tipo de problema, como preconceito racial, xenofobia, violência, dentre outros. São locais onde os ânimos se acirram e a capacidade de entendimento, de compreensão moral, ética, por vezes, desaparecem.

A busca de um processo de decolonização pelos países periféricos é um processo que exige uma decolonização interna e intersubjetiva. Em razão disso, se busca mecanismos que podem ser importantes nesse processo. O esporte surge como um desses mecanismos, com grande potencial decolonial, o qual quebra muitas barreiras do pensamento eurocentrista e colonial. Considerado como o esporte mais praticado no mundo, possui uma penetração nas altas classes sociais das grandes potências, assim como nas camadas mais baixas da população de países pobres, os mais atingidos pelas barbáries decorrentes do atual sistema neoliberal. No mundo globalizado, o futebol profissional é tratado como um negócio altamente lucrativo, imerso na modernidade do sistema-mundo. Contudo, apesar de ser um esporte democrático em sua essência, sendo praticado por pessoas no mundo inteiro, possuindo mais países com federações nacionais ligadas ao órgão máximo do futebol do que nações ligadas à Organização das Nações Unidas, traz à tona uma série de problemas. Um dos maiores problemas enfrentados ao redor do mundo é o racismo sofrido por jogadores negros no futebol mundial, não se restringindo apenas a Europa, mas em todo planeta. Assim como casos de violência e de xenofobia com jogadores e torcedores dos mais diferentes lugares. Nesse sentido, o entendimento das causas desses problemas é fundamental e, a partir disso, tentar entender como o futebol pode ser útil no processo de decolonização dos países periféricos (PIZARRO, 2020a, p. 56).

Mesmo com a criação de um grupo para entender a lógica da modernidade/colonialidade, o processo de desconstrução é complicado e envolve diversos fatores, pois está enraizado na cultura das sociedades, tanto periféricas como do centro. O futebol é uma das esferas em que os colonizados conseguiram lugares altos numa hierarquia que inclui os antigos colonizadores. Porém, esse mesmo futebol, por ser um esporte que envolve fortes questões ideológicas, fanatismo e paixão, reproduz muitos casos em que esses efeitos aparecem de forma clara.

Quijano (1992) versa que a estrutura colonial de poder resultou em um sistema de castas, classificando os espanhóis no topo e, os povos que eles conquistaram, devido às suas diferentes características fenotípicas, eram uma



cultura que se presumia inferior. Observa-se que situações como essas ocorrem tanto em partidas internacionais, como em jogos de campeonatos nacionais, ocasionando uma série de problemas, sendo os mais graves casos de racismo, xenofobia e violência.

O preconceito, ligado diretamente com raízes históricas, é algo que atravessa os anos no futebol, sendo o racismo um de seus principais. Muitos registros ao longo do tempo, ainda havendo casos em diversos lugares do mundo, principalmente na América Latina e Europa, envolvendo atletas e torcedores. Diante de acontecimentos dessa índole, o pensamento colonial se perpetua em sua forma mais primitiva e preconceituosa, acabam gerando atos de violência, com finais trágicos em certos casos.

Com relação a sua origem, Restrepo e Rojas (2010) versam que:

O racismo é inerente à experiência colonial. Inicialmente é articulado como racismo biológico, como ‘racismo vulgar’; posteriormente, com a mudança das condições de dominação colonial, surge um racismo cultural, mais elaborado. Esta distinção apela a um deslocamento do biológico para o modo de existência: “O racismo vulgar, primitivo, simplista procurou encontrar no biológico, visto que as Escrituras se revelaram insuficientes, a base material de sua doutrina” (Fanon 1963: 39). Porém, “esse racismo que quer ser racial, individual, determinado, genotípico e fenotípico, se transforma em racismo cultural” (1963: 39). Em outras palavras, “O objeto do racismo deixa de ser o homem individual e é uma certa forma de existir” (1963: 40). Seja como racismo vulgar ou cultural, o racismo não é um fenômeno de indivíduos com desvios morais, que em algum momento seriam superados, mas é constitutivo de formações sociais coloniais tanto do lado do país colonizado quanto do colonizador; (Tradução própria)<sup>6</sup>.

Nas perspectivas pós-colonial e decolonial, também se utilizam expressões como centro, periferia e semiperiferia. Contudo, há divisão global possui como eixo centrais os conceitos de Norte-Global e Sul-Global. Se tratando de casos de racismo, xenofobia e violência, ocorrem em ambos espectros globais, porém, com suas especificidades. Dentro das perspectivas teóricas apresentadas, aparecem mais

---

<sup>6</sup> *El racismo es consustancial a la experiencia colonial. Inicialmente se articula como racismo biológico, como ‘racismo vulgar’; posteriormente con el cambio de las condiciones de dominación colonial emerge un racismo cultural, uno más elaborado. Esta distinción apela a un desplazamiento de lo biológico al modo de existencia: “El racismo vulgar, primitivo, simplista, pretendía encontrar en lo biológico, ya que las Escrituras se habían revelado insuficientes, la base material de su doctrina” (Fanon 1963: 39). No obstante, “Este racismo que se quiere racial, individual, determinado, genotípico y fenotípico, se transforma en racismo cultural” (1963: 39). Es decir, que “El objeto del racismo deja de ser el hombre particular y sí una cierta manera de existir” (1963: 40). Ya sea como racismo vulgar o cultural, el racismo no es un fenómeno de individuos con desviaciones morales, que en algún momento sería superado, sino que es constitutivo de las formaciones sociales coloniales tanto del lado del país colonizado como del colonizador.*



ênfatisadas na perspectiva decolonial do que na dos Sistemas-Mundo, onde há uma parte relativa à cultura, mas a economia está no epicentro das questões.

Trabalhando com as problematizações entre o objeto e as perspectivas teóricas, mesmo não sendo o foco principal da pesquisa, é importante apontar alguns casos a título de exemplificação. Dentro do próprio Sul-Global, alguns desses atos citados são entre sul-americanos, como no caso do torneio Clausura de 2009 na Argentina, no qual a Federação Boliviana protestou ante a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) contra atos xenófobos da torcida do Independiente, que usou bandeiras da Bolívia e do Paraguai para ofender o adversário Boca Juniors:

No estádio, um grupo de torcedores do Independiente estendeu bandeiras da Bolívia e do Paraguai, tendo em vista provocar a torcida adversária. Isso se deu em virtude do alto número de imigrantes bolivianos e paraguaios que vivem na Argentina. Grande parte se concentra em regiões menos favorecidas de Buenos Aires, sendo algumas perto do Estádio do Boca Juniors, e em decorrência disso, muitos viraram torcedores da equipe do bairro de La Boca. O presidente da Federação Boliviana declarou que a atitude não só afeta a dignidade boliviana, como também a paraguaia. Ainda, foi questionada a postura da arbitragem, que permitiu a continuidade do jogo ao invés de pedir que se recolhessem as bandeiras. Contudo, apesar desse fato, pouco tempo depois os atos de xenofobia repetiram-se na Argentina. Novamente pelo fato da equipe do Boca Juniors ter muitos torcedores bolivianos e paraguaios. Na vez seguinte, os responsáveis foram os 'hinchas' do Vélez Sarsfield. No Estádio José Amalfitani, o triste episódio envolvendo uma torcida sul-americana ocorreu em uma partida onde apenas havia torcedores do time da casa. Membros do público do Vélez entoaram um coro preconceituoso, ironizando a origem migracional de muitos torcedores do Boca Juniors. A canção preconceituosa rapidamente repercutiu no gramado. Porém, dessa vez, o árbitro paralisou o confronto até que cessasse o ato xenofóbico (PIZARRO, 2020a, p. 59-60).

Com casos recorrentes de xenofobia no país, na Copa América de 2011, que foi disputada na Argentina, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) promoveu uma campanha para evitar casos de discriminação no torneio. A Copa América tradicionalmente é marcada por provocações que vão além das rivalidades esportivas.

Para além das questões de imigração, ocorrem também rivalidades fronteiriças e cânticos que contém apelidos de cunho racista e homofóbico, questões que vem sendo combatidas, mas ainda são corriqueiras em estádios sul-americanos. Diante disso, a campanha do UNICEF surgiu, atrelada a campanhas que ocorrem

em competições da FIFA e da UEFA - União das Federações Europeias de Futebol (FOLHA, 2011).

Entretanto, esses tipos de atos discriminatórios não acontece apenas no Sul-Global. Rivalidades históricas muitas vezes foram refletidas em atos de violências em partidas de futebol ao redor do mundo, inclusive no chamado Norte-Global:

Outro caso parecido, porém sem mortes, envolveu um forte contexto político na partida da Eurocopa de 2012 entre Polônia e Rússia, resultando de mais de 180 pessoas presas e 15 feridas e sendo denominada como a "Batalha de Varsóvia". O confronto iniciou após milhares de russos marcharem pela capital polonesa em direção ao estádio comemorando o Dia da Rússia. Ocorre que se criou um ambiente hostil e de provocações, onde iniciaram-se os confrontos após russos exibirem símbolos soviéticos, exaltando os tempos de domínio na Polônia (TERRA, 2012). Ainda, símbolos e atos xenofóbicos trazem à tona, muitas vezes, ideologias fascistas, que claramente aparecem em algumas partidas de futebol. Um caso complicado acontece em Amsterdam, onde o Ajax, clube da cidade, possui ligação com judeus. Em razão disso, há "reações" dos torcedores do time rival, o Feyenoord, quando os clubes se enfrentam. Cantos como " Hamas Hamas, judeus para o gás" e um sibilo "shhhhhh" (imitando uma câmara de gás) são comuns em jogos entre as duas equipes (CARTA CAPITAL, 2009). Outro caso similar envolveu o zagueiro croata Josip Šimunić, acusado de neonazismo após uma partida de sua seleção. Ao final do jogo, o atleta usou a saudação "Za dom" ("Para casa"), e os torcedores respondiam "Spremni" ("Pronto!"), fazendo referência a uma saudação fascista usada pelo croata Ustaše durante a Segunda Guerra Mundial. Em decorrência deste incidente, Šimunić foi multado por incitar o ódio racial e, após uma investigação, a FIFA decidiu também por suspender Šimunić por dez partidas oficiais, deixando-o fora da Copa do Mundo de 2014 no Brasil (PIZARRO, 2020a, p. 61).

Dentre os diversos problemas de xenofobia e violência que ocorrem nos estádios de futebol, há outro problema que necessita ser combatido. Apesar de ações de federações e confederações, o racismo ainda está entranhado na sociedade e disseminado no futebol, seja através de xingamentos ou sinais, praticados em razão de alguma partida, ocorrendo dentro e fora das quatro linhas.

Muito se fala do futebol como sendo um esporte 'democrático', possuindo um dos poucos ambientes que reúne pessoas de todas as "raças" e classes sociais, desde atletas até torcedores. Diante disso, há uma tendência em acontecer com certa facilidade esse tipo de ato, mesmo havendo pressão da mídia e da sociedade contra esses casos. Apesar de injúrias raciais serem direcionadas em situação em particular, o racismo é algo estrutural e possui origens coloniais.

Pioneiro sobre relações étnico-raciais no futebol brasileiro, o livro chamado "O Negro no Futebol Brasileiro", de Mário Rodrigues Filho (2003), foi lançado

originalmente em 1947. A obra trata de temas como a ascensão social do negro e seu reflexo no futebol, ocorrendo, assim, sua “provação” e sua “vez” na sociedade e no futebol. A obra sofreu críticas acadêmicas, principalmente de Soares (1998), como a questão do nacionalismo, falta de crítica de estruturas postas de poder da época, sendo a raça e o racismo o motor da história do futebol brasileiro em todos os tempos.

Há muitas obras importantes sobre a temática. Recentemente tem surgido artigos de extrema importância para a problematização dessas questões, mas outra que se pode citar também como precursora, em se tratando de Brasil, é "A linguagem racista no futebol brasileiro" (SILVA, 1998). Nela o autor interpreta notícias veiculadas, discutindo o papel da mídia na reprodução e construção do racismo no futebol brasileiro, em jornais após as derrotas da seleção brasileira em Copas do Mundo.

Muitos casos de racismo no futebol foram registrados ao longo da história. Alguns mais recentes tiveram grande repercussão na imprensa. Na Europa, dentre os mais falados foi o do atacante camaronês Samuel Eto'o, que em fevereiro de 2005, sofreu abuso verbal por alguns torcedores do Real Zaragoza. Eto'o afirmou que ele não leva seus filhos a jogos de futebol devido ao racismo existente nos estádios. Já na América do Sul, a Copa Libertadores da América é alvo de grandes atos de racismo. Um deles envolveu o atacante brasileiro Grafite e o zagueiro argentino Leandro Desabato (ABRAHÃO; SOARES, 2007), preso por proferir ofensas racistas ao atleta brasileiro em 14 de abril de 2005. Desabato foi mantido preso por 16 horas e libertado após o clube argentino pagar uma fiança de 10 mil reais. O caso recebeu uma grande cobertura da imprensa nacional e internacional (PIZARRO, 2020a, p. 62).

Também na Copa Libertadores, houve um caso que ficou marcado, tanto pelas injúrias raciais sofridas pelo atleta, assim como pelo racismo estrutural que sofreu por parte da Conmebol. O meio-campo Tinga, do Cruzeiro, foi também alvo de racismo, em uma partida em Huancayo no Peru. O atleta ouvia provocações racistas a cada vez que tocava na bola. Após a partida, ele proferiu a seguinte frase: *"Eu trocaria todos os meus títulos para o fim do preconceito"*. Apesar do fato, o árbitro não parou a partida, nem relatou o incidente na súmula. Ainda, para delegado da confederação sul-americana, Tinga não sofreu racismo:

Um moreno peruano imitando macaco para um brasileiro um pouco mais escuro do que ele não é discriminação racial. É sim uma provocação mal-educada. (...) Não devemos reagir como os europeus. Somos filhos de uma

mistura de brancos, índios e africanos. (...) Nós, os sul-americanos, não somos racistas. Somos sim o povo mais mal-educado do mundo. Nos falta até mesmo cultura para, filosoficamente falando, provocarmos discriminação racial. (...) Acredito que o tribunal vai analisar o nível da gravidade, mas com intenção de proferir uma pena didática, não muito radical (TERRA, 2014).

Esses são alguns exemplos, de vários casos que se pode elencar. É importante frisar que o futebol reproduz o colonialismo sob diversos aspectos. A partir do entendimento do pensamento pós-colonial, também pode-se observar o futebol como uma ferramenta com potencial decolonial. Percebe-se que o futebol possui um grande potencial socializador, e já hoje quebra paradigmas impostos dentro do sistema-mundo moderno.

Entende-se como o processo de decolonização sendo interno, muitas vezes intersubjetivo. Contudo, o esporte surge como um mecanismo de auxílio nesse processo. O futebol, por si só, já possui para os sul-americanos um sentimento decolonial, do “Sul-global” se tornar “Norte-global” devido à força de suas seleções e de seus clubes em âmbito mundial, fato de alta relevância no processo de decolonização e, inclusive, na própria autoestima de povos periféricos (PIZARRO, 2020a, p. 63).

A partir da perspectiva do Sistema-Mundo, na ótica da modernidade, o centro é a área de grande desenvolvimento tecnológico, sendo a periferia a área que fornece matérias-primas, produtos agrícolas e força de trabalho barata. Diante desse cenário, a troca econômica entre periferia e centro é desigual, já que a periferia tem de vender barato os seus produtos enquanto compra caro os produtos do centro.

O futebol mostra essa lógica através do seu mercado, o qual gira fortunas nos países de centro (e, muitas vezes, também nos de periferia). Observando a ótica da circulação de atletas, grandes futebolistas (homens e mulheres) de países periféricos, ou também chamado Sul-global, acabam indo jogar na Europa ou em países do Norte-global, como mostrará mais adiante nos capítulos 3 e 4 do presente trabalho.

Mesmo com o futebol reproduzindo essa lógica da modernidade, ainda sim é um mecanismo decolonial. A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), entidade máxima do esporte, em ações em conjunto com instituições ligadas a programas das Organização das Nações Unidas (ONU), trabalham no combate a vários problemas enfrentados pela sociedade, os quais se refletem também no

cenário do futebol. No artigo 3º do Estatuto da entidade, a FIFA (2019) reconhece a sua responsabilidade nos esforços para acabar com todas as formas de preconceito no futebol:

Luta contra a discriminação e postura contra o racismo: É proibida a discriminação contra qualquer país, indivíduo ou grupo de pessoas com base na raça, cor da pele, origem étnica, nacional ou social, sexo, língua, religião, posição política ou social. Qualquer outra natureza, compras poder, naturalidade ou procedência, orientação sexual ou qualquer outro motivo, sendo punível com suspensão ou exclusão (Tradução própria)<sup>7</sup>.

Há atualmente 211 federações filiadas diretamente ou que têm filiação em uma confederação continental afiliada à FIFA. É um número expressivo, possuindo inclusive mais países ligados do que a própria ONU. Possui programas como o *Fair Play* (jogo limpo) e de combate à discriminação, como de gênero (ALMEIDA, 2019) e, principalmente, ao racismo, com diversas campanhas da entidade em partidas de futebol.

Ainda, conflitos históricos de ordem econômica, política e religiosa são, por vezes, colocados de lado em partidas de futebol. Se pode exemplificar a partida da Copa do Mundo de 1998 de futebol masculino, no confronto entre Estados Unidos e Irã na primeira fase do campeonato mundial. Apesar de possuírem divergências históricas, antes de iniciar a partida foram trocadas flores entre os atletas, claramente como um símbolo de paz entre as nações, pelo menos no campo de jogo. A confraternização vista antes do espetáculo foi a maior prova de que o esporte carrega entre seus valores a ideia de que se pode apaziguar relações tão problemáticas.

Sob o ponto de vista simbólico, um atleta negro foi considerado como o melhor jogador de todos os tempos. Mundialmente conhecido como Pelé, o brasileiro Edson Arantes do Nascimento, autor de mais de mil gols em sua carreira, tricampeão mundial de futebol pela seleção brasileira e bicampeão mundial de clubes pelo Santos, foi o vencedor de diversos prêmios, incluindo o de Atleta do

---

<sup>7</sup> *Lucha contra la discriminación y postura contra el racismo: Está prohibida la discriminación de cualquier país, individuo o grupo de personas por cuestiones de raza, color de piel, su origen étnico, nacional o social, sexo, lengua, religión, posicionamiento político o de cualquier otra índole, poder adquisitivo, lugar de nacimiento o procedencia, orientación sexual o por cualquier otra razón, y será punible con suspensión o exclusión.*

Século pelo jornal francês *L'Equipe* no dia 12 de julho de 1980. Em 2014, aos 73 anos de idade, o ex-atleta recebeu o prêmio Bola de Ouro honorário da FIFA, haja visto que durante sua carreira (de 1956 a 1977) a premiação era concedida apenas para jogadores que atuavam na Europa, com a clara visão eurocentrista do esporte.

Diante do apresentado, essas problemáticas entre as perspectivas teóricas e o objetos são de extrema importância, apontando questões de tensão que circundam o futebol. A partir delas, pode-se direcionar para diversas áreas de estudos, mas sem deixar de citá-las. Com isso, a pesquisa parte para outra análise do objeto e das perspectivas, a questão desportiva dos resultados de campo e sua influência a partir de uma ótica globalizada e suas consequências.

### **2.3 Globalização no futebol e a relação com os resultados de campo**

O processo de globalização se caracteriza pela aproximação entre as diversas sociedades e nações existentes no mundo, seja no âmbito econômico, social, cultural ou político. Contudo, o principal aspecto dado pela globalização, além dos fluxos culturais globais (APPADURAI, 1996), está na integração de mercado existente entre os países.

Para falar de futebol, contextualizando-o como um fenômeno surgido no século XIX, que reproduz facetas do colonialismo, que possui ao mesmo tempo ferramentas decoloniais, deve-se entender como o fenômeno se adapta na atualidade, sob a ótica da modernidade. Como um mercado, o futebol não ficou de fora do processo de globalização, tanto nas modalidades masculina como feminina – com suas especificidades – não deixando de sofrer consequências nesse processo.

De acordo com Coutinho Filho (2020, p. 137):

Tudo começou com uma bola sendo chutada de um canto ao outro de um campo aberto. Tomou forma, ganhou regras e equipes. Formalizou-se, na Inglaterra, e adentrou aos campos dos clubes sociais, das universidades e das escolas. Passou a ser disputado nos chãos de fábricas e nas várzeas de rios. Ganhou popularidade no Reino Unido, na América do Sul, no mundo. Tornou-se uma das maiores manifestações sociais e esportivas da história da humanidade. A sociedade é um organismo vivo em constante metamorfose, absolutamente integrado e em contínua expansão. O futebol também seguiu evoluindo, tornando-se uma atividade globalizada, com estrutura complexa e independente.

A globalização no futebol traz elementos como profissão, negócio, mercado, investimento, *soft power*. É objeto de estudo sob diversas áreas, como as Ciências Humanas, por aliar sua simbologia com identidade nacional e paixão de bilhões de pessoas. Como qualquer fenômeno, o futebol globalizado apresenta desafios.

Há diversos atores envolvidos no processo, tais como clubes, atletas e entidades de governança desportiva, possuindo interesses diversos, organizando e participando de competições (adultas e de base), operando transferências e dando vida à modalidade, hoje em dia tanto no masculino como no feminino. O desenvolvimento do futebol, ao passar do tempo, alterou as relações de trabalho entre clubes e atletas.

O futebol, ao decorrer da história, foi se adaptando e moldando aos acontecimentos. No início, limitava os atletas à condição de amadores, e o profissionalismo veio ao decorrer dos anos (na modalidade masculina décadas antes da modalidade feminina), contextualizações que ocorrem ao transcorrer da presente tese. Com os efeitos da globalização, se deu a formação de um mercado de transferências à nível global. Atualmente, praticamente a totalidade de federações nacionais conta com atletas estrangeiros em seus campeonatos.

Os clubes também passaram por um significativo processo de amadurecimento, consolidando-se como entidades de prática desportiva organizadas, como associações civis ou empresariais. A modalidade atingiu tamanha complexidade e dimensão que se tornou impraticável para os Estados regular o mercado de transferências no futebol e proteger os direitos dos trabalhadores e dos jovens inseridos no futebol organizado, bem como o interesse dos clubes por conta própria. Trata-se de atividade presente em todo o mundo globalizado. Por sua vez, as entidades de administração do desporto acompanharam a evolução da modalidade, deixando de cumprir apenas o papel de organizadores de campeonatos e assumindo a posição de verdadeiros reguladores do esporte (COUTINHO FILHO, 2020, p. 137-138).

Na organização do futebol em âmbito internacional, a FIFA é uma entidade que se autodenomina não-governamental e sem fins lucrativos, mas que possui uma gestão corporativa que comanda um mercado bilionário<sup>8</sup> em nível global. A FIFA materialmente opera como uma Organização Internacional, com atuação supraestatal, possuindo controle sobre todas as federações, confederações e

---

<sup>8</sup> Estimativa de 250 bilhões de dólares anuais (LEONCINI; SILVA, 2005).



profissionais participantes do futebol organizado, expandindo sua atuação do futebol masculino para o feminino, Futsal e *Beach Soccer*.

Com todo poder que a organização exerce sobre o futebol, desde a geopolítica entre seus filiados, até o controle da jurisdição desportiva de seus litígios, se pode afirmar o monopólio que a FIFA exerce sobre o futebol, com reflexos diretos em nível nacional e internacional (PIZARRO, 2015, p. 38).

Ainda, se tratando de mercado de transferência de atletas, deve-se mencionar o “Caso Bosman”, que revolucionou o futebol ao acabar com as cláusulas restritivas nas relações entre clubes e atletas, além de tornar obrigatório o tratamento nacional aos Estados-membros da União Europeia quanto aos atletas cidadãos europeus (COUTINHO FILHO, 2020, p. 137).

Há debates acerca da necessidade da regulação do mercado global de transferências no futebol, visando proteção a garantias sociais relativas aos jovens e crianças envolvidas no futebol organizado e de promoção do respeito aos direitos laborais dos profissionais envolvidos. No entanto, no que se refere a análise do mercado global de transferências de atletas no âmbito internacional, ocorre por meio da ferramenta *Transfer Matching System* (TMS), no próprio site da FIFA.

Outro aspecto que deve ser analisado a partir da égide da globalização são os conglomerados esportivos. Com equipes participando de competições em alto nível ao redor do mundo, tanto adulto como em categorias de base, aparecem como atores a serem analisados. Nesse sentido, Coutinho Filho (2020, p. 138-139):

Apesar da patente relevância, os conglomerados esportivos carecem de análise e atenção por parte das entidades de administração do desporto, que se limitam à expedição de meras portarias pontuais para regulamentar competições específicas apenas quando há o risco de enfrentamento de duas equipes do mesmo conglomerado. A realidade é que já é tardia a regulação dos conglomerados esportivos. Apesar de as transferências de menores já serem previstas no RSTP, importa exercer especial fiscalização ao recorte específico, uma vez que todas as equipes seguem a mesma rotina e metodologia de treinamentos bem como estão submetidas à mesma administração. Também, merece regulamentação as relações de trabalho entre os atletas e as equipes do conglomerado. É necessário definir os limites e obrigações do conglomerado para com os atletas contratados. Questões como fair play financeiro, mecanismo de solidariedade, training compensation, limite de inscrição de atletas e de estrangeiros também merecem análise, uma vez que estão sob a mesma administração.

Fenômenos como a globalização e a modernidade reforçam a visão eurocentrista do esporte. Porém, como Galeano (2018, p. 203) diz, “roda a pelota, o



mundo roda”. O futebol é um fenômeno social em nível global, presente na identidade nacional brasileira (DAMATTA,1982) e de vários povos do Sul-global. Como fenômeno analítico, o futebol também quebra algumas barreiras.

Em se tratando da modalidade masculina, o futebol mundial é dividido em duas grandes potências continentais: a Europa e a América do Sul. Apesar de gigantescas diferenças econômicas com países do Norte-global (como, por exemplo, os Estados Unidos), que não possuem nenhum título de expressão. As grandes seleções se concentram na Europa e na América do Sul.

Constata-se no número de títulos mundiais conquistados por países dos continentes citados. A Copa do Mundo masculina de seleções, disputada<sup>9</sup> de 4 em 4 anos desde 1930, possuiu vencedores tanto sul-americanos, quanto europeus:

Quadro 1: Títulos de Copa do Mundo de seleções masculinas

Sul-americanos		Europeus	
País	Campeonato conquistado	País	Campeonato conquistado
Brasil	1958, 1962, 1970, 1994, 2002	Itália	1934, 1938, 1982, 2006
Uruguai	1930, 1950	Alemanha	1954, 1974, 1990, 2014
Argentina	1978, 1986	França	1998, 2018
		Inglaterra	1966
		Espanha	2010

Fonte: FIFA (2021)

<sup>9</sup> A Copa do Mundo de Futebol da FIFA não foi disputada apenas entre os anos de 1938 e 1950, em virtude da 2ª Guerra Mundial.

Dos 21 mundiais masculinos disputados até hoje, há 12 títulos de seleções europeias e 9 títulos de seleções sul-americanas, mostrando que, ao longo de um século de história, há uma hegemonia de ambos os continentes. Partindo da lógica colonial, observa-se o Brasil como maior campeão com 5 títulos, já Portugal, país colonizador, nunca conquistou um título de expressão em nível mundial. Do mesmo modo, constata-se que Argentina e Uruguai - colônias espanholas - acumulam juntas 4 títulos mundiais, tendo seus colonizadores espanhóis apenas um.

Ainda em relação ao futebol masculino, a hegemonia de ambos os continentes também se reflete nos campeonatos mundiais de clubes (competição que ainda não há na modalidade feminina pela FIFA). Primeiramente chamada de Copa Intercontinental, que posteriormente tornou-se Copa do Mundo de Clubes da FIFA<sup>10</sup>, formam um total de 58 edições, com 26 conquistas de times sul-americanos e 32 conquistas de clubes europeus. É um número importante a ser observado, pois mostra equilíbrio e competitividade, mesmo com a diferença econômica entre os grandes clubes da Europa (que possuem muitos jogadores sul-americanos) em relação aos demais clubes do mundo.

Disputada de 1960 até 2004, a Copa Intercontinental teve 22 campeões sul-americanos contra 21 campeões europeus. Mas, após tornar-se Copa do Mundo de Clubes da FIFA, são 13 títulos europeus contra 4 títulos sul-americanos. Dentre os clubes da América do Sul que venceram o campeonato mundial de clubes, observamos no quadro a seguir argentinos, brasileiros, uruguaios e paraguaios:

Quadro 2: Equipes sul-americanas que conquistaram o Campeonato Mundial de Clubes

<b>Equipe – País</b>	<b>Campeonato conquistado</b>
<b>Peñarol-URU</b>	1961, 1966, 1982
<b>Nacional-URU</b>	1971, 1980, 1988
<b>Boca Juniors-ARG</b>	1977, 2000, 2003
<b>São Paulo-BRA</b>	1992, 1993, 2005
<b>Santos-BRA</b>	1962, 1963

<sup>10</sup> A chamada Copa Intercontinental foi disputada a partir de 1961 até o ano de 2004, sendo um confronto entre os clubes campeões da Copa dos Campeões da UEFA e da Libertadores da América. Depois disso a FIFA começou a organizar o mundial, transformando-o em um torneio com clubes campeões de todos os continentes. Teve um edição no ano de 2000, contestada, mas a partir de 2005 consolidou-se.

<b>Independiente-ARG</b>	1973, 1984
<b>Corinthians-BRA</b>	2000, 2012
<b>Racing-ARG</b>	1967
<b>Estudiantes de La Plata-ARG</b>	1968
<b>Olimpia-PAR</b>	1979
<b>Flamengo-BRA</b>	1981
<b>Grêmio-BRA</b>	1983
<b>River Plate-ARG</b>	1986
<b>Vélez Sársfield-ARG</b>	1994
<b>Internacional-BRA</b>	2006

*Fonte: FIFA (2021) e Terra (2012a)*

Com isso, tanto seleções como clubes sul-americanos possuem conquistas em nível mundial na modalidade masculina, disputando a hegemonia do futebol mundial com os europeus. Isso ocorre mesmo diante da desigualdade econômica e da mercantilização de atletas para países do Norte-global, principalmente a Europa. A América do Sul é, juntamente com a Europa, o centro do futebol no mundo. (PIZARRO, 2020a, p. 67).

Ser o centro do mundo no esporte mais praticado do mundo possui uma importância sem precedentes, inclusive para a autoestima de povos colonizados e escravizados por séculos, que ainda hoje possuem o chamado “complexo de vira-lata”<sup>11</sup>. Na ótica brasileira, o sentimento que se teve após a derrota da seleção na final da Copa do Mundo de 1950 era o de que nada nesse país daria certo. Um pensamento colonial que se reproduzia, sendo hoje, quebrado pela simbologia do futebol.

Contudo, o processo de globalização vem mudando essa lógica no futebol masculino, através da cada vez maior concentração de renda, impondo nos últimos

---

<sup>11</sup> "Complexo de vira-lata" é uma expressão criada pelo escritor brasileiro Nelson Rodrigues. Originou-se na derrota em casa da Seleção Brasileira para o Uruguai na final da Copa de 1950. Para o escritor, o fenômeno não se limitava ao futebolístico, entendendo esse “complexo” como a inferioridade em que o brasileiro se colocava, voluntariamente, em face do resto do mundo, cuspiendo na própria imagem.

anos uma desigualdade competitiva. Além disso, no futebol feminino, com suas especificidades e diferente processo de evolução, não possui a mesma lógica do masculino quanto a competitividade dos países do Sul-global, pois acaba ganhando força juntamente na ascensão da globalização, reproduzindo sua lógica.

### **3 A GLOBALIZAÇÃO E O FUTEBOL: O PROCESSO DA ACENTUAÇÃO DE DESIGUALDADE**

#### **3.1 FIFA e a gestão João Havelange**

Para falar de globalização no futebol, precisa-se entender os processos que transformaram o futebol ao longo dos anos. Não há como falar dessas mudanças sem falar da evolução da FIFA como entidade e sua lógica de mercado, que acompanhou esse processo de globalização. Ao longo da história, a FIFA teve 9 presidentes efetivos de um interino.

Um episódio importante dentro da história dos presidentes da instituição se deu com o camaronês Issa Hayatou, primeiro presidente africano (mesmo que interino) da entidade, após a conturbada saída de Joseph Blatter, que foi sucedido por Gianni Infantino. Essa questão de representatividade (ou falta de) mostra que, além de Issa Hayatou, o único não europeu a ser presidente da entidade máxima do futebol mundial foi o brasileiro João Havelange, que ficou no cargo durante 24 anos, promovendo profundas mudanças na instituição, acompanhando a lógica de mercado globalizada. Coincidência ou não, após sua saída, o nível de competitividade entre europeus e sul-americanos teve sua maior assimetria.

Havelange é uma figura importante para se entender o desenvolvimento do futebol, mas é importante compreender aspectos que o levaram ao poder. Sobre sua eleição, Rocha (2019, p. 296) versa que:

A memória oficial construída sobre os acontecimentos costuma descrever a disputa eleitoral à maneira de uma batalha entre um Sul recém-saído da descolonização (com a maioria do bloco afro-asiático, sob a liderança da América do Sul) e um Norte, hegemônico pela Europa. Perguntado sobre os países que o apoiaram ao longo de sua presidência da FIFA, Havelange não costumava excluir nenhum continente, exceção feita ao bloco europeu. Na história oficial, a eleição de Havelange representa a ascensão do bloco terceiro-mundista e a globalização definitiva da FIFA, com maior participação dos países periféricos. O exame da história da eleição de Havelange à presidência da FIFA ao microscópio a afasta dos estereótipos e das representações oficiais. O mapa eleitoral descreve um cenário relativamente mais complexo, no qual as disputas regionais desempenharam um papel de relevo no resultado final da eleição. Tendo em vista este quadro, [...] explora três situações políticas decisivas para a

compreensão da eleição – o problema da neutralidade da União Soviética, a situação do continente asiático, dividido pela questão das duas Chinas e, por fim, o continente europeu, cindido, àquela altura, entre uma ala radicalmente contrária à participação dos países periféricos na FIFA, e uma ala moderada, que defendia o pacto tutelado.

Dentro de um cenário complexo, no ano de 1974, substituindo Stanley Rous, João Havelange tomou posse como presidente da FIFA, marcado como o primeiro presidente não europeu. No primeiro momento, Havelange conquistou a presidência da FIFA e anunciou que venderia um produto chamado “futebol” ao mundo, além de apontar como novos protagonistas do futebol mundial países da África, Oriente Médio e Ásia, o qual deram a ele uma ampla base de apoio (DARN, 2011, p. 61-62).

Mas, antes mesmo de virar presidente, Havelange já possuía por trás uma base empresarial, que preparou o terreno para que ele chegasse no cargo mais almejado entre os dirigentes futebolísticos. Nesse sentido, Rocha (2019, p. 201) diz que:

O estudo empírico sobre a participação do empresariado na Copa de 1970, responsável por pavimentar o terreno para a vitória de Havelange na presidência da FIFA, sustenta justamente essa terceira linha historiográfica, mostrando como militares e empresários estiveram alinhados. Nesta engrenagem, Havelange foi peça-chave. Transitando entres esses dois grupos políticos, foi capaz de equilibrar poderes, e amenizar tensões. A vitória do selecionado brasileiro o colocaria numa posição de prestígio singular no interior da sociedade civil brasileira. Abria-se, assim, uma janela de oportunidade para que ele fosse capaz de costurar os acordos necessários e acumular os recursos para se gabaritar à presidência da FIFA.

O brasileiro Havelange tinha um plano ambicioso para a FIFA. Sua ideia era expandir o futebol para novas regiões, pouco atendidas até o momento, o que acarretaria consequentemente na sua permanência na presidência por muitos anos. Contudo, aliado a isso, ressaltou a importância da entidade em possuir parceiros comerciais, reforçando a parceria da FIFA com a Coca-Cola e trazendo a Adidas como sua patrocinadora e fornecedora de materiais esportivos para seus eventos.

Com relação aos patrocínios desse período, Giglio (2013, p. 102) aponta que:

Entre os patrocinadores mais fiéis à FIFA estão a Adidas e a Coca-Cola. A Adidas tomou-se ao longo do tempo uma grande aliada de Havelange (JENNINGS, 2011; SMIT, 2007), porém, ele diz que nem sempre foi assim: “Quando eu cheguei à FIFA em 74, a Adidas já era [a patrocinadora] e ela fez naquela ocasião uma campanha a favor do Stanley Rous contra mim”. Já a Coca-Cola, muito atenta à visibilidade e disseminação de sua marca por meio do esporte, patrocina os Jogos Olímpicos desde 1928 e segundo

Soares e Vaz (2009, p. 488), o contrato com o COI vai até 2020 e ela "[...] foi uma dessas empresas que nos anos 70 investiu na disseminação da imagem que o gosto de seu produto atinge todas as culturas, povos e etnias".

Sugden e Tomlinson (1998, p. 25) afirmam que Havelange teve méritos por resolver tensões entre a FIFA e suas confederações filiadas. Um dos maiores problemas que existia na entidade era tensão com a Conmebol, que teve desfechos pacíficos, pois o brasileiro advogava em nome dos chamados na época "emergentes do Terceiro Mundo" e em nome de suas demandas, assim como manteve bom relacionamento com empresas e federações.

Havelange foi ainda além, implementando outras grandes transformações em seu período, fazendo com que houvesse uma grande mudança e o aumento de competições, conseqüentemente aumentando também o número de filiados. Nesse sentido, Magalhães (2013, p. 43) versa que:

(...) presidente da FIFA durante 24 anos, comandando um período de profundas mudanças na organização. Nadador e jogador de polo aquático olímpico quando jovem, Havelange se destacou como administrador de futebol pelo aumento do número de participantes da Copa do Mundo da FIFA de 16 para 32, pela criação de novas competições (os Mundiais Sub-17 e Sub-20 no final da década de 80; a Copa das Confederações da FIFA e a Copa do Mundo Feminina da FIFA no início da década de 90) e pela maior participação de seleções da Ásia, África, CONCACAF e Oceania, regiões que juntas haviam tido apenas três vagas na Copa do Mundo da FIFA 1974. O número de funcionários da sede da FIFA em Zurique passou de 12 para quase 120 em função das maiores responsabilidades comerciais e de organização.

Através dessa política, a FIFA hoje é a instituição com mais países filiados no mundo (ultrapassando a marca da ONU), e é responsável por alguns dos maiores eventos do planeta, utilizando o futebol como produto e lucro. A entidade tornou-se um órgão de governança desportiva com o ex-presidente João Havelange, inserindo o futebol no processo de globalização, adotando planejamentos globais de marketing, através da associação comercial da organização e do esporte a corporações multinacionais (CRUZ, 2010, p. 37).

Com sua expansão, fazendo o futebol crescer junto, a FIFA passou a ter federações espalhadas pelo mundo inteiro, e o futebol se tornou um negócio altamente rentável. Giglio (2013, p. 103) aponta uma entrevista com o ex-presidente,

na qual Havelange fala que em sua primeira Copa do Mundo em 1978 o resultado bruto foi de 78 milhões de dólares, 4 anos depois, no seu segundo mundial à frente da federação o resultado foi de 82 milhões de dólares, sendo que hoje em dia a arrecadação de uma Copa do Mundo passa dos 2 bilhões de dólares. E que, além disso, com os mais de 210 países filiados, analisa em média o número de clubes com funcionários, atletas, comissões técnicas, afirmando que o futebol emprega mais de 200 mil pessoas, que esse é o seu maior legado.

Com relação às receitas da FIFA, Ramos (2011, p.53) versa que:

Já na Fifa, apesar das anuidades pagas todo dia primeiro de janeiro por cada uma das suas federações afiliadas - com valor fixado a cada quatro anos, são iguais para todos os membros e não devem exceder mil dólares -, a parcela substancial dos recursos da organização vem mesmo outras fontes principais, como: da venda de direitos televisivos; da venda de direitos de marketing às empresas parceiras, como Coca-Cola, Sony, Visa e Adidas; e das taxas pagas por cada jogo disputado entre seleções nacionais de qualquer categoria (principal, sub-15, sub-20...) no mundo, que destinam à organização 2% de toda receita do jogo, incluindo venda de ingressos, direitos de propaganda, direitos de transmissão em rádio e televisão, direitos de filme e vídeo etc, entre outras fontes.

No início da década de 1970 o futebol de mulheres vinha ganhando visibilidade fora do país, principalmente em países da Europa. Em 1970 foi o ano que ocorreu a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino (não organizada e nem reconhecida pela FIFA e UEFA). Apesar de ter ocorrido esse evento como forma de pressionar a FIFA, a realidade é que muitos anos se passaram até que a entidade realmente organizasse e realizasse o mundial. O primeiro mundial de futebol feminino oficial da FIFA ocorreu em 1991. Antes disso, em 1988 foi organizado um mundial experimental na China, pela iniciativa do presidente da entidade, João Havelange (GONÇALVES, 2021, p. 23-24).

Em seu período à frente da presidência da FIFA, Havelange aumentou os contratos publicitários como mais uma medida dentro da lógica de governança desportiva da entidade, transformando-a em um grande modelo empresarial. Tendo deixado o cargo em 1998, no ano de 2011 o já ex-presidente foi alvo de denúncias<sup>12</sup>, as quais foram temas de investigação pela justiça suíça com ampla repercussão na

---

<sup>12</sup> Em 2012, o dirigente respondeu às denúncias sobre seu envolvimento e no suborno recebido pela empresa *International Sports Leisure* (ISL), responsável pela transmissão das Copas do Mundo e que trabalhava com o marketing da FIFA.



mídia global. Em razão dessas acusações, Havelange renunciou ao seu cargo no Comitê Olímpico Internacional (COI) em dezembro de 2011, e em julho de 2012 a justiça suíça tornou públicos os valores das comissões que teriam sido recebidas, assim como o processo envolvendo o ex-presidente (MAGALHÃES, 2013, p. 43-44).

Contudo, apesar dos números apresentados e do modelo empresarial claro em sua gestão de governança desportiva, mesmo com as diversas denúncias contra seus membros, a FIFA continua com o discurso de ser uma organização sem fins lucrativos. Em uma entrevista, o ex-secretário-geral Jérôme Valcke (TERRA, 2013) disse que:

Não sei porque é tão difícil compreender como trabalhamos. A Fifa vendeu os direitos comerciais da Copa do Mundo por US\$ 4 bilhões. Há mais 19 campeonatos mundiais de outras categorias. Gastamos de US\$ 1,4 milhões a US\$ 1,5 milhões na Copa do Brasil e ainda temos que ajudar federações em todo o mundo (...) São custos que a Fifa que financia. Somos uma organização sem fins lucrativos e temos que investir muito no futebol. Gastamos mais de US\$ 350 milhões em outros torneios em todo mundo. Investimos muito dinheiro na organização. Somos a organização internacional mais transparente do mundo.

Mostra-se claro que após a gestão de Havelange o futebol transformou-se, acompanhando os processos de globalização no período, houve uma grande valorização dos eventos futebolísticos, assim como de muitos profissionais do esporte. O seu sucessor, o ex-presidente Joseph Blatter, já trabalhava na FIFA há 23 anos, assumiu a presidência em 1998 e manteve o mesmo tipo de gestão. Apesar de sua saída conturbada, em sua gestão a FIFA expandiu ainda mais, ampliando as competições organizadas pela entidade, como o Torneio de Clubes da FIFA, e os mundiais de Futebol de praia (*Beach Soccer*) e de futsal (GIGLIO, 2013, p. 103), e o atual presidente Gianni Infantino vem mantendo a mesma linha de trabalho nesse sentido.

### **3.2 Transnacionalização, Televisão e Empresarialização dos clubes**

Franco Júnior (2007) já apontava que o futebol é um “fenômeno cultural total”. Como tal, não deve ser abordado apenas através de questões históricas, mas

também conceitos antropológicos, linguísticos, psicológicos, teológicos, heráldicos, entre outros. Esse fenômeno é inserido no dia-a-dia das pessoas, estando enraizado na cultura de muitos países, ao ponto de países pararem para assistir uma partida de sua seleção em época de Copa do Mundo.

Giulianotti (2002) afirma que o futebol na pós-modernidade pode ser associado a cultura do consumo, a midiaticização, a espetacularização do esporte, a circulação de jogadores entre clubes, dentre outros fatores. Dentro de um contexto globalizado e do esporte como um negócio, é possível observar a geopolítica do futebol que surge a partir disso, como bem observa Favero (2006, p.13):

Assim, podemos conceituar a geopolítica como uma fundamentação geográfica de linhas de ação política. Ela estuda os artifícios de controle do espaço e procura entender os diversos interesses que se chocam e se mostram de maneira fragmentada. Como disciplina, a geopolítica trabalha fundamentalmente a relação entre espaço e poder. Ela não é somente utilizada pelo Estado. Pode ser empreendida por entidades, como a Fifa, por exemplo. E assim chega-se à geopolítica do futebol, que trabalha a relação entre o poder do futebol e o espaço do futebol. E essa relação pode ir além: a geopolítica do futebol interfere no poder e a geopolítica do poder interfere no futebol.

A expansão do número de países filiados está diretamente ligada à expansão do poder político. Em razão disso, a entidade segue o caminho do dinheiro, do poder político e do espaço a ser conquistado (FAVERO, 2006, p.19). Ao longo do tempo, além do aumento do número de federações filiadas, houve também a abrangência de novas competições em nível global. Isso tudo só é possível graças ao “produto” que a FIFA domina, ou seja, o futebol.

Evidente que outras relações de interesse e poder surgem junto ao crescimento da modalidade. Um fenômeno que cresce e alcança escala transnacional também se deve por sua relação com a mídia. De acordo com Brohm (1982), na mesma linha de Pozzi e Ribeiro (2006), os meios de comunicação, especialmente a televisão, são os principais mecanismos pela globalização do esporte. Em se tratando de televisão, a sua linguagem global permite que as imagens dos jogos sejam comercializadas em escala mundial.

De acordo com Matias e Mascarenhas (2019, p. 2):

[...] a presença da televisão transmitindo os eventos esportivos para todos os lugares e em tempo real é um dos três aspectos que demarcam a ruptura total entre a organização do esporte amador/primitiva e profissional/espetáculo. Os outros dois são: a) investimento financeiro e publicitário na organização esportiva por meio de grandes empresas; b) a

competição entre organismos públicos e privados para conquistar os direitos de organização e patrocínio dos espetáculos esportivos. Os estudos sobre os meios de comunicação e o esporte, especificamente o futebol, são incipientes (SILVA et al, 2009), principalmente no que se refere a importância desse esporte para a ampliação dos lucros das emissoras de televisão. Assim, este estudo busca refletir sobre a relação entre meios de comunicação, futebol e sociedade, apontando a relevância da venda dos direitos de transmissão para os clubes e do espetáculo futebolístico para a mídia.

Com o chamado ‘espetáculo futebolístico’, os meios de comunicação de massa possuem “a capacidade de atuar de maneira decisiva nos campos da economia e da política como, também, nas esferas cultural e social” (BRAVO; OLIVEIRA, 2009, p. 4). Diante disso, ressalta-se que a quantidade de informações geradas em torno de clubes, seleções e futebolistas estimula o consumo.

Com o alcance da mídia, se diversificam as possibilidades de consumo. Observa-se tanto de produtos diretamente relacionados ao futebol, ao espetáculo, à mercados como o de camisetas e produtos indiretos de empresas que possuem ligação com esse negócio. Nesse mercado, a mídia teve papel fundamental na transformação do futebol em um produto global, sendo um dos principais meios de entretenimento do tempo livre das pessoas (SAVENHAGO, 2011).

Nessa mesma perspectiva, Borges (2015) afirma que:

[...] essas barreiras espaciais do esporte são quebradas com as possibilidades oferecidas pelos meios de comunicação. A partir do momento em que o espetáculo esportivo é mediatizado, ele pode ser produzido, empacotado e distribuído para todos os cantos do globo. Dessa forma, um clube não está mais limitado a sua própria região, sua audiência se torna global, principalmente, quando atinge fases finais da Champions League. Não é por acaso, que a televisão se tornou a melhor e principal parceira das organizações esportivas. Os recentes processos de modernização e racionalização das organizações esportivas permitiram a contratação de profissionais mais voltados para o mercado, contribuindo para um aumento das receitas dos clubes esportivos. Embora apresentem ainda um modelo de negócios muito particular, reconhece-se que o crescimento dos clubes que já estão no topo dos seus países passa, em grande medida, por uma expansão internacional refletida na sua mão-de-obra e parceiros, e cuja importância da mídia é fundamental.

Nessa lógica, a utilidade de uma mercadoria é cada vez menor para que logo se tenha a necessidade de ter outra (MÉSZAROS, 2011), o que tornam os campeonatos de futebol produtos valiosos na indústria do entretenimento, devido ao fato de que podem ser consumidos imediatamente, no ato de produção. Os

processos entre a mídia e o futebol são diferentes quando se trata da questão de gênero, acompanharam o desenvolvimento do futebol praticado por homens, mas, nos últimos anos, o futebol praticado por mulheres tem ganho cada vez mais espaço na mídia.

Há relação da globalização com a mídia no futebol se dá principalmente no mercado europeu de futebol masculino, com as chamadas 'Grandes Ligas' (Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha e, mais recentemente, França). Além do conceito de Norte-global, aqui se encaixa o conceito de Centro e Semiperiferia, tendo em vista que os países europeus que não fazem partes das grandes ligas se caracterizam como uma Semiperiferia do futebol mundial.

Com relação às cotas de televisão para os clubes, Matias e Mascarenhas (2019, p. 8) versam que:

As mudanças nas competições nacionais da Itália, Espanha, Inglaterra entre outras, ocorreram, sobretudo, após os grandes contratos com as emissoras de televisão, principalmente as públicas. A intervenção do Estado no futebol nesses países não foi apenas concedendo benefícios tributários e obrigando os clubes a se tornarem empresas ou terem administrações com a lógica do mercado, ela acontece também a partir do financiamento das empresas públicas de comunicação. O lucro das ligas é o resultado da eficiência nos contratos com os patrocinadores e também com as emissoras de televisão, públicas e privadas.

Observando o caso dos clubes na Europa, os que possuem maiores receitas dependem menos das cotas de televisão em relação às equipes médias e pequenas. Isso se dá, pois, grandes equipes (Bayern, Barcelona, Real Madrid...) possuem valores significativos com marketing, pois a mídia acaba levando suas marcas para o mundo inteiro, ganhando mercados gigantescos como, por exemplo, o asiático.

No caso das equipes da Inglaterra, quanto menor o clube, mais dependente é das cotas de televisão. Em países como Itália, França e Espanha a dependência das cotas de TV é quase total. Há exceções, como o PSG na França que recebe um investimento alto do dono do clube. Já na Alemanha há um equilíbrio maior entre as diferentes fontes de receita, tendo em vista que a distribuição dos recursos dos direitos televisivos é mais igualitária.

Em um estudo sobre essa temática, Matias e Mascarenhas (2019, p. 10-11) trazem um panorama global:

Nota-se que mais da metade dos principais contratos de transmissão do mundo são de campeonatos de futebol e os outros são das ligas profissionais dos EUA. O valor pago no Brasil pela Rede Globo para transmitir o campeonato brasileiro é praticamente a metade daquilo que os clubes da primeira divisão da França recebem das redes de televisão. Esse valor é bem menor que aquele pago, por exemplo, para a FIFA pelos direitos de transmissão da Copa do Mundo cerca de US\$ 2,5 bilhões e para ter na grade os Jogos Olímpicos, US\$ 4 bilhões. Registra-se que as receitas de televisão são fundamentais para a produção dos espetáculos futebolísticos. No que se refere aos clubes do velho continente, onde estão as cinco grandes ligas, na temporada 2015/2016, 44% da arrecadação deles foram oriundas da comercialização dos direitos de transmissão, 33% do marketing, 15% ingressos e serviços nos estádios e outras receitas representam 8%. No Brasil, no ano de 2016, as receitas de vinte e sete clubes (19 da primeira divisão e 8 da segunda que frequentou a primeira divisão nos últimos anos) representou cerca de 48,8%, outros 13,9% foram de ingressos e sócio-torcedor, 12,6% foi de marketing, 12,4% de transferência de atletas, 4,9% de serviços nos estádios e 7,4% outros. No caso brasileiro, nos anos de 2010 as receitas com TV representavam 33%, cerca de 15% a menos do que em 2016. Ressalta-se que ao longo dos anos aconteceram oscilações no percentual das cotas de TV no orçamento dos clubes, porém, o menor índice foi aquele de 33% em 2010 e o máximo foi o registrado em 2016, sendo que a média no período foi de 40,2%, percentual semelhante aquele presente na Europa.

No caso brasileiro, Leite Jr. (2015) identifica o chamado “apartheid futebolístico”, que surge desde quando havia as negociações entre a Rede Globo e o Clube dos Treze, com uma concentração de recursos nos clubes associados à entidade e nos grandes clubes, sobretudo do estado do Rio de Janeiro e São Paulo. No que tange a questão financeira de clubes, o Brasil se encaixa como Periferia no futebol mundial, possuindo também suas desigualdades internas.

Essas desigualdades ampliam quando as negociações passam a ser diretamente entre a emissora e as equipes<sup>13</sup>, o que gera como tendência a “espanholização” do futebol brasileiro, expressão que refere à La Liga, onde Real Madrid e Barcelona até a temporada 2015/2016 ficavam com 50% das receitas da venda dos direitos de transmissão. No Brasil, isso seria com o Flamengo e Corinthians, proprietários das maiores torcidas no país (LEITE JR., 2015).

---

<sup>13</sup> Ohata (2016) apontou que a disputa entre Globo e Esporte Interativo (agora TNT Sports, do grupo Turner) pelos direitos do Brasileirão de 2019 a 2024 rendeu aos clubes o controle para negociar os direitos internacionais da venda da competição, que foi cedido por ambas emissoras durante as negociações.

A análise financeira-econômica dos clubes do futebol brasileiro foi o tema de um estudo recente realizado pelo Itaú BBA, através de César Grafietti, consultor do banco para temas relacionados às finanças do futebol. A análise foi baseada não só nos dados reais divulgados nos balanços, como também nos números de receitas e custos que ficaram para 2021 (LANCE, 2021):

Por causa da pandemia do novo coronavírus, o calendário da última temporada dos clubes se encerrou em março deste ano. O trabalho, então, destaca a diferença entre o "ano fiscal", encerrado em dezembro de 2020, e o "ano calendário", encerrado em março de 2021. [...] O trabalho revelou que, do ponto de vista do "ano calendário", 45% das receitas vieram da TV, com uma queda considerada "bastante forte" da receita de bilheteria e do sócio torcedor. Grafietti também mostra que apesar de uma queda de 7%, as receitas vindas da venda de atletas passou a ser 25% das receitas totais dos clubes. [...] Ao abordar a relação clube a clube, o consultor revelou que as receitas de Palmeiras e Flamengo equivalem a 25% de tudo o que os clubes brasileiros arrecadaram no ano passado. Quando se amplia a observação para Grêmio, Corinthians, São Paulo, Internacional e Athletico, além dos dois já citados, esse valor de receita arrecadada chega a quase 65%. [...] Grafietti apresentou um cenário de projeção do futebol brasileiro para o futuro e disse que sua expectativa é de um crescimento. No entanto, ele ponderou e destacou que esse crescimento ainda será abaixo do ano de 2019, sobretudo, porque a volta das bilheterias nos estádios ainda deve demorar.

Dessa forma, ele fez um alerta e salientou que o futebol não tende a ter grandes saltos de crescimentos, uma vez que este trabalha de forma lenta. Por outro lado, Grafietti disse que espera ver o futebol voltar a crescer até mesmo um pouco acima da inflação e, de acordo com ele, de uma forma relativamente sustentável.

Diante desses cenários, principalmente onde os clubes acabam tendo as receitas de televisão como sua maior fonte de renda, surgem outros atores, ainda dentro da mídia, buscando espaço e competindo com os meios de comunicação tradicionais. De acordo com Matias e Mascarenhas (2019, p. 22):

Nos próximos anos, o mercado de venda de direitos de transmissão de espetáculos esportivos deve ficar agitado com a entrada dos poderosos veículos de comunicação da internet: Facebook, Google, YouTube, Snapchat, Twitter, Instagram, entre outros. As mudanças já começaram. O Twitter comprou os direitos da liga de futebol americano. Pelo Facebook, YouTube e outras redes sociais já é possível ver os melhores momentos dos jogos quase em tempo real. Esse é um mercado em plena expansão e que movimenta muito dinheiro para todos os envolvidos.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Além das citadas, Contado (2021) aponta que as dinâmicas de transmissão têm se alterado e tomado formatos cada vez mais interativos. As redes sociais de vídeos curtos – TikTok e Kwai – estão se tornando aliadas para garantir o dinamismo na criação e exibição de conteúdo esportivo. Atualmente, contam com clubes de grande relevância em sua base de usuários como Corinthians,

Com o surgimento desses novos atores, acarreta cada vez mais em uma transnacionalização do esporte. Mosco (apud SANTOS, 2009, p. 561) aponta três pontos de entrada estabelecidos como partes que constituem um marco teórico-metodológico para estudos sobre a economia política global: mercantilização, espacialização e estruturação.

A partir disso, é possível analisar o desenvolvimento do futebol enquanto esporte com grande recepção mundial, com a devida importância para a Indústria Cultural como uma das principais colaboradoras neste processo. O futebol é fundamental para a indústria do entretenimento, pois, além de seu caráter transnacional, é uma mercadoria de fácil poder de venda, podendo ser negociada das mais diferentes formas e através de distintos produtos.

Na relação cultura e economia, Haag (2013, p. 62) versa que:

O capitalismo passa por variações iniciadas por volta da década de 70 e que acabam inaugurando uma nova fase de acumulação capitalista a qual se estende até os tempos atuais. O marxista Fredric Jameson nomeia essa fase de Capitalismo Tardio – a inspiração vem da obra com nome homônimo de Ernest Mandel – podendo também ser chamado de capitalismo multinacional ou de consumo. O autor afirma que capitalismo tardio – quando compreendido enquanto período histórico pode ter sinônimos como globalização e até pós-modernismo – não constitui uma ordem social nova, mas é sim uma modificação sistêmica do próprio modo de produção capitalista, o qual permanece hegemônico. (Jameson, 2006, p. 61). Entretanto, para Jameson há uma ruptura em termos e ela ocorre na esfera da cultura. Há, o que o autor chama de uma “revolução cultural” na escala do próprio modo de produção e assim a inter-relação do cultural com o econômico não se dá através de via única, mas com a contínua interação recíproca, em um circuito de realimentação. Nesse sentido, passa a ser impossível perceber a cultura descolada do econômico, o que é um fenômeno essencialmente pós-moderno.

O chamado futebol pós-moderno, termo cunhado por Giulianotti (2002) é oriundo a partir da transformação do futebol em mercadoria. O autor aponta que o processo pelo qual uma prática social adquire um valor de mercado é pautado de maneira central pelas trocas comerciais, no caso, o futebol.

---

São Paulo e Palmeiras no Tiktok, e Santos, Botafogo e Flamengo com o Kwai. A novidade, contudo, fica por conta das parcerias e até mesmo transmissões de partidas inteiras adquiridas pelas redes.



Nesse sentido, Cruz (2010) aponta para a racionalização do esporte, principalmente na sua administração. Como um ‘empreendimento’ lucrativo, é necessário gerir como uma empresa, adotando-se uma gestão empresarial em clubes e órgãos de governança desportiva, profissionalizando dirigentes, departamentos financeiros e de marketing, assim como a gestão das marcas associadas aos clubes.

Nessa ótica, Haag (2013, p. 67-68) aponta que:

Para elucidar a transformação do futebol per se em mercadoria parte-se da tese de que o tripé corporações midiáticas transnacionais, organizações esportivas nacionais e internacionais e os fabricantes de material esportivo juntamente com o alto fluxo de dinheiro – trazido por esses agentes – que passou a circular no esporte formaram o que Manzenreiter (2007, p. 2) chamou de “sport industrial complex”. O sport industrial complex teve um forte impacto na produção, consumo e marketing dos esportes, além de utilizar essas práticas para vender diferentes estilos vida e consumo. Dessa forma, surge uma nova economia do esporte, a qual compreende qualquer atividade econômica específica (direitos de transmissão, publicidade e marketing esportivos, eventos e campeonatos, artigos esportivos, e canais e programação de televisão especificamente de esportes) ou relacionada (mobiliza outros setores da economia, como turismo, transporte, e até finanças estatais, etc) às práticas esportivas. De tal modo, nota-se que a indústria do esporte é capaz de gerar lucros e receitas de altos valores. Para haver uma noção mais clara, de acordo com o relatório da Price Waterhouse Coopers (PwC) de 2009, a indústria do esporte é uma das que alcança o maior crescimento econômico (assim como a indústria do entretenimento em sua totalidade) e mobilizou no ano referido em todo o planeta cerca de US\$ 1,3 trilhão. Manzenreiter (2007, p. 4) também traz alguns dados específicos de países apresentados pela Sport England em 2003. O valor agregado à economia do Reino Unido por toda a indústria relacionada ao esporte foi de US\$17 bilhões ou 1,5% do PIB em 2000. Nos EUA a economia do esporte também mobilizou mais de 1% do PIB em 2001. No Brasil a situação não é muito diferente, em 2010 o setor esportivo movimentou no país R\$78,6 bilhões. Porém, a notícia mais interessante é que o “PIB esportivo” cresceu muito mais que PIB do Brasil no período de 2000 a 2010, 6,2% e 3,2% respectivamente. E a parcela do esporte no PIB brasileiro também se elevou em 10 anos, passando de 1,702% para 1,997%.

Nessa lógica, entra outro fator importante dentro do cenário do futebol globalizado, que é a empresarização de clubes. O campeonato Inglês (Premier League) possui equipes que estão entre as mais ricas do futebol mundial, tendo seus proprietários fortunas exuberantes. Abaixo observa-se alguns exemplos:

Quadro 3: Ranking de donos de clubes mais ricos da Premier League

Ranking de donos de clubes mais ricos da Premier League



1. Grupo Abu Dhabi / Sheik Mansour (Manchester City) - fortuna estimada em 17,7 bilhões de libras
2. Roman Abramovich (Chelsea) - fortuna estimada em 9,2 bilhões de libras
3. Stan Kroenke (Arsenal) - fortuna estimada em 8 bilhões de libras
4. Fosun International / Guo Guangchang (Wolverhampton) - fortuna estimada em 5,4 bilhões de libras
5. Nassef Sawiris e Wes Eden (Aston Villa) - fortunas estimadas em, respectivamente, 4,6 e 2 bilhões de libras
6. Família Glazer (Manchester United) - fortuna estimada em 3,8 bilhões de libras
7. Joe Lewis (Tottenham) - fortuna estimada em 3,7 bilhões de libras
8. Joshua Harris (Crystal Palace) - fortuna estimada em 3,3 bilhões de libras
9. Família Srivaddhanaprabha (Leicester) - fortuna estimada em 2,9 bilhões de libras
10. Grupo Fenway Sports / John Henry (Liverpool) - fortuna estimada em 2 bilhões de libras

Fonte: ESPN, 2020.

Equipes terem donos podem mudar de patamar, mudando a história de um clube de futebol. Apenas depois de ser comprado pelo russo Roman Abramovich, em 2003, que o Chelsea conseguiu melhores resultados da Premier League e conquistou a Liga dos Campeões da Europa. Outros exemplos são Manchester City e Paris Saint-Germain, equipes que subiram degraus na escala das forças do futebol mundial após serem adquiridas por bilionários. Como aponta Borges (2017), a Liga dos Campeões oferece uma visão da Europa capitalista liberal, que ultrapassa fronteiras nacionais, circulando capital e trabalhadores em nome do sucesso transnacional.

Mas observa-se que não são apenas donos, há também conglomerados que adquirem clubes (ou parte deles) para investirem. Conglomerados esses de diversas partes do mundo, inclusive chineses, que estão investindo no futebol local, mas também investem no futebol europeu, como Alibaba, Dalian Wanda Group, Jiangsu Suning e Fosun.

Clubes como os italianos AC Milan e Internazionale, ou inglês Aston Villa (sete vezes campeão nacional e com um título da *Champions League*) agora pertencem a grupos chineses. Outro caso que se pode citar é que 13% do Manchester City, clube inglês de propriedade da Abu Dhabi United Group, foram adquiridos pela China Media Capital (LEITE JÚNIOR, RODRIGUES, 2018, p. 275). Nesse sentido, Schatz (2020, p. 19-20) mostra que:

A partir da segunda metade da década de 2010, as empresas chinesas aumentaram significativamente seus gastos na compra de clubes estrangeiros. Entre os anos de 2014 e 2017, os investidores chineses gastaram US\$ 2,5 bilhões na aquisição de clubes europeus (BLAND; AHMED, 2018). E, entre os exemplos, podem-se destacar o da Associazione Calcio Milan da Itália, do Manchester City Football Club da Inglaterra, do Club Atlético de Madrid da Espanha, além de representantes de pequeno porte como os espanhóis Lorca Fútbol Club e Fútbol Club Jumilla, os ingleses Wolverhampton Wanderers Football Club e Aston Villa Football Club, os franceses Football Club Sochaux-Montbéliard e Association de la Jeunesse Auxerroise, o português Sport Clube União Torreense e o brasileiro Desportivo Brasil, dentre outros. [...] Da mesma forma, o Dalian Wanda Group, que havia firmado parceria, em 2011, com o Club Atlético de Madrid, tornou-se sócio do clube espanhol em 2015. Para a realização do negócio, a Wanda Madrid Investment, pertencente ao conglomerado do Grupo Wanda, adquiriu ações do Club Atlético de Madrid por cerca de €45 milhões<sup>19</sup>. Wang Jialin, presidente do Grupo Wanda, destacou a importância do acordo [...] Já outros casos mostraram expressivos investimentos de empresas chinesas no futebol mundial. No ano de 2015, o consórcio formado pelos fundos de investimentos China Media Capital e Citic Capital, ambas estatais, pagou US\$400 milhões para adquirir 13% do City Football Group<sup>20</sup>, empresa que controla o inglês Manchester City FC. Em 2016, o Grupo Suning adquiriu 70% das ações da Internazionale de Milão, clube italiano. No mesmo ano, o grupo chinês comprou os naming rights, ou, passando a estampar sua logomarca no CT e nos uniformes de treino do clube italiano. Nesse mesmo ano, a chinesa Recon Group, do ramo de transportes, infraestruturas, saúde e agricultura, comprou 100% do Aston Villa. Também em 2016, o Wolverhampton Wanderers foi adquirido pelo conglomerado da Fosun Internacional<sup>21</sup> por €54 milhões (DIAS, 2016).

Embora o governo e os conglomerados privados sejam mais interdependentes, há uma relação entre ambos, e isso se evidencia quando o Estado conclama a iniciativa privada a investir em um determinado setor, como no futebol (TAN et al, 2016). De acordo com Rodrigues e Leite Júnior (2018, p. 39-40),

no caso dos investimentos chineses fora do país, nota-se a busca das empresas por relações comerciais e troca de conhecimento através do futebol.

Como propõe o plano de desenvolvimento do futebol chinês, expressa como itens fundamentais: “fortalecer a cooperação internacional e a troca de talentos na indústria desportiva” e “expandir os canais de relações estrangeiras do futebol, encorajando a todos os organismos a organizar variadas formas de atividades internacionais de intercâmbio no futebol”.

Como versam Rodrigues e Leite Júnior (2018, p. 40):

Clubes como os italianos Internazionale de Milão (que pertence ao Suning Group, dono do clube chinês Jiangsu Suning) e Parma, os franceses Nice e Auxerre, os espanhóis Granada, Espanyol e Oviedo e o tcheco Slavia Praga pertencem a empresas, grupos de investimentos ou investidores privados chineses. Por sua vez, destaca-se que Parma e Granada pertencem a Desports Group, empresa sobre a qual voltaremos a falar adiante. Na Inglaterra, a presença do capital chinês é ainda mais expressivo. 13% do City Football Group, de propriedade da Abu Dhabi United Group e que controla, dentre outros, o clube inglês Manchester City, foram adquiridos pela China Media Capital. Outro clube inglês de propriedade chinesa é o Wolverhampton Wanderers, que com o dinheiro investido pelo grupo Fosun, conquistou a Championship inglesa em 2017/18 e ascendeu à Premier League. Além dos Wolves, os outros três grandes clubes da West Midlands inglesa, Birmingham City (Paul Suen Ho Chung da Trillion Trophy Asia), Aston Villa (Tony Xia da Recon Group) e West Bromwich Albion (do investidor Guochuan Lai) estão sob o controle chinês. No Sudeste inglês, o Southampton é atualmente propriedade do empresário chinês Gao Jisheng, dono da Lander Sports Development. Dono dos Wolves da Inglaterra, o grupo Fosun tem investido em Portugal também. Comprou a maior seguradora portuguesa, a Fidelidade, e uma das empresas mais conhecidas na prestação de serviços de saúde, a Espírito Santo Saúde, hoje Luz Saúde. Tornou-se, ainda, acionista majoritário do maior banco privado português, o Banco Comercial Português (BCP). O futebol não ficou de fora dos investimentos da Fosun. Através de sua subsidiária Foyo Culture and Entertainment Co Ltd, tornou-se sócia da empresa portuguesa de agenciamento Gestifute, do agente Jorge Mendes, responsável, dentre outros, pelas carreiras de Cristiano Ronaldo e José Mourinho.<sup>48</sup> A Foyo também tem acordo com o SL Benfica para exploração comercial e abertura de escolas de futebol na China. E ainda se fala ainda na possibilidade de investirem €10 milhões no Rio Ave, da I Liga portuguesa.

Esses conglomerados também chegaram ao futebol no Sul-global, como no Brasil. O clube Shandong Luneng é atualmente proprietário do Desportivo Brasil, clube fundado pelo Grupo Traffic. Na busca de cumprir com o objetivo do plano de desenvolvimento do futebol chinês, o clube leva anualmente cerca de 30 jovens jogadores chineses para passarem uma temporada treinando no Desportivo Brasil.

Recentemente, especula-se o interesse da empresa chinesa Ledman assumir a gestão de futebol do Nacional-AM (RODRIGUES; LEITE JÚNIOR, 2018, p. 41).

Há também exemplo no futebol argentino, o clube Vélez Sarsfield anunciou em 2017 uma parceria com a empresa de tecnologia da informação ZTE Corporation da China. A logomarca da empresa passou a ser estampada no estádio José Amalfitani e nas camisas dos jogadores do clube argentino (VÉLEZ SARSFILED, apud SCHATZ, 2020, p. 22).

Com essa transnacionalização e transferência de atletas, Rodrigues e Leite Júnior (2018, p. 41-42) afirmam que:

Foram precisamente os elevados investimentos em contratações de jogadores estrangeiros, principalmente no mercado europeu, que espantaram o mundo do futebol. De acordo com o relatório da Transfer Matchings Systems/FIFA de 2017, os clubes chineses gastaram US\$ 168,3 milhões em transferências em 2015, o que representava 10,3% a mais do que os gastos de todos os outros clubes da Confederação Asiática de Futebol (AFC) juntos. Em 2016, os gastos saltaram para US\$ 451,3 milhões (168,2% a mais do que no ano anterior), o correspondente a 344,4% a mais do que todo o restante da Ásia. Com esses números, passou do 20º lugar que ocupava em 2013 no ranking de gastos de transferências para a quinta posição em 2016 (FIFA/TMS, 2017). Somente no mercado de transferências do inverno de 2017 foram gastos 388 milhões de euros (US\$ 411 milhões). Os clubes chineses, entretanto, não se limitam a concorrer com os europeus apenas nos habituais mercados fornecedores de matéria-prima, como o futebol latino-americano, por exemplo. O mercado europeu – e não apenas países periféricos do continente, mas também a maior liga de futebol do planeta, a Premier League inglesa – tem sido um alvo bastante visado pelos chineses. Oscar, Ramires e Graziano Pellè são alguns dos exemplos recentes de jogadores que trocaram a liga inglesa pela chinesa, além de Alex Teixeira, que era pretendido pelo Liverpool, mas preferiu se transferir para o Jiangsu Suning, que pagou US\$ 53,5 milhões pelo brasileiro. O brasileiro Paulinho é outro caso emblemático. Em 2015, trocou o Tottenham da Inglaterra pelo Guangzhou Evergrande. Em 2017, transferiu-se para o Barcelona que pagou 40 milhões de euros pelo jogador. E já em 2018, o titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo 2018 retornou ao Evergrande, por empréstimo, mas com cláusula de compra obrigatória de 50 milhões de euros.

Gupta (2009) aponta que países não-ocidentais procuram, através do capital, atrair o talento esportivo de nível mundial, buscando exercerem cada vez mais influência no esporte. É o que ocorre na China e sua tentativa de quebrar a lógica eurocêntrica que domina o mercado do futebol internacional. Vale ressaltar que o Dalian Wanda Group, além de ser um dos “parceiros” da FIFA, também é proprietário da Infront Sports & Media AG, que possui como um dos seus clientes a própria FIFA (RODRIGUES; LEITE JÚNIOR, 2018, p. 44).

Mídia, transnacionalização e empresarização de clubes são fatores que se relacionam diretamente à globalização do futebol, principalmente na modalidade masculina. Possuem influência na transação de atletas, mas foi com a Lei Bosman que permitiu uma maior liberdade na negociação e circulação de atletas, mudando o futebol até os dias de hoje.

### **3.3 Lei Bosman - Livre circulação de jogadores e livre circulação do capital**

Tratando-se de mercado de atletas profissionais de futebol, na modalidade masculina, pode-se dividir em dois períodos distintos: antes e depois de 1996. Até 1995 vigorava o chamado 'passe', modelo no qual os jogadores somente poderiam ser transferidos de um clube para outro com o consentimento das duas equipes, obtido por meio de uma negociação, sendo o passe o valor a ser pago pela equipe compradora à detentora dos direitos sobre o atleta.

Ainda, dentro do mercado europeu, além da existência do passe, os clubes só poderiam escalar três jogadores estrangeiros em uma mesma partida. Com isso, se limitava a contratação de jogadores de outros países pelas equipes, tendo elas que formar e contratar a maior parte do elenco com jogadores de seus próprios países.

Contudo, juntamente ao processo de globalização, esse cenário foi alterado pelo evento conhecido como "Caso Bosman". Souza e Angelo (2005, p. 281) versam que:

Em 1996, o jogador belga Jean-Marc Bosman, do RFC Liège, acertou sua transferência para o Dunkerque, clube da Segunda Divisão Francesa, ao final do seu contrato com o clube belga. No entanto, a transferência foi impedida pelo Liège em virtude da impossibilidade de o clube francês pagar a quantia pedida pelo passe do jogador. O atleta, conforme citado em Brunoro e Afif (1997), alegou perante a Justiça que, como cidadão da União Européia, possuía o direito à liberdade de movimento dentro da União para trabalhar, segundo o artigo 48 do Tratado de Roma. A disputa judicial teve como desfecho o ganho de causa concedido ao jogador, que obteve permissão para ratificar sua transferência para o clube francês.

Após a disputa judicial, com sentença favorável ao atleta, o futebol mudou, e as consequências se observam até os dias de hoje. Com resultado do caso Bosman,

houve uma mudança estrutural no mercado de jogadores de futebol, começando pela Europa e, com o tempo, chegando a outros países, principalmente do Sul-global.

Para entender esse processo, Souza e Angelo (2005, p. 281) apontam que:

Primeiramente, a cobrança de taxas para a transferência de atletas dentro da União Européia foi considerada ilegal. Ao término do contrato, os jogadores podem transferir-se livremente, sem ônus para o novo clube, tampouco para o atleta. Em caso de transferências durante a vigência do contrato com a equipe atual, o valor a ser pago pelo clube adquirente à agremiação de origem do jogador é limitada à multa rescisória estabelecida em contrato, não havendo mais a negociação de um valor de passe, como outrora. Outra consequência relevante do caso Bosman foi o fim do sistema de cotas para jogadores originários dos países pertencentes à Comunidade Européia (PEARSON, 2002).

Com isso, o fim do passe no futebol fez aumentar a disparidade de forças entre as equipes, reduzindo significativamente as receitas de clubes, principalmente os menores e com menos recursos. No futebol do Sul-global, principalmente na América do Sul, as mudanças ampliaram a diferença de nível de competitividade contra os europeus, pois já que segurar jovens talentos passou se tornar uma missão praticamente impossível.

Abaixo, observa-se a diferença de competitividade entre os clubes europeus e sul-americanos, partindo das conquistas dos mundiais de clubes:

Tabela 1: Títulos dos Mundiais de Clubes

<b>Mundial de Clubes</b>	
<b>Títulos até 1995</b>	
<b>Sul-Americanos</b>	<b>20</b>
<b>Europeus</b>	<b>14</b>
<b>Títulos após 1995</b>	
<b>Sul-Americanos</b>	<b>6</b>
<b>Europeus</b>	<b>20</b>

Fonte: FIFA (2021)

Atualmente, o significado de ser um bom jogador de futebol no Brasil é “jogar na Europa”. Há toda uma questão ideológica e não problematizada nesse ponto, inclusive dentro da própria imprensa que acaba naturalizando essa prática.

Combinando altos salários e visibilidade midiática em nível global, as chamadas 'Grandes Ligas' - Espanha, Itália, Inglaterra, França e Alemanha - mobilizam os sonhos de atletas do mundo inteiro.

Para os atletas, atuar no futebol europeu representa seu principal projeto de vida, pois é o Centro do futebol mundial. Ao mesmo tempo em que o número elevado de circulação desses atletas visando grandes clubes sustenta a alta rotatividade do mercado de futebol profissional no Brasil, revela ainda a existência de um "fluxo de imigração secundário" (Lopes, 1999), de jogadores com menores chances de entrar nas primeiras divisões, buscando entrar em países Semiperiféricos europeus, para aumentar suas chances de chegarem em uma das grandes cinco ligas.

Nesse sentido, Ruggi (2008, p. 3) afirma que:

Da perspectiva dos clubes "vendedores", a transferência internacional de atletas constitui-se como uma importante fonte de receita. Nas maiores agremiações brasileiras, a arrecadação financeira mais significativa, cerca de 30%, se refere à negociação de jogadores, sendo 29% proveniente dos direitos de transmissão televisiva (Gurgel, 2006). A lógica de captação de recursos com a venda do efetivo se encontra plenamente incorporada às estratégias de gestão dos times nacionais – e o exemplo mais contundente deste fato talvez resida na institucionalização dos Centros de Treinamento (CTs) enquanto espaços de produção de atletas "em série". Segundo Sérgio Leite Lopes (1999), o fluxo internacional de jogadores de futebol advindos da América Latina com destino à Europa inicia-se nos anos de 1930, sendo posteriormente interrompido pela Segunda Guerra Mundial e retomado durante a década de 50. Mesmo não sendo nova, a transferência de atletas em sentido Sul-Norte atingiu uma envergadura sem precedentes em fins do século XX, dimensão que revela (e sustenta) características estruturais no futebol mundial.

Com a saída dos principais jogadores das ligas do Sul-global, ocorre um natural enfraquecimento de qualidade das competições. Observa-se que, a partir disso, as competições internacionais exercem influência sobre as competições nacionais, aumentando o seu desequilíbrio, exatamente como previsto por Szymanski (2001).

Stella (2010, p. 64-65), usando como referencial o campeonato Inglês (Premier League), constatou que há uma aceleração do aumento do desequilíbrio nos últimos 20 anos, basicamente resultado da união de três fatores:



a) aumento da importância da Copa dos Campeões da UEFA, representando uma maior arrecadação por parte dos clubes participantes; b) abertura de capital de times ingleses; c) fim do passe e facilitação da transferência de jogadores, em especial entre países da união Europeia (Lei Bosman). Só foi possível chegar a essas conclusões, pois o Campeonato Inglês, na qualidade de uma competição já centenária e amadurecida, sempre foi disputado em um mesmo formato. Além disso, o movimento detectado na segunda metade da década de 1980 foi de grande valia para a análise, visto que representa um período de tempo suficientemente grande para sinalizar uma tendência no gráfico.

Esse cenário continua em constante mutação, a partir das óticas do Centro, Periferia e Semiperiferia do futebol mundial. A partir de 2021, um dos principais campeonatos de futebol do mundo, por fatores políticos externos, iniciará uma mudança significativa no sistema de transferência de jogadores, em virtude do *Brexit*, movimento de saída do Reino Unido da União Europeia.

Para não haver prejuízo para a competição, a Federação Inglesa (FA), junto com a Premier League e com a *English Football League Championship* (EFL), chegaram a um acordo para evitar mudanças significativas com o *Brexit*. As entidades anunciaram que jogadores que fazem parte dos países da União Europeia precisarão de um novo tipo visto de trabalho para atuar pelos clubes ingleses. Se dará a partir de um sistema de pontos, que determinará se um atleta poderá receber a permissão para trabalhar.

Em matéria veiculada no Uol (2020), observa-se que:

Nele, serão levados em conta a presença do jogador atuando por sua seleção nacional, a qualidade do clube vendedor, da liga em que ele participa e número de partidas disputadas nos torneios nacionais e continentais. Além disso, os clubes não podem contratar jogadores estrangeiros até os 18 anos e estarão limitados a contratar, no máximo, três jogadores estrangeiros com menos de 21 anos em qualquer janela única de transferência e um total de no máximo seis por temporada. As novas regras entram em vigor ao mesmo tempo em que o Reino Unido deixa a União Europeia, ou seja, no próximo dia 31 de dezembro, valendo assim já na janela de transferências de inverno. [...] "O cerne da questão recai sobre as limitações impostas aos clubes, na tentativa de fortalecer os talentos do próprio futebol inglês. Ao mesmo tempo que impulsiona o seu futebol interno, limita-se rigorosamente a liberdade dos clubes quanto ao próprio negócio. Uma realidade que precisa ser analisada na prática, principalmente tratando-se de um dos campeonatos mais rentáveis do mundo e uma importante vitrine para atletas de todo o mundo", finaliza a advogada especialista em direito esportivo Fernanda Chamusca.

O que se observará em seguida é se a Premier League, com essas mudanças, conseguirá continuar recrutando os melhores jogadores do mundo, para que o campeonato permaneça competitivo e atraente, ou se o *Brexit* isolará a ilha futebolisticamente, como ocorria até início dos anos 90, perdendo espaço para as



outras grandes ligas europeias e, ainda, tendo o agravante dos novos mercados que vem surgindo e competindo, visando mudar a lógica eurocêntrica do futebol mundial.

### 3.4 Novos mercados: Mundo Árabe, China e o *soft power* no futebol

Primeiramente, para compreender o papel dos novos mercados, há de se pensar em estratégias dentro das Relações Internacionais. Na geopolítica do poder, esse é considerado como a habilidade de obter os resultados desejados e, diretamente, a habilidade de influenciar os outros para obtê-los (NYE, 2004, p. 1-2). A partir disso, Nye (2004, p. 5) divide o poder em dois tipos: o *hard power* (coagir e induzir) e o *soft power* (cooptar). Esses conceitos aplicam-se a diversos atores no cenário internacional.

O chamado *soft power*, para obter resultados, depende da reputação do ator no cenário internacional, trazendo uma facilitação na relação com outros atores. Diante disso, o conceito de *soft power* é geralmente associado com a ascensão da globalização e a teoria neoliberal, possuindo elementos como a cultura popular e a mídia como importantes fontes de *soft power*.

O esporte também serve como fonte para o *soft power*, auxiliando a mais ampla troca cultural entre países. Megaeventos esportivos são práticas comunicativas que podem ter sucesso em atrair a atenção de bilhões de pessoas. São, portanto, uma plataforma perfeita para mostrar a cultura e imagem do país-sede para o resto do mundo, tendo a possibilidade de aumentar seu prestígio e capacidade de atração internacional (GRIX, 2013).

Diante desse cenário, essa prática tem sido muito utilizada pelos países que compõem o BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), escolhidos nos últimos anos para sediarem megaeventos. O mundo árabe é outro bom exemplo, principalmente o Qatar que, desde 2010, conquistou o direito de sediar a Copa do Mundo FIFA 2022 de futebol masculino, estando no centro das atenções do futebol mundial<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Essa escolha foi alvo de denúncias e polêmicas. Segundo informações do periódico inglês *'The Sunday Times'* a rede de TV *'Al Jazeera'*, financiada pelo governo, o Qatar pagou R\$ 3,4 bi à Fifa

A candidatura do país se inseriu dentro de uma lógica estratégica que tem no esporte e nos megaeventos esportivos o principal elemento para mudar sua imagem perante a opinião pública internacional. Mais do que fazer do país uma referência no esporte, a intenção das autoridades do Qatar é dissociar a imagem do emirado da ideia de ser um estado financiador do terrorismo (SAMUEL-AZRAN et al., 2016).

Mas o *soft power* no meio esportivo não se limita apenas aos eventos. Leite Júnior e Rodrigues (2018, p. 273-274) versam que:

O Qatar é, novamente, um bom exemplo de caso de recurso ao 'nation branding' como forma de soft power. Primeiro através da Fundação do Qatar e atualmente por intermédio da Qatar Airways (uma empresa estatal, detida em sua integralidade pelo Fundo Soberano do Qatar), patrocina o Barcelona, um dos mais emblemáticos clubes do mundo. Em 2011, a Autoridade de Investimento do Qatar comprou o Paris Saint-Germain (KRZYZANIAK, 2016). Basta ver a repercussão internacional da contratação de Neymar, que ocorreu justamente em um período que o Qatar sofreu o corte das relações diplomáticas dos vizinhos Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Egito e Bahrein.

Para certos Estados, o esporte se constitui como um importante elemento de *soft power*. Ainda no continente asiático, Nye (2012, p. 11) cita também o exemplo da China, que teria aumentado o seu *soft power* com a organização dos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

Giulianotti (2002) afirma que há diversos registros históricos de formas "primitivas" do futebol. Porém, dentre estas "variantes do futebol primitivo", o autor acredita que é a China que tem o "mais convincente argumento para a mais antiga história do futebol". Este "argumento" se chama Cuju(蹴鞠).

Nesse sentido, Leite Júnior e Rodrigues (2018, p. 264) dizem que:

Com o estabelecimento da República Popular da China, em 1949, o futebol viveria uma nova era. Isto porque os líderes chineses entendiam que o esporte moderno deveria representar a imagem de uma China moderna e o futebol era visto como o principal símbolo desta modernidade, uma expressão de atualidade (JINXIA; MANGAN, 2001). Entretanto, o futebol jamais obteve o mesmo sucesso que a China alcançou nos Jogos Olímpicos depois de sua estratégia olímpica, implementada a partir dos anos 1980 (HONG; ZHOUXIANG, 2012e). Sob a liderança de Deng Xiaoping, a China entrou na era do "socialismo de mercado" (CHEN. et al., 2017; GONG; CORTESE, 2017) e o sistema do esporte de elite chinês passou por uma profunda reestruturação para se adequar à nova realidade (HONG;

---

para sediar a Copa de 2022. O acordo também incluía um valor de US\$ 100 milhões (R\$ 386 milhões) caso o Qatar fosse realmente escolhido para sediar o Mundial. Na época dessa negociação, que ocorreu secretamente, o presidente da entidade ainda era Joseph Blatter, que hoje está suspenso de qualquer atividade do esporte por suspeita de corrupção (LANCER, 2019).

ZHOUXIANG, 2013; JINXIA; MANGAN, 2001). O futebol foi o pioneiro. Assim, em 1994, surgiu o primeiro campeonato profissional do país. A competição experimentou um breve período de popularidade, porém enfrentou diversas adversidades (HONG; ZHOUXIANG, 2013).

A estratégia chinesa, de desenvolvimento do esporte nas modalidades olímpicas foi bem-sucedida, mas no futebol a China segue sendo coadjuvante nas competições que disputa, tendo melhores resultados ao longo da história no feminino, mas não estando no top 10 do Ranking da FIFA já há alguns anos (enquanto a masculina está no modesto 75º lugar). Porém, em seu plano de médio/longo prazo para o desenvolvimento do futebol, o Estado chinês coloca o esporte mais popular do planeta no eixo central de uma estratégia de mercado, vendo no futebol a mola propulsora para o crescimento de toda a indústria desportiva do país.

Para atingir estes objetivos e transformar a China na futura potência do futebol mundial, o governo chinês lançou em abril de 2016 o ambicioso “Plano de desenvolvimento do futebol a médio e longo prazo (2016-2050)”. Para isso, o plano, originalmente, estabelecia-se em três etapas:

#### Quadro 4: Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da China

- Até 2020: 20 mil escolas especializadas em futebol, 70 mil campos de futebol, entre 30 a 50 milhões de estudantes do ensino básico e secundário praticando o esporte.
- Até 2030: 50 mil escolas especializadas em futebol, a seleção chinesa masculina ser uma das melhores da Ásia, e a seleção feminina estabelecida como de “classe mundial”.
- Até 2050: seleção de primeiro escalão no futebol mundial (masculino), no top-20 do ranking da FIFA, tendo sediado e vencido uma Copa do Mundo.

Fonte: *China's National Development and Reform Commission*. 2016.

A promoção do *soft power*, a partir da imagem da China no cenário internacional, busca a expansão da influência geopolítica do país, tendo como um dos pilares o plano de desenvolvimento do futebol. No mundial masculino de 2018

na Rússia, a seleção chinesa não esteve presente na competição, mas a China não esteve ausente. Wanda, Hisense, Vivo, Mengniu, Yadea, Luci e Diking estavam nos gramados russos através de publicidade (RODRIGUES, LEITE JÚNIOR, 2018, p. 42).

Nessa perspectiva, Gupta (2009a) afirma que os países não-ocidentais, a medida que trazem dinheiro para o esporte, uma imensa base de fãs, além de patrocínios e audiência televisiva – irão ser capazes de exercer cada vez mais a condição de determinar onde e como o jogo será jogado. A China é um exemplo, dentro os diversos aspectos da seu plano de desenvolvimento do futebol, utiliza essa estratégia.

Rodrigues e Leite Júnior (2018, p. 44-45) mostram que:

Saindo do âmbito da Copa do Mundo, mas ainda na questão da influência nos bastidores através de patrocínios, destacamos que o grupo Alibaba, gigante do comércio eletrônico chinês, que pertence ao bilionário Jack Ma, é patrocinador do Mundial de Clubes da FIFA até 2022. Enquanto a Desports, do bilionário Lizhang Jiang e proprietária de Parma e Granada, assinou um acordo com a Confederação Asiática de Futebol (AFC), pouco antes da abertura da Copa do Mundo 2018, para a exploração dos direitos comerciais das competições da entidade. O contrato que vai vigorar de 2021 a 2028 tem um valor de US\$ 4 bilhões – sete vezes mais que o anterior. Talvez não seja por acaso que, depois do lançamento do seu plano de desenvolvimento do futebol, a China tenha visto o secretário geral da CFA, Zhang Jian, tornar-se um dos membros do Conselho da FIFA, antigo Comitê Executivo.

Além dos patrocínios na Copa do Mundo da Rússia 2018, a China se fez presente também com sua Vice-Premiê, Sun Chunlan, estando na cerimônia de abertura em Moscou com o presidente russo, Vladimir Putin. Tudo isso atrelado também ao desenvolvimento do mercado interno de futebol chinês e ao fortalecimento da sua liga nacional, observado nas transferências internacionais recentes.

Constata-se, em geral, um aumento no fluxo de transferências internacionais de futebolistas, estando associada a evolução deste mercado ao crescimento da prática do futebol em países como Estados Unidos, Rússia, Arábia Saudita, entre outros. Mas os números que mais impressionam são os do futebol chinês.

Nesse sentido, Schatz (2020, p. 11-12) aponta que:

A Chinese Super League, principal competição do país, conta com 16 equipes participantes e possui um valor de mercado avaliado em €510,45 milhões (TRANSFERMARKT, 2019). Isto posto, é importante ressaltar que,

no período entre 2011 e 2016, os gastos efetuados pela China em transferências internacionais superaram os realizados pela Asian Football Confederation (AFC) [...] evidencia um aumento exponencial dos gastos chineses com transferências internacionais entre os anos de 2011 e 2016. Em 2015, estas despesas somaram US\$168,3 milhões, 10,3% a mais que outros clubes da AFC reunidos (FIFA TMS, 2016). Cabe salientar que, no ano de 2016, as despesas chinesas com taxas de transferências totalizaram US\$451,3 milhões, representando um aumento de 168,2% em relação ao ano de 2015 (FIFA TMS, 2017). Segundo a FIFA TMS (2017), cerca de 96,2% das taxas de transferências pagas por clubes da China, em 2016, foram para representantes de outras confederações, sobretudo, da UEFA (FIFA TMS, 2017). Dessa maneira, a posição da China como principal importador e exportador de atletas frente a outros países da AFC aponta para um investimento em seu soft power na Ásia. Ademais, ao tornar-se contratante de jogadores de clubes europeus e, também, sul-americanos, a China mudou a dinâmica das relações internacionais do futebol emergindo como um novo centro futebolístico mundial.

Observa-se nesse cenário que, no ano de 2018, a China ocupou a 37ª posição no ranking mundial no número de transferências de atletas. No topo da lista estão Inglaterra, Alemanha, Espanha, França e Itália que gastaram 73% do total mundial (aproximadamente US\$5,14 bilhões em taxas de transferências), mas constata-se também que a Arábia Saudita e a China registraram gastos de US\$192,4 e US\$173,9 milhões respectivamente (FIFA TMS, 2019).

Esses novos mercados aparecem já como possíveis alternativas de mudança da lógica eurocêntrica do futebol. O foco das transferências é muitas vezes atletas latinos e africanos. O mercado asiático já aparece como promissor há algumas décadas, principalmente com a ida de Zico para o futebol japonês no início dos anos 90.

Com relação a essa lógica de transferência de atletas brasileiros, Rodrigues e Caetano (2009, p. 187) apontam:

A história do futebol mostra que o Brasil tornou-se país exportador de jogadores de futebol a partir da década de 1930. Com o fim do passe, os clubes (e mercados) compradores foram beneficiados pelo fato de que não é mais necessário “comprar o passe” do atleta, mas pagar a rescisão contratual (em caso de o atleta encontrar-se empregado em um clube brasileiro) ou acertar o pagamento do salário com o jogador (se este não tiver contrato com algum clube). Se o fim do passe possibilitou ao atleta (trabalhador) escolher e decidir onde trabalhar, o mesmo estabeleceu a liberdade de trabalho e criou condições para desburocratizar as transferências internacionais, favorecendo o aumento das exportações de atletas sem, contudo, ser a única e principal causa. Se os jogadores pretendem mesmo jogar no futebol estrangeiro, é porque, quando o atleta

se transfere para outro país, crescem as possibilidades de enriquecimento e convocação para a seleção brasileira – obviamente que isso depende muito do país em que se está atuando. O futebol europeu favorece muito o jogador no sentido de que lhe dá mais visibilidade, algo importante para se chegar ao selecionado nacional. Ainda, com a nova legislação, a transferência de atletas brasileiros para o exterior se intensificou e ganhou também uma nova dimensão: a precocidade com que jogadores de futebol de 16 a 18 anos deixam os campos brasileiros para atuarem no futebol europeu, sul-americano e asiático. Está acontecendo no Brasil um movimento parecido com o que já ocorreu na África. Onde se percebe que os melhores talentos da África transferem-se para a Europa cada vez mais cedo. Isso explica, em parte, a presença de tantos africanos em seleções européias como, por exemplo, a da França. As transferências de jovens atletas brasileiros para o futebol europeu e asiático têm implicado no denominado movimento de “africanização do futebol brasileiro”.

Em se tratando desses novos mercados, as aspirações geopolíticas e o futebol como instrumento de *soft power* auxiliam na compreensão dos surgimentos dos mesmos. A partir de suas estratégias, evidencia-se que o investimento no futebol pode virar política de Estado, trazendo questões simbólicas como o reforço da identidade e do orgulho nacional, assim como sua reputação no cenário internacional.

Contudo, principalmente em razão da pandemia de COVID-19, vários mercados estão sofrendo com a crise econômica que assola o mundo. O mercado chinês também sente as consequências. De acordo com Mundim e Lois (2021):

Outrora visto como enorme mercado em potencial e promessa de salários milionários para os jogadores, o futebol chinês encontra-se numa encruzilhada. E vários fatores ajudam a explicá-la. Associados a grandes empresas do país, os clubes estão em situação complicada e afetados pelos impactos financeiros da pandemia do coronavírus. Há ainda relação conflituosa com o governo e suas regras. Um ambiente propício para provocar uma debandada de atletas, entre eles brasileiros. Último campeão da Superliga Chinesa, o Jiangsu Suning anunciou no último dia de fevereiro que simplesmente encerraria as suas atividades. As dívidas do clube chegam a 500 million yuan (cerca de R\$ 535 milhões). Dono do Jiangsu, o conglomerado que dava o sobrenome ao time da cidade de Nanquim não encontrou um comprador. (...) Hoje a realidade é outra. As restrições impostas pelo governo chinês para controlar a disseminação do SARS-Cov-2 no país impactaram os negócios do conglomerado, que vai de tijolo e argamassa ao entretenimento. Os últimos investimentos não deram certo, e o Estado, que comprou 23% de suas operações recentemente, disse que o futebol não deveria ser mais prioridade. (...) A verdade é que o mercado do futebol chinês não vinha bem desde antes da pandemia. Mesmo com os investimentos do governo na economia nos últimos meses, as empresas que comandam os clubes, tanto da iniciativa privada quanto as públicas, já se viam obrigadas a reduzir custos. Principalmente dos salários dos atletas. – O salário médio dos nossos melhores jogadores é 5,8 vezes superior ao dos atletas do campeonato japonês e 11,6 vezes superior ao do sul-coreano. São números alarmantes, como é que ainda não acordamos? –

declarou o presidente da federação chinesa, Chen Xuyuan, em dezembro, em entrevista à agência Xinhua.

Embora a crise atual dos clubes da Liga Chinesa, o governo ainda trata o futebol como prioridade. No final de 2014, o presidente Xi Jinping, havia declarado que o país seria uma potência do esporte até 2050, seguindo o plano de desenvolvimento do futebol no país. O questionamento é como isso será feito de agora em diante. De acordo com Santoro (apud MUNDIM; LOIS, 2021), o futebol na China é parte de um projeto nacional, houve um incentivo político muito grande para que os clubes crescessem, tanto público como de empresas, mas acabou criando uma bolha especulativa, e essa bolha está começando a estourar.

Ainda, Santoro (apud MUNDIM; LOIS, 2021) explica que no modelo econômico chinês, mesmo quando a empresa é 100% privada, há uma proximidade muito grande com o governo. A diretriz agora é que as equipes não podem depender tanto das grandes injeções de recursos das empresas para contratações. Em contrapartida, o governo continua com os investimentos bilionários em centros de treinamento e no futebol de base, tendo como objetivo ter mais 135 mil campos de futebol no país até 2030.

No exemplo da China, não se trata de um tema esgotado, pois o Plano de Desenvolvimento do Futebol Chinês tem como meta final o ano de 2050. Assim como outros atores que surgem, esse capítulo buscou entender as movimentações no futebol a partir da globalização. A estratégia chinesa para o futebol é uma perspectiva, mas o próprio futebol em si e suas conexões com a política, geopolítica, cultura e economia geram diversos fatores e consequências.

A adoção de uma abordagem transnacional para a migração esportiva internacional permite que os desafios enfrentados pelos esportistas surjam no trabalho de campo investigativo crítico. Uma perspectiva transnacional é necessária. Independentemente da posição teórica tomada, muito resta a ser feito e a interação entre a globalização e as abordagens transnacionais só pode informar melhor nossa compreensão do fenômeno social da migração esportiva internacional (CARTER, 2014, p. 174). Nos próximos capítulos, será analisada como se dá essa circulação de futebolistas a partir dos mundiais FIFA.





#### **4 FENÔMENO DA CIRCULAÇÃO DE ATLETAS DE FUTEBOL NOS MUNDIAIS MASCULINOS**

O futebol é permeado por paixões clubísticas e pela identidade nacional. Contudo, a partir da ótica da globalização, com as movimentações financeiras, as relações entre jogadores e clubes, a apropriação do esporte pela indústria cultural, bem como a influência da mídia e da transnacionalização, faz deste esporte um fenômeno de massa.

É a combinação de questões históricas, econômicas e culturais que auxiliam na compreensão do futebol no século XXI, principalmente após a globalização. Cabe salientar que as transformações que indicam a emergência de novos mercados esportivos se relacionam com o estágio pós-moderno do futebol (GIULIANOTTI, 2002, p. 52):

A desindustrialização fraturou o elo das classes operárias com clubes de subúrbios. A televisão passou a dominar as finanças e a administração das ligas de futebol e se seus membros. As maiores nações beneficiaram-se, importando jogadores de todo o mundo, enquanto as menores tornaram-se dependentes das transferências externas. A circulação global do trabalho e das ideias começou a solapar as “tradições”, aumentando a mistura dos estilos de jogos.

Os atletas se transformaram em mercadorias da indústria esportiva que movimentam centenas de milhões de dólares todos os anos (RIAL, 2008). As transferências internacionais de futebolistas contribuem para a institucionalização do futebol espetáculo e a circulação de capital por parte dos maiores clubes do mundo, gerando consequências para o esporte e a competitividade.

Aponta Damo (2005, p.177):

Na medida em que [a Fifa] detém o monopólio sobre o espetáculo, deixa aos futebolistas opções restritas de mercado para além dos clubes que participam do circuito por ela agenciado. As possibilidades de atuação ou, preferindo-se, de remunerar o capital futebolístico, são limitadas, ainda que exista uma intensa circulação desses profissionais (...) a circulação intensa (sendo as equipes brasileiras renovadas praticamente ano a ano) e extensa, em escala planetária, é característica do atual estágio de desenvolvimento do futebol de espetáculo, sendo o mercado incompreensível se não for pensado a partir do monopólio exercido pela Fifa e sua cadeia de agências continentais, nacionais e regionais

Essa lógica de negociações e transferências de futebolistas segue o modelo estrutural mercadológico que atravessa o futebol globalizado. Os investimentos feitos na contratação de atletas por parte de clubes estrangeiros, possivelmente seguem uma estratégia diferente em relação às negociações internas que se realizam, principalmente em se tratando do mercado europeu (CAVALCANTI, CAPRARO, 2015, p. 4-5).

Dentro do cenário globalizado, o objetivo é entender os fluxos de transferências, principalmente Sul-Norte Global, assim como Sul-Global para novos mercados, e sua influência nos resultados de campo. Importante entender também a circulação de atletas junto aos dados de migração apresentados pela ONU:

Tabela 2: Taxa líquida de migração (por mil habitantes) no quinquênio 2015-

20

**Taxa líquida de migração (por mil habitantes) no quinquênio 2015-20**  
**36 países com maior fluxo de saída e com maior fluxo de entrada**

Ordem	Países/emigração	Taxa	Ordem	Países/imigração	Taxa
1	Porto Rico	-31,4	1	Bahrain	31,1
2	Síria	-24,1	2	Maldivas	22,8
3	Venezuela	-22,3	3	Omã	18,6
4	Sudão do Sul	-15,9	4	Luxemburgo	16,3
5	Samoa	-14,3	5	Qatar	14,7
6	Lituânia	-11,6	6	Guiné Equatorial	12,4
7	Eritréia	-11,6	7	Saara Ocidental	9,9
8	Rep. Central Africana	-8,6	8	Kuwait	9,8
9	Zimbábue	-8,2	9	Macau	8,0
10	São Tomé e Príncipe	-8,0	10	Ilhas do Canal	8,0
11	Tonga	-7,7	11	Áustria	7,4
12	Guiana	-7,7	12	Alemanha	6,6
13	Letônia	-7,6	13	Canadá	6,6
14	Suazilândia (Essuatíni)	-7,4	14	Austrália	6,4
15	Fiji	-7,0	15	Suíça	6,1
16	Kiribati	-6,9	16	Chile	6,0
17	Bósnia e Herzegovina	-6,4	17	Noruega	5,3
18	El Salvador	-6,3	18	Irlanda	4,9
19	Fed. Estados Micronésia	-5,4	19	Singapura	4,7
20	Albânia	-4,9	20	Guiana Francesa	4,3
21	Lesoto	-4,8	21	Chipre	4,2
22	Sri Lanka	-4,6	22	Bélgica	4,2
23	Líbano	-4,5	23	Estados Árabes Unidos	4,2
24	Ilhas Virgens	-4,3	24	Colômbia	4,2
25	Timor-Leste	-4,3	25	Arábia Saudita	4,1
26	Jamaica	-3,9	26	Suécia	4,0
27	Romênia	-3,8	27	Uganda	4,0
28	Polinésia Francesa	-3,6	28	Hong Kong	4,0
29	Guadalupe	-3,6	29	Reino Unido	3,9
30	Nicarágua	-3,3	30	Turquia	3,5
31	Haiti	-3,2	31	Curaçao	3,2
32	Guam	-3,1	32	Belize	3,2
33	Myanmar	-3,1	33	Nova Zelândia	3,2
34	República Dominicana	-2,8	34	Peru	3,1
35	Somália	-2,7	35	Estônia	3,0
36	Martinica	-2,5	36	EUA	2,9

UN/Pop Division: World Population Prospects 2019 <https://population.un.org/wpp2019/>

A tabela é importante para entender os fluxos migratórios mundiais. A ideia da pesquisa não é fazer uma comparação direta entre ela e a circulação de atletas, pois há outros fatores envolvidos. Contudo, pode-se pontuar que os principais destinos das migrações a partir da tabela são também um dos principais destinos de futebolistas atualmente, caracterizado na pesquisa como ‘Novos Mercados’.

Antes da análise de futebolistas, é importante entender as conceituações sobre o tema. De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (OIM,

2019), fenômenos de migração são um processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos.

Já a migração circular é o movimento, temporário e mais permanente, entre países que quando voluntário e ligado as necessidades laborais de países de origem e de destino, pode beneficiar todos os envolvidos. Os dados apresentados na tabela anterior são sobre migrações, que é importante compreender para entender a circulação dentro do futebol, mesmo que com suas especificidades.

Dentro de uma ótica neoliberal, a globalização acentuou a circulação, mas a migração sempre existiu, mudando seus fluxos ao longo dos anos, assim como a circulação dentro do futebol, a qual a pesquisa propõe entender. Na ótica da migração, observa-se que a taxa líquida de emigração se concentra em sua grande maioria em países do Sul-Global, mas ao contrário do que se imaginava, o maior fluxo de imigração não é para a Europa, mas sim para países do Golfo Pérsico e Mar Árábico (considerado na pesquisa como Novos Mercados do futebol).

O objetivo do trabalho é entender os fluxos de transferências, principalmente Sul-Norte Global, assim como Sul-Global para novos mercados, e sua influência nos resultados de campo. A partir disso, a pesquisa se propôs fazer uma análise da circulação de atletas no futebol mundial. A metodologia utilizada é com base bibliográfica e documental, visando analisar os mundiais FIFA, adultos e de base, assim como masculinos e femininos.

#### Dados Coletados:

Tabela 3: Dados coletados de Jogadores/as

<b>Jogadores/as</b>	<b>Total</b>
Mundial	4209
Mundial de Clubes	2675
Jogos Olímpicos	1845
Mundial Sub16 e Sub17	4306
Mundial Sub20	4870
Mundial Feminino	2311
Jogos Olímpicos Feminino	868
Mundial Feminino Sub17	2016
Mundial Feminino Sub19 e Sub20	2821
<b>Total</b>	<b>25921</b>

Tabela 4: Dados coletados de Equipes

<b>Equipes</b>	<b>Total</b>
Mundial	184
Mundial de Clubes	118
Jogos Olímpicos	96
Mundial Sub16 e Sub17	216
Mundial Sub20	240
Mundial Feminino	108
Jogos Olímpicos Feminino	46
Mundial Feminino Sub17	96
Mundial Feminino Sub19 e Sub20	136
<b>Total</b>	<b>1240</b>

Tabela 5: Dados coletados de Competições

<b>Total de Competições</b>	<b>Total</b>
Mundial	6
Mundial de Clubes	17
Jogos Olímpicos	6
Mundial Sub16 e Sub17	11
Mundial Sub20	11
Mundial Feminino	6
Jogos Olímpicos Feminino	4
Mundial Feminino Sub17	6
Mundial Feminino Sub19 e Sub20	9
<b>Total</b>	<b>76</b>

#### **4.1 Mundiais FIFA de base e Jogos Olímpicos: a gênese da circulação**

No cenário da circulação de atletas, Rial (2008) afirma que o investimento na contratação de jogadores sul-americanos (principalmente brasileiros) por clubes europeus é pontual. Isso ocorre mesmo existindo muitos atletas atuando no futebol internacional e de alto rendimento, com a valorização destes nos clubes estrangeiros, inclusive nas maiores equipes da Europa.

Rodrigues (2010) diz que as equipes de maior poder aquisitivo na Europa apenas em poucas oportunidades investem em futebolistas brasileiros, e quando o fazem procuram jogadores jovens e promissores. Apesar de passível de críticas essa afirmação do autor, tendo em vista que nem sempre o cenário foi esse como mostrado, não há dúvidas que o investimento em jovens atletas brasileiros continua sendo um mercado interessante para clubes e investidores. Isso ocorre também com atletas latino-americanos em geral e africanos.

Nesse sentido, Tiesler e Coelho (2006, p. 337) versam que:

Actualmente, o novo mercado global de jogadores tornou o Brasil um armazém de bons jogadores para exportação. Marcos Alvito descreve vividamente o modo como o futebol brasileiro tem sido profundamente prejudicado pelo processo de globalização. Embora no Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente proíba qualquer vínculo empregatício aos menores de 14 anos, os clubes estrangeiros têm como alternativa «contratar» toda a família, que se muda juntamente com o craque. Hoje o futebol brasileiro é visto como uma enorme vitrina de «aspirantes a jogar na Europa», o que acaba por acontecer mais cedo ou mais tarde e de preferência bem cedo. Com a palavra, Leonardo Santiago, hoje com 21 anos, que foi para o Feyenoord, da Holanda, aos 11 anos de idade: «Futebol é business, e a gente é o produto.»

Nessa mesma ótica, um dos casos mais famosos é do argentino Lionel Messi. Nascido no ano de 1987, assinou contrato com o Barcelona no ano 2000, com apenas 13 anos. Messi nunca atuou por uma equipe argentina, sendo diversas vezes criticado em seu país pela falta de identificação clubística, o que acarreta numa perda de identidade na sua seleção.

Em relação a profissionalização precoce de futebolistas, Souza (et. al, 2008, p. 107) versa que:

Um engenheiro ou médico pode iniciar sua carreira com 25, 35 ou 45 anos, ainda que as dificuldades se avolumem com o avanço da idade. No caso do futebolista o prazo para a profissionalização é mais rígido, em geral no final da adolescência. Não há muitas oportunidades de reconversão do capital investido e, à medida que o tempo passa, a entrada no mercado do futebol de espetáculo se torna mais difícil. Temos, portanto, uma situação inversa a do mercado formal de trabalho. No futebol, o treinamento intenso e a especialização se iniciam na infância e/ou adolescência. A profissionalização ocorre, salvo exceções, entre os 18 e 20 anos de idade. Essa realidade faz com que os jovens que almejam êxito tenham que, desde cedo, apostar todas as suas fichas no sonho da profissionalização no futebol. Para aqueles que têm outras opções, o futebol aparece como um sonho que deve ser equilibrado com outras estratégias de formação.

Em razão de casos como esse, a pesquisa parte de uma análise da circulação de atletas a partir dos mundiais FIFA sub-17<sup>16</sup> e sub-20, além dos Jogos Olímpicos, que são sub-23<sup>17</sup>:

Quadro 5:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-16 - 1987								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Costa do Marfim	18	18						
Egito	18	18						
Nigéria	18	18						
Coreia do Sul	18	18						
Qatar	18	18						
Arábia Saudita	18	18						
França	18	18						
Itália	18	18						
União Soviética	18	18						
México	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Bolívia	18	18						

<sup>16</sup> Até o ano de 1989, a competição era sub-16, então está dentro da mesma categoria de análise.

<sup>17</sup> A partir dos Jogos de 1992, em Barcelona, a competição de futebol masculino se tornou Sub-23. Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, outra regra foi introduzida e três jogadores acima dos 23 anos puderam fazer parte da equipe olímpica. Desse modo, o torneio olímpico passou a ser uma espécie de complemento para outros de base geridos pela FIFA, como os Mundiais Sub-17 e Sub-20.

Brasil	18	18						
Equador	18	18						
Austrália	18	18						
Canadá	18	18						

Quadro 6:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-16 - 1989								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Gana	18	18						
Guiné	18	18						
Nigéria	18	18						
Bahrein	18	18						
China	17	17						
Arábia Saudita	18	18						
Alemanha Oriental	18	18						
Portugal	18	18						
Canadá	18	18						
Cuba	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Argentina	18	18						
Brasil	18	18						
Colômbia	18	18						
Austrália	18	18						
Escócia	18	18						



Quadro 7:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 1991								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Congo	18	18						
Gana	18	18						
Sudão	18	18						
China	17	17						
Qatar	18	18						
Emirados Árabes Unidos	18	18						
Alemanha	18	18						
Espanha	18	18						
Cuba	18	18						
México	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Argentina	18	18						
Brasil	18	18						
Uruguai	18	18						
Austrália	18	18						
Itália	18	18						

Quadro 8:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 1993				
Equipes	Atletas	Equipes	Equipes	

		Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Gana	18	18						
Nigéria	18	18						
Tunísia	17	17						
China	17	17						
Qatar	18	18						
Itália	18	18						
Polônia	18	18						
Tchecoslováquia	17	17						
Canadá	18	18						
México	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Argentina	18	18						
Chile	18	18						
Colômbia	18	18						
Austrália	18	18						
Japão	18	18						

Quadro 9:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2003								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Sul	20	16			1		3	
Iêmen	20	20						
China	20	20						

Camarões	21	19					2	
Serra Leoa	20	19		1				
Nigéria	20	20						
Estados Unidos	20	18					2	
Costa Rica	20*	19					1	
México	20	20						
Argentina	20	20						
Brasil	20	20						
Colômbia	20	19	1					
Austrália	20	19					1	
Portugal	20	20						
Espanha	20	20						
Finlândia	20	18					2	

Quadro 10:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2005								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	20	20						
Coreia do Norte	20	20						
Qatar	20	20						
Gâmbia	20	20						
Gana	20	19					1	

Costa do Marfim	20	20						
Estados Unidos	20	20						
México	20	19					1	
Costa Rica	20	20						
Brasil	20	20						
Uruguai	20	20						
Austrália	19	18					1	
Turquia	20	14					6	
Países Baixos	20	19*					1	
Itália	20	20						
Peru	20	20						

Quadro 11:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2007								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Coreia do Norte	21	19			2			
Síria	21	21						
Tadjiquistão	21	19					2	
Gana	21	20					1	
Nigéria	21*	20		1				
Togo	21	20					1	
Tunísia	21	21						

Haiti	21	19					1	1
Honduras	21	21						
Costa Rica	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Trinidad e Tobago	21	18						3
Brasil	21	21						
Colômbia	21	21						
Argentina	21	21						
Peru	21	21						
Nova Zelândia	21	19				2		
Bélgica	21	20					1	
Inglaterra	21	21						
França	21	21						
Espanha	21	19					2	
Alemanha	21	20					1	
Coreia do Sul	21	21						

Quadro 12:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2009								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Irã	21**	21						
Coreia do	21	21						

Sul								
Japão	21	21						
Emirados Árabes Unidos	21	21						
Gâmbia	21	19		1			1	
Argélia	21	18					3	
Malawi	21***	21						
Burkina Faso	21	18		3				
México	21	20						1
Estados Unidos	21	20					1	
Costa Rica	21*	21						
Honduras	21	21						
Brasil	21	21						
Argentina	21	21						
Uruguai	21	19					2	
Colômbia	21	21						
Nova Zelândia	21	18					3	
Alemanha	21	19					2	
Países Baixos	21	20					1	
Suíça	21	17					4	
Itália	21	21						
Espanha	21	21						

Turquia	21	14					7	
Nigéria	21	20			1			

Quadro 13:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2011								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Norte	21	21						
Uzbequistão	21	21						
Austrália	21	19					2	
Japão	21	21						
Burkina Faso	21	20		1				
Ruanda	21	15		3			3	
Congo	21	21						
Costa do Marfim	21	12			2		7	
Estados Unidos	21	19			1		1	
Canadá	21*	20					1	
Panamá	21*	21						
Jamaica	21	19					1	1
Brasil	21	21						
Uruguai	21	21						
Argentina	21	21						
Equador	21	20					1	

Nova Zelândia	21	21						
Países Baixos	21	19					2	
Alemanha	21	19					2	
Dinamarca	21	21						
Inglaterra	21	21						
França	21	20					1	
República Tcheca	21	20					1	
México	21	19	1					1

Quadro 14:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2013								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Uzbequistão	21	21						
Japão	21	21						
Irã	21	21						
Iraque	21	21						
Costa do Marfim	21	18		1			2	
Nigéria	21	19			1		1	
Tunísia	20	19					1	
Marrocos	21	8					13	
México	21	21						
Panamá	21	20						1
Canadá	21	18					2	1



Honduras	21	21						
Argentina	21	21						
Venezuela	21	20	1					
Brasil	21	21						
Uruguai	21	21						
Nova Zelândia	21***	20				1		
Rússia	21	21						
Itália	21	21						
Suécia	21	20					1	
Eslováquia	21	15					6	
Croácia	21	18					3	
Áustria	21	18					3	
Emirados Árabes Unidos	21	21						

Quadro 15:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-17 - 2015								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Norte	21	20			1			
Coreia do Sul	21	20					1	
Austrália	21	17					4	
Síria	21	21						

Mali	21	21						
África do Sul	21	21						
Guiné	21	18		2			1	
Nigéria	21	20		1				
México	21	20						1
Honduras	21	20						1
Costa Rica	21	21						
Estados Unidos	21	16	2				3	
Brasil	21	21						
Argentina	21	20	1					
Equador	21	21						
Paraguai	21	21						
Nova Zelândia	21	19				1		1
França	21	18					3	
Alemanha	21	21						
Bélgica	21	17					4	
Rússia	21	21						
Croácia	21	18					3	
Inglaterra	21	20					1	
Chile	21	21						

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Com relação às Copas do Mundo Sub-17 masculina, foram analisados 11 mundiais e 216 equipes e 4.306 atletas. Até o mundial de 1993, não havia circulação

de nenhum atleta. Após 2003, se observa um fluxo maior, como se trata de atletas jovens, muitas dessas transferências era para o mesmo continente.

Em relação ao fluxo entre continentes, apenas 2 (dois) atletas do norte-global atuavam por equipes do sul-global, em contra partida 56 atletas do sul global atuavam em equipes do norte-global.

Gráfico 1:

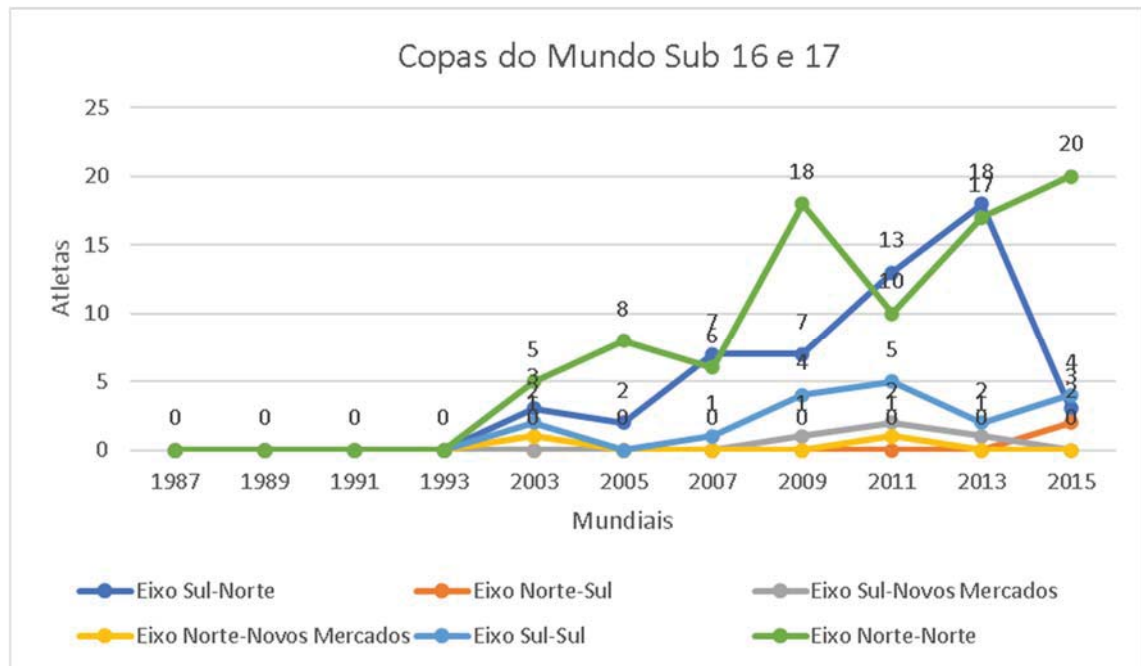


Tabela 6: Campeões Mundiais sub-16 e sub-17

Africanos		Latino-americanos		Europeus		Asiáticos	
Nigéria	1985, 1993, 2007, 2013, 2015	Brasil	1997, 1999, 2003, 2019	URSS	1987	Arábia Saudita	1989
Gana	1991, 1995	México	2005, 2011	França	2001		
				Suíça	2009		
				Inglaterra	2017		

<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>Total</b>	<b>1</b>
--------------	----------	--------------	----------	--------------	----------	--------------	----------

Fonte: FIFA (2021)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que a aceleração do processo de globalização aumentou a transferência de atletas com menos de 18 anos, inclusive muitos acabam indo ainda mais jovens e muitas vezes se naturalizam. Contudo, nos mundiais sub-16 e sub-17 há um domínio das equipes africanas e latino-americanas, o que mostra que com um fluxo menor que nas categorias acima da idade, ainda há uma competitividade contra equipes do Norte-global, não havendo uma perda de identidade nacional competitiva.

Observa-se ainda que o fluxo crescente é de transferências Norte-Norte, e as transferências Sul-Norte vêm diminuindo drasticamente. Nota-se também o aumento das transferências Sul-Sul. No último mundial, mostrou uma queda das transferências de atletas do Sul-global para os novos mercados, e um leve aumento de transferências Norte-Sul, que eram inexistentes anteriormente.

Ainda, observa-se a seguir o mapeamento da circulação de atletas nos mundiais sub-20:

Quadro 16:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 1989								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Nigéria	18	17					1	
Mali	18	18						
Arábia Saudita	18	18						
Iraque	18	18						
Síria	18	18						
Costa Rica	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Colômbia	18	18						
Brasil	18	18						

Argentina	18	18						
Tchecoslováquia	18	18						
Portugal	18	18						
União Soviética	18	18						
Alemanha Oriental	18	18						
Noruega	18	18						
Espanha	18	18						

Quadro 17:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 1991								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Portugal	18	18						
Coreia do Sul	18	10					8	
Irlanda	18	11					7	
Argentina	18	18						
Brasil	18	18						
México	18	18						
Suécia	18	18						
Costa do Marfim	18	18						
Austrália	18	17					1	
União Soviética	18	18						
Egito	18	18						

Trinidad e Tobago	18	17					1	
Espanha	18	18						
Síria	18	18						
Inglaterra	18	17					1	
Uruguai	18	18						

Quadro 18:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 1993								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Rússia	18	18						
Austrália	18	17					1	
Camarões	18	17					1	
Colômbia	18	18						
Uruguai	18	18						
Gana	18	11					7	
Alemanha	18	18						
Portugal	18	18						
Inglaterra	18	18						
Estados Unidos	18	18						
Coreia do Sul	18	18						
Turquia	18	17					1	
Brasil	18	17					1	
México	18	18						
Arábia	18	18						

Saudita								
Noruega	18	18						

Quadro 19:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2003								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Sul	20	18					2	
Japão	20	20						
Arábia Saudita	20	20						
Uzbequistão	20	17					3	
Burkina Faso	20	13		1			6	
Mali	20	10					10	
Egito	20	20						
Costa do Marfim	20	8		1			11	
Canadá	20	6					9	5
México	20	20						
Estados Unidos	20	18					2	
Panamá	20	18	2					
Colômbia	20	20						
Brasil	20	18					2	
Argentina	20	20						

Paraguai	20	17			1		2	
Austrália	20	14					6	
Espanha	20	20						
Eslováquia	20	18					2	
República Tcheca	20	19					1	
Inglaterra	20	20						
Irlanda	20	6					14	
Alemanha	20	17					3	
Emirados Árabes Unidos	20	20						

Quadro 20:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2005								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Sul	21	19			2			
Japão	21	21						
China	21	20					1	
Síria	21	21						
Nigéria	21	15			1		5	
Egito	21	19					2	
Benim	21	10		1			10	
Marrocos	21	13					8	
Canadá	21*	4					10	7
Honduras	21	19					1	1



Panamá	21*	17	3					1
Estados Unidos	21	18	1				2	
Argentina	20	19					1	
Brasil	21	20					1	
Chile	21	20	1					
Colômbia	21	20	1					
Austrália	20	13					7	
Alemanha	21	20					1	
Itália	21	20					1	
Espanha	21	20					1	
Suíça	21	14					7	
Turquia	21	20					1	
Ucrânia	21	20					1	
Países Baixos	21	19					2	

Quadro 21:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2007								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Jordânia	21	21						
Coreia do Sul	21	19			2			
Coreia do Norte	21	21						



			Latina					do Norte
Emirados Árabes Unidos	21	21						
Uzbequistão	21	20					1	
Austrália	21	16					5	
Coreia do Sul	21	17					4	
Gana	21	10		1	2		8	
Camarões	21	6		2			13	
África do Sul	21	19					2	
Nigéria	21*	10					11	
Costa Rica	21	21						
Honduras	21	19					2	
Trinidad e Tobago	21	13					3	5
Estados Unidos	21*	18					3	
Brasil	21	21						
Paraguai	21	17	2				2	
Uruguai	21	16	1				4	
Venezuela	21	15					6	
Taiti	21	20					1	
Alemanha	21	18					3	
Itália	21	21						
República	21	18					3	

Tcheca								
Hungria	21	14					7	
Inglaterra	21	21						
Espanha	21	19					2	
Egito	21	21						

Quadro 23:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2011								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Norte	21	21						
Austrália	21	14					7	
Coreia do Sul	21	19			1		1	
Arábia Saudita	21	21						
Nigéria	21*	14		1			6	
Camarões	21	12		1	1		7	
Egito	21	21						
Mali	21	14		2			5	
México	21	20	1					
Costa Rica	21	17					3	1
Guatemala	21	19	1					1
Panamá	21	16	2				3	
Brasil	21	20					1	
Uruguai	21	16					5	
Argentina	21	19	1				1	

Equador	21	19	1				1	
Nova Zelândia	21*	17				2	2	
França	21	15					6	
Espanha	21	19					2	
Croácia	21	17					4	
Inglaterra	21	21						
Portugal	21	17					4	
Áustria	21	16					5	
Colômbia	21	15	2				3	1

Quadro 24:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2013								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Coreia do Sul	21	19			2			
Iraque	21	21						
Austrália	21	15				1	5	
Uzbequistão	21	21						
Egito	21	20					1	
Gana	21	16			1		4	
Mali	21	16		1			4	
Nigéria	21**	18					3	
México	21	20						1
Estados	21	14	4				3	

Unidos								
El Salvador	21	13	1				2	5
Cuba	21	21						
Colômbia	21	16	4				1	
Paraguai	21	20					1	
Uruguai	21	17					4	
Chile	21	18					3	
Nova Zelândia	21*	15				1	5	
Espanha	21	19					2	
Grécia	21*	21						
Inglaterra	21	20					1	
França	21	18					3	
Croácia	21	18					3	
Portugal	21	18					3	
Turquia	21	15					6	

Quadro 25:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2015								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Qatar	21	11					10	
Coreia do Norte	21	20			1			
Myanmar	21	21						
Uzbequistão	21	21						
Nigéria	21	14					7	
Senegal	21	13		1			7	

Gana	21	14					7	
Mali	21	10		4			7	
México	21	18					2	1
Panamá	21	19						2
Honduras	21	18	1					2
Estados Unidos	21	9	3				8	1
Argentina	21	17					4	
Uruguai	21	16					5	
Colômbia	21*	17	1				3	
Brasil	21	17					4	
Fiji	21	20				1		
Alemanha	21	20					1	
Portugal	21	18					2	1
Áustria	21	16					5	
Sérvia	21	17			1		3	
Ucrânia	21	21						
Hungria	21	17					4	
Nova Zelândia	21	15					4	2

Quadro 26:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO SUB-20 - 2019								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Arábia	21	21						

Saudita								
Coreia do Sul	21	17					4	
Japão	21	21						
Qatar	21	18					3	
Mali	21	12					9	
Senegal	21	13					8	
África do Sul	21	17					4	
Nigéria	21	12					9	
Estados Unidos	21	10					11	
México	21	20					1	
Panamá	21	15	1		1			4
Honduras	21	18	2					1
Equador	21	16	1				4	
Argentina	21	18					2	1
Uruguai	21	13	2				6	
Colômbia	21	18	1				2	
Nova Zelândia	21	13					7	1
Taiti	21	14					7	
Portugal	21	14					7	
Itália	21	20					1	
França	21	15					6	
Ucrânia	21	18					3	
Noruega	21	17					4	



Polônia	21	12					9	
---------	----	----	--	--	--	--	---	--

Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.

Já em relação às Copas do Mundo Sub-20 masculinas, foram analisados 11 mundiais e 240 equipes e 4.870 atletas. Diferentemente dos mundiais sub-16 e sub-17 que até o mundial de 1993, não havia circulação de atletas nas competições analisadas, no sub-20 possui transferências em todas, começando com um atleta africanos jogando no futebol europeu em 1989, e no último mundial 19 das 24 equipes possuíam jogadores atuando na Europa.

Em relação ao fluxo entre continentes, apenas em 3 mundiais 8 (oito) atletas estadunidenses jogavam em equipes do sul-global, nenhum europeu. Em contra partida, 302 atletas latino-americanos e africanos atuavam por equipes do norte-global.

Gráfico 2:

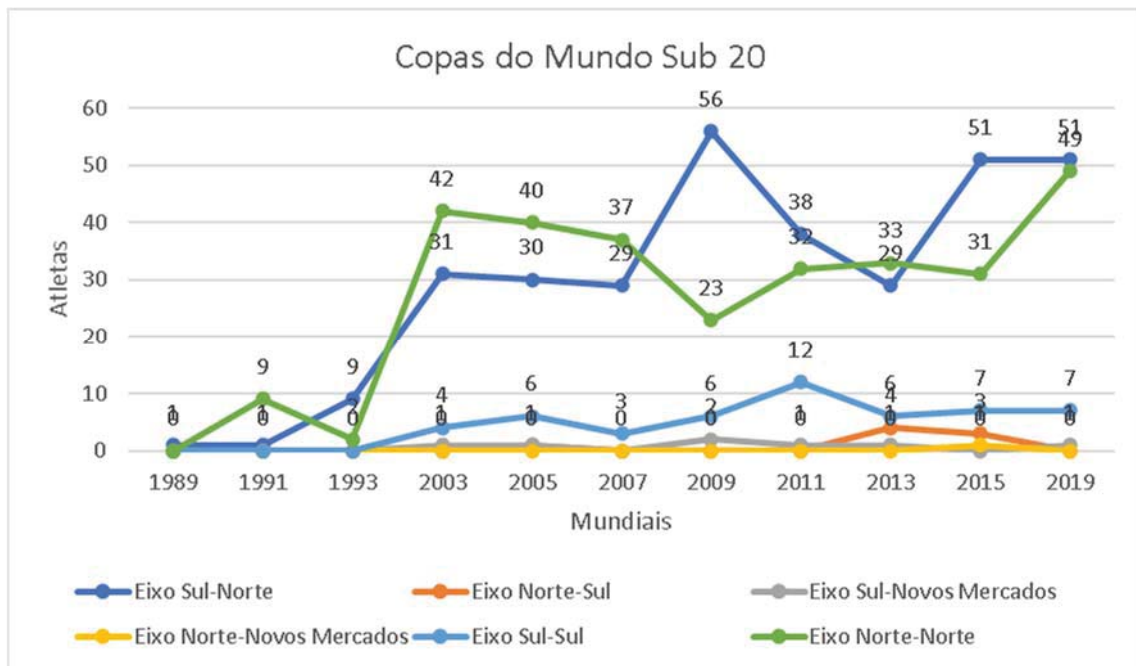


Tabela 7: Campeões Mundiais sub-20

Africanos	Latino-americanos	Europeus
-----------	-------------------	----------

Gana	2009	Brasil	1983, 1985, 1993, 2003, 2011	URSS	1977
		Argentina	1979, 1995, 1997, 2001, 2005, 2007	França	2013
				Alemanha	1981
				Portugal	1989, 1991
				Iugoslávia	1987
				Espanha	1999
				Sérvia	2015
				Inglaterra	2017
				Ucrânia	2019
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>Total</b>	<b>10</b>

Fonte: FIFA (2021)

A partir dos dados, observa-se que o processo de globalização aumentou ainda mais a transferência de atletas que disputam mundiais de base, com um aumento significativo nos mundiais sub-20. Contudo, nos mundiais sub-20 há um domínio das equipes latino-americanas e europeias, as africanas já não conseguem o mesmo desempenho que nos mundiais sub-17.

O principal dado que se observa é que nos mundiais Sub-20 são os que demonstram maior fluxo de transferência Sul-Norte. O eixo Norte-Norte também mostra um crescimento contínuo, bem abaixo aparece o eixo Sul-Sul e Sul-Novos Mercados (que demonstra que os novos mercados disputam apenas jogadores já consagrados, enquanto o mercado europeu busca jovens talentos). Nesses mundiais, assim como no adulto, mostra o domínio da América do Sul e da Europa no futebol masculino mundial.

Ainda, completando a análise das competições em nível mundial de base organizadas pela FIFA, foram analisados os Jogos Olímpicos, competições sub-23 (recentemente podendo ter 3 atletas acima dos 23 anos):

Quadro 27:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL MASCULINO 1988								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Suécia	20	18					2	
Alemanha Ocidental	20	20						
Tunísia	20	19					1	
China	-	-	-	-	-	-	-	-
Zâmbia	20	15					5	
Itália	20	20						
Iraque	20	20						
Guatemala	19	19						
União Soviética	20	20						
Argentina	19	19						
Coreia do Sul	20	20						
Estados Unidos	20	17					3	
Brasil	20	17					3	
Austrália	20	19					1	
Iugoslávia	18	16					2	

Nigéria	20	10		3			7	
---------	----	----	--	---	--	--	---	--

Quadro 28:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL MASCULINO 1992								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Egito	20	20						
Gana	20	14					6	
Marrocos	20	19					1	
Coreia do Sul	20	20						
Kuwait	20	20						
Qatar	20	20						
México	20	20						
Estados Unidos	20	15					5	
Colômbia	20	18					2	
Paraguai	20	15					5	
Dinamarca	20	17					3	
Itália	20	20						
Suécia	20	19					1	
Polônia	20	18					2	
Espanha	20	20						
Austrália	20	13					7	

Quadro 29:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL MASCULINO 2004								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte

Iraque	22	15		2	5			
Japão	22	21					1	
Coreia do Sul	22	19			2		1	
Costa Rica	21	19						2
México	22	22						
Argentina	22	8	2				12	
Paraguai	22	14	2				6	
Gana	20*	9			2		9	
Mali	21			3			4	
Marrocos	22	11			2		9	
Tunísia	22	18					4	
Itália	22	21					1	
Sérvia e Montenegro	22	18					4	
Portugal	21	18					3	
Grécia	21	21						
Austrália	22	10					12	

Quadro 30:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL MASCULINO 2008								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	19	17					2	
Austrália	19*	12					7	
Coreia do	18	16			1		1	

Sul								
Japão	18	16					2	
Camarões	19*	3		1	1		14	
Costa do Marfim	18	5					13	
Nigéria	18*	5			1		11	1
Honduras	20	17			2		1	
Estados Unidos	18	8	1				7	2
Brasil	18	6					12	
Argentina	19	3					16	
Nova Zelândia	18	12				1	3	2
Países Baixos	18	13					5	
Sérvia	18	8			2		8	
Bélgica	20	8					12	
Itália	20	19					1	

Quadro 31:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL MASCULINO 2012								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Grã-Bretanha	18	18						
Coreia do Sul	18	8			6		4	
Japão	18	12					6	
Emirados Árabes	19	19						

Unidos								
Gabão	19	10					9	
Marrocos	18	3					15	
Egito	18	17					1	
Honduras	18	14					2	2
México	18	17					1	
Brasil	18	7					11	
Uruguai	18	8	1				9	
Nova Zelândia	18	6					10	2
Espanha	18	12					6	
Suíça	18	8					10	
Bielorrússia	19	18					1	
Senegal	18	1			1		16	

Quadro 32:

JOGOS OLÍMPICOS – FUTEBOL MASCULINO 2016								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Brasil	18	13			1		4	
Japão	18	16					2	
Coreia do Sul	18	11			3		4	
Iraque	18	12			2		4	
Nigéria	18	3		2			13	
Argélia	19	16			1		2	

África do Sul	20	18	1				1	
Honduras	18	16					1	1
México	20	19						1
Argentina	18	14	2				2	
Fiji	17	16				1		
Alemanha	19	18					1	
Dinamarca	18	13			1		4	
Portugal	18	13					5	
Suécia	18*	9					9	
Colômbia	19	16	1				2	

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Foram analisados os dados de 6 Jogos Olímpicos, 96 seleções e 1.845 atletas analisados. Das seleções analisadas nesses jogos, apenas 15 delas não possuíam jogadores atuando na Europa. Assim como nos mundiais sub-20, todas as competições analisadas possuem transferências.

Observa-se também o crescimento no número de jogadores em cada seleção do Sul-global que atua na Europa e em países do Norte-global. Em relação ao fluxo entre continentes, apenas um atleta estadunidense jogou em uma equipe do Sul-global, nenhum europeu. Em contra partida, 237 atletas latino-americanos e africanos atuavam por equipes do Norte-global.



Gráfico 3:

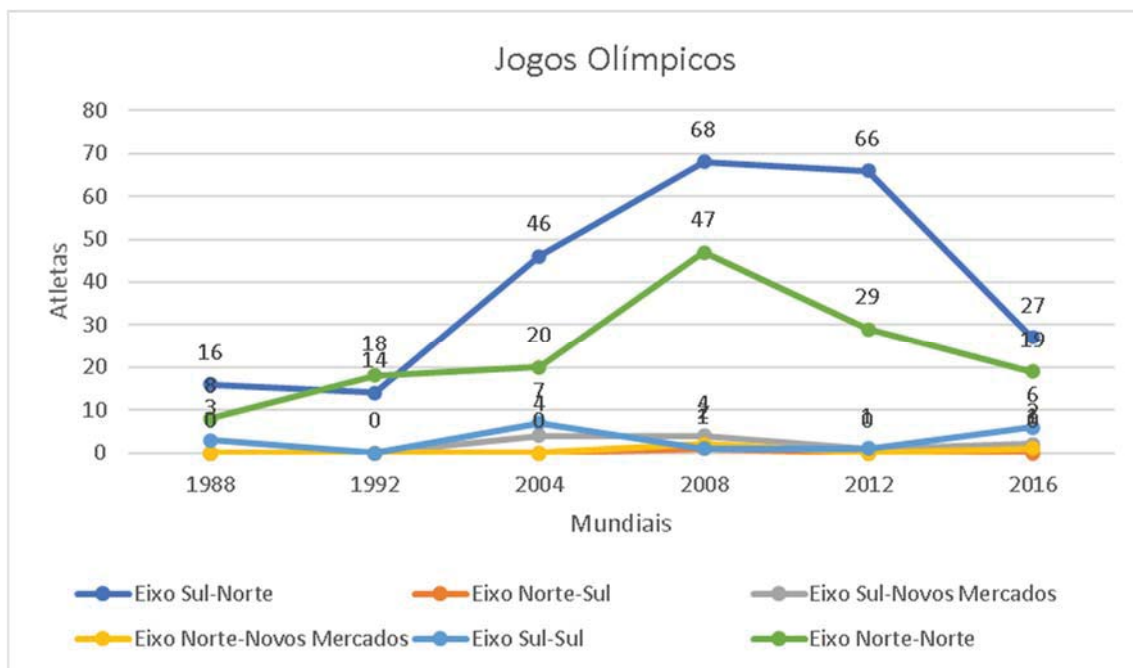


Tabela 8: Campeões Jogos Olímpicos

Africanos		Latino-americanos		Europeus		Norte-americanos	
Nigéria	1996	Brasil	2016, 2020	URSS	1956, 1988	Canadá	1904
Camarões	2000	México	2012	Grã-Bretanha	1900, 1908, 1912		
		Argentina	2004, 2008	Bélgica	1920		
		Uruguai	1924, 1928	Itália	1936		
				Suécia	1948		
				Hungria	1952, 1964, 1968		
				Polônia	1972		
				Alemanha	1976		

				Oriental			
				Iugoslávia	1960		
				Checoslováquia	1980		
				França	1984		
				Espanha	1992		
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>Total</b>	<b>17</b>	<b>Total</b>	<b>1</b>

Fonte: FIFA (2021)

Os Jogos Olímpicos Modernos são as competições de futebol em nível mundial mais antigas que existem. Para se analisar os resultados, é importante fazer um apanhado histórico. É possível dividir a história da modalidade nos jogos em três fases (LEAL, 2020):

- PERÍODO ANTIGO (1900-1948): Na primeira, que vai do início dos Jogos até o fim da Segunda Guerra Mundial, há muita desorganização, mas o torneio refletia um pouco a relação de forças do futebol internacional.
- PERÍODO COMUNISTA (1952-1980): Na segunda, entre as décadas de 1950 e 1970, no auge do “amadorismo”, há um enorme domínio do Leste Europeu, que enviava suas competitivas seleções principais para enfrentar times realmente amadores, compostos por juniores.
- PERÍODO MODERNO (a partir de 1984): Por fim, a fase “moderna”, em que a Fifa tentou igualar as condições e impôs limitações uniformes para todos os países.

Contudo, a partir dos dados de 1988, primeira competição analisada, já no período moderno, os países do Sul-Global tem amplo domínio. Antes de 1988, a América do Sul possuía 2 títulos, com o Uruguai em 1924 e 1928 (considerados como títulos mundiais, pois até então não havia a Copa do Mundo FIFA), sendo os únicos de países do Sul-global. Após 1989, América do Sul e África somam 7 títulos contra 2 da Europa.

Com relação aos dados, é a competição analisada que possui maior fluxo Sul-Norte de circulação de atletas, seguido pelo fluxo Norte-Norte. Nota-se também que há uma queda nesses eixos, e um aumento de circulação Sul-Sul. Corrobora com os

dados dos mundiais Sub-20, onde se observa a tendência do futebol europeu em contratar atletas jovens e com potencial de crescimento, tendo a idade como fator determinante.

## 4.2 Copas do Mundo e circulação de futebolistas

O futebol apresenta, em termos locais e globais, muitas áreas de análises de discursos, tendências, processos e fenômenos sociais, que envolvem e afetam a sociedade. Ele sintetiza e traduz uma das grandes tendências sociais da contemporaneidade, compreendido na lógica do Sistema-Mundo, dominado por fortes tensões entre o desenvolvimento do capitalismo liberal e o mercado, com relação as resistências comunitárias e identitárias.

De acordo com Tiesler e Coelho (2006, p. 313-314):

Cinco importantes elementos e consequências dos processos de globalização — nomeadamente a migração internacional, o fluxo de capital global, a natureza sincretística da tradição e da modernidade na cultura contemporânea, as novas experiências do tempo e do espaço e o desenvolvimento revolucionário das tecnologias da informação — tornam-se particularmente expressivos no estudo do futebol e das realidades que lhe estão associadas. [...] Ao examinar fenômenos relacionados com o futebol nas áreas da nação e da migração, dos mitos e dos negócios, da cidade e do sonho, este volume mostra de que modo o futebol modernizado constitui em si mesmo não apenas um objecto, como também um sujeito/ agente dos processos da globalização neoliberal e da globalização alternativa, contra-hegemônica.

A apropriação do futebol pela mídia/televisão, o interesse crescente que o mercado do futebol desperta em empresas e transnacionais, a importância cultural e simbólica a partir da imagem das marcas e patrocínios, estão entre as principais modificações que sinalizam a entrada do futebol no mercado globalizado. Mas a maior mudança recente ocorreu nas transferências de atletas e suas relações contratuais com os clubes a partir da Lei Bosman, transformando o mercado de circulação de futebolistas.

Diante disso, a pesquisa buscou analisar os mundiais FIFA e os eixos de circulação de jogadores, tanto na Copa do Mundo de seleção como na Copa do Mundo de clubes. Primeiramente foi analisada a evolução da circulação de atletas

na Copa do Mundo FIFA de seleções pós-período de intensificação do processo de globalização, principalmente após a queda do muro de Berlim em 1989.

Quadro 33:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 1990								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	22	17					5	
Argentina	23	9	2				12	
Áustria	22	22						
Bélgica	22	19					3	
Brasil	22	10					12	
Camarões	22	13					9	
Colômbia	22	20					2	
Coreia do Sul	22	22						
Costa Rica	22	22						
Egito	22	19					3	
Emirados Árabes	22	22						
Escócia	22	20					2	
Espanha	22	22						
Estados Unidos	22	20*					2	
Holanda	22	14					8	
Inglaterra	22	21					1	
Irlanda	22	20					2	
Itália	22	22						
Iugoslávia	22	14					8	
Romênia	22	21					1	

Suécia	22	11					11	
Tchecoslováquia	22	14					8	
União Soviética	22	15					7	
Uruguai	22	10	2				10	

Quadro 34:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2002								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Argentina	23	2	1				20	
África do Sul	23	7					16	
Alemanha	23	20					3	
Arábia Saudita	23	23						
Bélgica	23	15					8	
Brasil	23	13					10	
Camarões	23	-			1		22	
China	23	20					3	
Coreia do Sul	23	16			5		2	
Costa Rica	23	20					3	
Croácia	23	4					19	
Dinamarca	23	2					21	
Equador	23	20	1				2	
Eslovênia	23	5			1		17	
Espanha	23	22					1	

Estados Unidos	23	11					12	
França	23	5					18	
Inglaterra	23	22					1	
Irlanda	23	1*					22	
Itália	23	22					1	
Japão	23	19					4	
México	23	19					4	
Nigéria	23	3			3		17	
Paraguai	23	9	9				5	
Polônia	23	8*					15	
Portugal	23	15					8	
Rússia	23	14					9	
Senegal	23	1					22	
Suécia	23	3					20	
Tunísia	23	14					9	
Turquia	23	13					10	
Uruguai	23	8	1				14	

Quadro 35:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2006								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	23	21					2	
Argentina	23	3	2				18	
Brasil	23	3					20	
Equador	23	18	1		2		2	
México	23	19					3	1

Paraguai	23	5	10				8	
Estados Unidos	23	11					12	
Trinidad e Tobago	23	4					17	2
Portugal	23	8					15	
Espanha	23	18					5	
Inglaterra	23	21					2	
França	23	11					12	
Suíça	23	6					17	
Suécia	23	6					17	
República Tcheca	23	2					21	
Itália	23	23						
Costa Rica	23	20	1				1	1
Ucrânia	23	19					4	
Sérvia e Montenegro	23	8					15	
Holanda	23	14					9	
Polônia	23	8			1		14	
Togo	23	1		1	2		19	
Gana	23	4			3		16	
Angola	23	11*		1	1		10	
Japão	23	17					6	
Costa do Marfim	23	-		1			22	
Tunísia	23	4					19	

Irã	23	17			1		5	
Arábia Saudita	23	23						
Coreia do Sul	23	16			2		5	
Austrália	23	2					21	
Croácia	23	4					19	

Quadro 36:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2010								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
África do Sul	23	16			1		6	
México	23	14					9	
Uruguai	23	2	6				15	
França	23	11					12	
Argentina	23	6					17	
Nigéria	23	-			3		20	
Coreia do Sul	23	13			4		6	
Grécia	23	14					9	
Inglaterra	23	23						
Estados Unidos	23	4	2				17	
Argélia	23	3					20	
Eslovênia	23	2			1		20	
Alemanha	23	23						
Austrália	23	3*			3		17	
Sérvia	23	2					21	



Gana	23	4		2			17	
Holanda	23	9					14	
Dinamarca	23	7					16	
Japão	23	19					4	
Camarões	23	1					22	
Itália	23	23						
Paraguai	23	4	10				9	
Nova Zelândia	23	11*				3	7	2
Eslováquia	23	2					21	
Brasil	23	3					20	
Coreia do Norte	23	20			2		1	
Costa do Marfim	23	1			1		21	
Portugal	23	10					13	
Espanha	23	20					3	
Suíça	23	7					16	
Honduras	23	14			2		6	1
Chile	23	7	3		1		12	

Quadro 37:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2014									
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					Europa	América do Norte
			América Latina	África	Ásia	Oceania			
Alemanha	23	16					7		
Argentina	23	3	1				19		
Argélia	23	2		1	1		19		

Austrália	23	7			3		12	1
Brasil	23	4					19	
Bélgica	23	3					20	
Bósnia	23	1			1		21	
Camarões	23	2					21	
Chile	23	5	3				15	
Colômbia	23	3	4				16	
Coreia do Sul	23	-			7		10	
Costa Rica	23	9					11	3
Costa do Marfim	23	1					22	
Croácia	23	2					21	
Equador	23	8	9		1		4	1
Espanha	23	14					9	
Estados Unidos	23	9	1				12	1
França	23	8					15	
Gana	23	1		3	1		18	
Grécia	23	9					14	
Holanda	23	10					13	
Honduras	23	11	1		1		6	4
Inglaterra	23	22					1	
Irã	23	14			2		6	1
Itália	23	20					3	
Japão	23	11					12	
México	23	15					8	
Nigéria	23	4			2		17	

Portugal	23	8					15	
Rússia	23	23						
Suíça	23	7					16	
Uruguai	23	1	5		1		16	

Quadro 38:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINO 2018								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Rússia	23	21					2	
Brasil	23	3			1		19	
Irã	23	9			2		12	
Japão	23	8	1				14	
México	23	9					11	3
Bélgica	23	1			2		20	
Coreia do Sul	23	12			6		5	
Arábia Saudita	23	20					3	
Alemanha	23	15					8	
Inglaterra	23	23						
Espanha	23	17					6	
Nigéria	23	1		1	3		18	
Costa Rica	23	7	1				10	5
Polônia	23	4					19	
Egito	23	8			4		10	1
Islândia	23	1					22	

Sérvia	23	3			1		19	
França	23	-					14	
Portugal	23	6			1		16	
Argentina	23	4	1		1		17	
Colômbia	23	3	6				14	
Uruguai	23	2	7				14	
Panamá	23	3	9				5	6
Senegal	23	22		1				
Marrocos	23	2			1		20	
Tunísia	23	6		2	5		10	
Suíça	23	1					22	
Croácia	23	2					21	
Suécia	23	-			1		21	1
Dinamarca	23	3					20	
Austrália	23	3			4		16	
Peru	23	5	11				5	2

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Foram analisados 6 mundiais<sup>18</sup> pós 1989, 184 seleções e 4.209 atletas. Das 184 seleções analisadas nesses mundiais, apenas 6 delas não possuíam jogadores atuando na Europa. O crescimento no número de jogadores em cada seleção do sul-global que atua na Europa e em países do norte-global também é um dado interessante, principalmente analisando na Copa de 1990 e na última em 2018. O Brasil, a título de exemplificação, possuía 10 atletas que atuavam no país na Copa da 1990, sendo que no mundial de 2018 caiu para apenas 3.

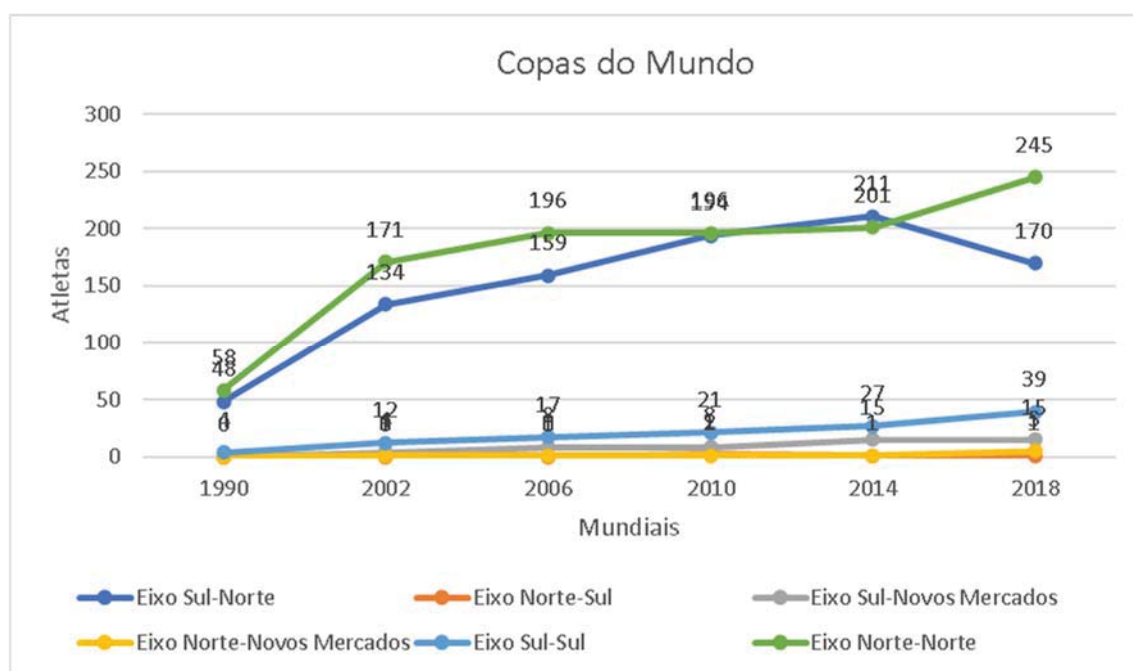
Na Copa de 1990, é a América do Sul quem lidera essas exportações de jogadores, a África (com atletas dos Camarões) também se destaca. Mas nas copas

---

<sup>18</sup> Os mundiais de 1994 e 1998 não foram analisados pois ainda não foi possível achar os dados completos.

subsequentes, nota-se uma grande concentração de jogadores de todos os continentes na Europa. Mais do que Norte, é a Europa que concentra os futebolistas.

Gráfico 4:



Com relação a análise dos eixos de transferência, mostra um tímido crescimento da circulação de atletas do Sul-global para novos mercados. Há um crescimento da circulação Sul-Sul, mas as maiores circulação são Sul-Norte e Norte-Norte, mostrando que principalmente o mercado europeu coopta os principais jogadores das principais seleções do mundo. Dentro desse cenário, mostra uma pequena queda das transferências Sul-Norte, e um contínuo aumento do eixo Norte-Norte.

Esses dados, juntamente com os dos mundiais de clubes, mostram como a globalização influencia diretamente o futebol, a circulação de atletas no fluxo periferia-centro e, conseqüentemente, os resultados. Antes de 1989, a América do Sul possuía 7 títulos mundiais de seleções, contra 6 da Europa. Após 1989, a América do Sul possui apenas 2 títulos contra outros 6 da Europa.

Observa-se também o ranking da FIFA das seleções masculinas. Das 20 principais seleções do mundo até 2020, 7 são seleções do Sul-Global, e 13 são

européias. Isso se relaciona com os resultados de campo, mercado e capital técnico. Há ainda um nível de competitividade, porém, está cada vez diminuindo mais em se tratando de competições adultas, com as equipes principais.

**Figura 1: Ranking FIFA – Seleções Masculinas 2021**

1		Belgium	11		Croatia
2		France	12		Denmark
3		Brazil	13		Germany
4		England	14		Netherlands
5		Portugal	15		Colombia
6		Spain	16		Switzerland
7		Argentina	17		Chile
8		Uruguay	18		Wales
9		Mexico	19		Poland
10		Italy	20		Senegal

Fonte: FIFA (2021)

Essa diminuição na competitividade é ainda mais nítida nos resultados dos Mundiais de Clubes. Contando a Copa Intercontinental disputada desde 1960, tendo esse formato disputado até 2004, eram 22 títulos para os sul-americanos e 21 para os europeus. Após o surgimento do mundial FIFA, são 12 títulos europeus contra apenas 4 sul-americanos.

### 4.3 Mundiais de Clubes e a globalização: análise da circulação de atletas

Seguindo na análise de circulação de futebolistas em mundiais FIFA, foi analisado também as Copas do Mundo de Clubes. O futebol mostra essa lógica de mercado principalmente nos clubes, girando fortunas nos países do Norte-global (e, muitas vezes, também em países do Sul-global). Grandes atletas de países periféricos acabam indo jogar na Europa, o que diminui cada vez mais a competitividade, evidenciando essas dinâmicas do Sistema-Mundo Moderno.

Nos mundiais de clubes, percebe-se a estrutura da economia política no futebol. Nesta perspectiva, em meio a desigualdade no desenvolvimento do futebol em relação às seleções nacionais e, principalmente, aos clubes, há a apropriação por entidades paraestatais, criando regras para competições “igualitárias”, como defendia o capitalismo liberal. Bolaño (apud SANTOS, 2014, p. 565) aponta que há um processo de edificação de uma ordem esportiva que, partindo do mundo da vida, sobrepõe-se a ele e o coloniza.

Contudo, há contradições do capital no que tange às atividades esportivas, principalmente no caso do futebol. A modalidade gera produtos que são vendidos ao mundo, inclusive imagens de atletas do Sul-global. Em diversos mundiais, os europeus veem os países sul-americanos como os principais adversários, mesmo sob condições financeiras piores.

Porém, com a escalada da globalização no futebol, Mosco (apud SANTOS, 2014, p. 570) afirma que:

O uso do poder político e econômico contém um valor consideravelmente explicativo para compreender o êxito da mercantilização. O processo reduz os recursos, o tempo e o espaço disponíveis para as alternativas, pelo que a mercantilização se percebe não como um processo de poder senão como a ordem natural, o sentido comum, a realidade da vida social. [...] O poder institucional, que fomenta uma lógica e elimina as alternativas, é central para a construção da hegemonia. Porém existe também a questão do vínculo entre o valor de uso e o valor de troca. Para o valor de troca, amplia não apenas ao minar os valores de uso e de não mercadoria, senão também ao usar estes valores para realizar seu próprio atrativo e, no processo, ao transformar os valores de uso em valores de troca.

Essa hegemonia europeia nos mundiais de clubes mostra-se recente, principalmente pós Lei Bosman. A partir disso, a pesquisa faz uma coleta de dados dos atletas que disputaram a Copa do Mundo de Clubes da FIFA, no futebol masculino, dos anos de 2000 até 2020, onde haviam representantes de todos os continentes. Foi analisado a origem dos atletas de cada equipe, buscando entender como se dá o fluxo de atletas entre os continentes.

Quadro 39:

MUNDIAL DE CLUBES 2000								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Nassr (ARA)	23	20		3				
Corinthians (BRA)	23	22	1					
Manchester United (ING)	23	11	1	1			10	
Necaxa (MEX)	23	17	6					
Raja Casablanca (MAR)	23	23						
Real Madrid (ESP)	23		4	2			4	
South Melbourne (AUS)	23	21				1	1	
Vasco (BRA)	23	23						

Quadro 40:

MUNDIAL DE CLUBES 2005								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Ahly (EGT)	23	21		2				
Al-Ittihad (ARA)	20	17	1	2				
Deportivo Saprissa (CRC)	23	23						
Liverpool (ING)	20	5		2		1	12	
São Paulo (BRA)	23	22	1					



Sidney (AUS)	22	19	1		1		1	
-----------------	----	----	---	--	---	--	---	--

Quadro 41:

MUNDIAL DE CLUBES 2006								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Ahly (EGT)	23	21		2				
Auckland City (NZL)	22	13	1	2	1		5	
América (MEX)	23	17	6					
Barcelona (ESP)	23	9	8				6	
Jeonbuk (COR)	23	21	2					
Inter (BRA)	23	21	2					

Quadro 42:

MUNDIAL DE CLUBES 2007								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Milan (ITA)	23	12	5			1	5	
Boca Juniors (ARG)	23	19	4					
Etoile (TUN)	23	19		4				
Pachuca (MEX)	23	17	6					
Sepahan (IRÃ)	23	19		1	2		1	
Urawa Reds (JAP)	23	21	2					
Waitakere (NZL)	23	16				2	5	

Quadro 43:

MUNDIAL DE CLUBES 2008								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Adelaide (AUS)	22	18	4					
Al-Ahly (EGT)	23	20		2	1			

Pachuca (MEX)	23	16	6					1
Gamba Osaka (JAP)	23	21	2					
LDU (EQU)	23	19	4					
Manchester United (ING)	23	7	3		1		12	
Waitakere (NZL)	20	11	1			2	6	

Quadro 44:

MUNDIAL DE CLUBES 2009								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Ahli (EAU)	23	20	1	1	1			
Atlante (MEX)	23	17	6					
Auckland City (NZL)	22	17		2	1		2	
Barcelona (ESP)	23	12	5	2			4	
Estudiantes (ARG)	22	19	3					
Mazembe (CON)	22	20		2				
Pohang Steelers (COR)	22	20	1		1			

Quadro 45:

MUNDIAL DE CLUBES 2010								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Inter (BRA)	23	20	3					
Hekari (PNG)	23	11				12		
Al Wahda (EAU)	23	19	3	1				
Inter (ITA)	23	5	8	4			6	
Mazembe (CON)	23	19		4				
Pachuca (MEX)	23	15	6					2
Seongnam (COR)	23	20	1			1	1	

Quadro 46:

MUNDIAL DE CLUBES 2011								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte

Al-Sadd (CAT)	23	18	1	3	1			
Auckland City (NZL)	23	15	2				6	
Barcelona (ESP)	23	14	7	1			1	
Espérance (TUN)	23	19		4				
Kashiwa (JAP)	23	19	2		2			
Monterrey (MEX)	23	18	5					
Santos (BRA)	23	22	1					

Quadro 47:

MUNDIAL DE CLUBES 2012								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Ahly (EGT)	23	22		1				
Auckland City (NZL)	22	12	2		1	1	6	
Chelsea (ING)	23	8	4	2			9	
Corinthians (BRA)	23	21	2					
Monterrey (MEX)	23	18	5					
Sanfrece (JAP)	23	21			1		1	
Ulsan Hyundai (COR)	23	20	3					

Quadro 48:

MUNDIAL DE CLUBES 2013								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Al-Ahly (EGT)	22	22		1				
Atlético Mineiro (BRA)	23	23						
Auckland City (NZL)	23	10	1		1	2	9	
Bayern München (ALE)	23	11	3				8	1
Guangzhou (CHI)	23	18	3		1			
Monterrey	23	16	7					

(MEX)								
Raja Casablanca (MAR)	23	19		4				

Quadro 49:

MUNDIAL DE CLUBES 2014								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Auckland City (NZL)	23	9	1	1	2	1	9	
Cruz Azul (MEX)	23	19	4					
Sétifienne (ARL)	23	21		2				
Tétouan (MAR)	23	20		1			2	
Real Madrid (ESP)	22	10	4				8	
San Lorenzo (ARG)	23	22	1					
Wanderers (AUS)	23	18	1	1			3	

Quadro 50:

MUNDIAL DE CLUBES 2015								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Auckland City (NZL)	23	11	1		2	1	8	
Barcelona (ESP)	23	11	8				4	
River Plate (ARG)	23	18	5					
América (MEX)	23	14	9					
Mazembe (CON)	23	6		17				
Guangzhou (CHI)	23	17	5		1			
Sanfrecce (JAP)	23	21	1				1	

Quadro 51:

MUNDIAL DE CLUBES 2016								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Auckland City (NZL)	23	10	1		2	1	9	
Real Madrid	23	10	5				8	

(ESP)								
Atlético Nacional (COL)	23	19	4					
América (MEX)	23	11	11					1
Mamelodi Sundowns (AFS)	23	16	2	5				
Jeonbuk (COR)	23	21	2					
Kashima Antlers (JAP)	23	20	2		1			

Quadro 52:

MUNDIAL DE CLUBES 2017								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Auckland City (NZL)	23	11	1		2	1	8	
Real Madrid (ESP)	23	11	3	1			8	
Grêmio (BRA)	23	21	2					
Pachuca (MEX)	23	15	6		1			1
Wydad Casablanca (MAR)	23	20		3				
Al Jazira (EAU)	23	19	1	2	1			
Urawa Reds (JAP)	23	20	2				1	

Quadro 53:

MUNDIAL DE CLUBES 2018								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Team Wellington (NZL)	23	17	1			1	4	
Real Madrid (ESP)	23		5				6	
River Plate (BRA)	23	18	5					
Chivas Guadalajara (MEX)	23	22						1
Espérance	23	20		3				

de Tunis (TUN)								
Al Ain (EAU)	23	17	1	3	1		1	
Kashima Antlers (JAP)	23	18	3		2			

Quadro 54:

MUNDIAL DE CLUBES 2019								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Flamengo (BRA)	23	19	3				1	
Liverpool (ENG)	23	10	2	3			8	
Al-Hilal (ASA)	23	16	3		2		2	
Monterrey (MEX)	23	13	10					
Espérance de Tunis (TUN)	23	15		8				
Hienghène Sport (NCD)	23	20	1		1		1	
Al-Sadd (CAT)	23	19		1	2		1	

Quadro 55:

MUNDIAL DE CLUBES 2020								
Equipes	Atletas	Nacionais	Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Palmeiras (BRA)	23	19	3				1	
Bayern München (ALE)	23	10	1	1			9	1
Ulsan Hyundai (COR)	23	20					3	
Tigres (MEX)	23	13	9				1	
Al-Ahly (EGT)	23	18		5				
Al-Duhail (CAT)	23	18	1	2	1		1	

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

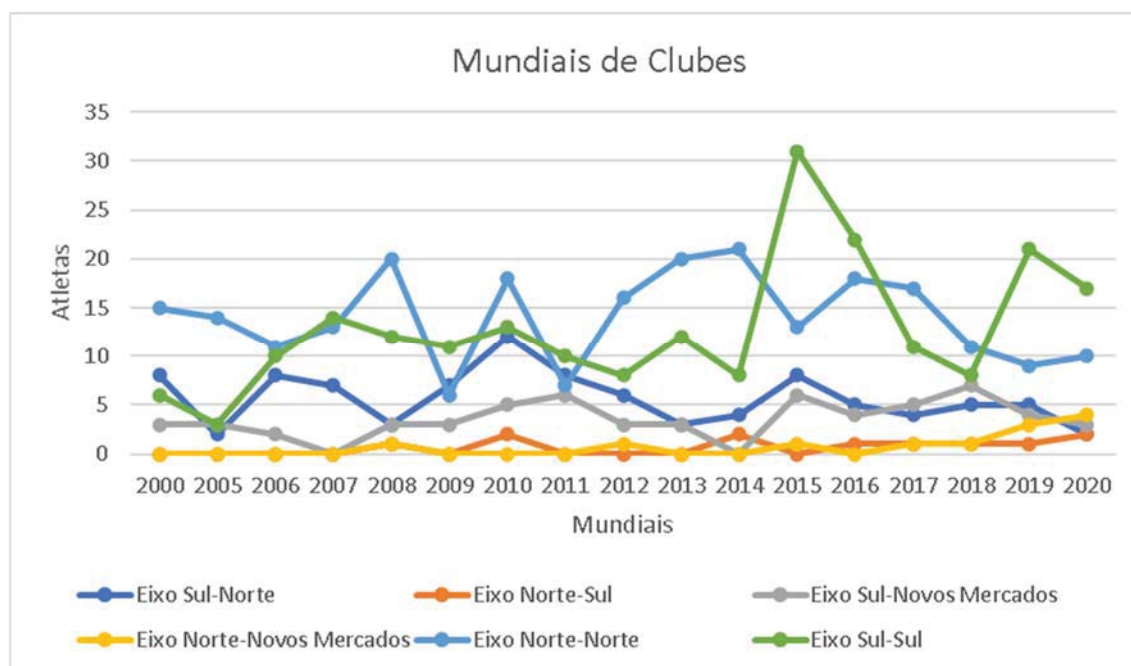
O primeiro ponto analisado foi o número de atletas do Sul-global presentes em equipes do mundo inteiro. Das 117 equipes analisadas apenas quatro do chamado

Norte-global não possuíam atletas latino-americanos ou africanos: Ulsan Hyundai (Coreia do Sul) em 2020, Sanfrecce (Japão) em 2012, Waitakere (Nova Zelândia) em 2007 e South Melbourne (Austrália) em 2000. Esse dado já demonstra como há um fluxo grande de atletas Sul-Norte.

Outra observação é o número irrisório de jogadores do Norte-global que jogam por equipes do Sul-global, de 2.672 apenas 12 atletas (6 europeus e 6 estadunidenses) representando 9 equipes. Por outro lado, observando apenas as equipes europeias, são 95 atletas latino-americanos e africanos, isso sem contar as variáveis como, por exemplo, o limite que a UEFA permite para jogadores estrangeiros, o que poderia acarretar em um número ainda maior.

Ainda, se contar países como Japão, Nova Zelândia, Austrália, Coreia do Sul, Catar, Arábia Saudita, Emirados Árabes e Nova Caledônia, aumenta em mais 76 o número de atletas latino-americanos e africanos. Outro dado interessante é o crescimento de jogadores do Sul-global no mercado chinês, que vem expandindo e é um ator de extrema relevância no atual Sistema-Mundo. Das duas equipes da China analisadas, que disputaram o mundial, eram 8 atletas da América Latina e da África.

Gráfico 5:



A partir do gráfico, se observa a evolução da circulação ao longo dos mundiais de clubes, não apenas em números absolutos. Importante observar que o eixo Sul-Norte ao longo dos anos sempre foi maior que o eixo inverso, mas no último mundial isso mudou, o que pode ser uma tendência. Ainda, se observa que os maiores fluxos foram Sul-Sul e Norte-Norte, tendo nos últimos anos um aumento significativo dos eixos Sul-Sul. Pode-se expandir esse item, analisando cada tabela entre si, e comparando com as outras, e fazer novas análises com esses dados.

A ideia nesta pesquisa é uma reflexão sobre a circulação de futebolistas no Sistema-Mundo Moderno, levando em conta com outros fluxos migratórios de trabalhadores ao longo da história. Houve momentos em que a direção era outra (colonização da América do Sul pelos imigrantes europeus), mas houve momentos em que o fluxo era do Sul-Norte ou Sul-Sul (o mais importante, o do deslocamento forçado dos escravos), evidenciando a reprodução do colonialismo na circulação de atletas de futebol nos mundiais de clubes FIFA.

Vaz (2019, p. 1403-1404) traz o conceito de comunidade imaginada europeia, no qual versa que:

A comunidade imaginada europeia por meio do futebol é principalmente, no entanto, a dos clubes, principalmente depois da II Guerra, e, é preciso não esquecer, de migrantes. Diz Antonio Negri (2006) que os franceses estão por toda parte enriquecendo o “maquiavelismo” do futebol italiano com sua “razão de estado”. A composição faz valer a rivalidade entre times e cidades, muito mais marcante em um país como a Itália, de unificação tardia, mas por toda a Europa. Se a “Europa se tornou um centro de gravitação do futebol mundial – todos querem estar presentes no meio de semana, nem que seja frente à televisão” (CLAUSSEN 2014a, s.p.), é porque os clubes podem corporificar a comunidade imaginada em torno do futebol, do continente, de uma cultura. Se é possível dizer que o futebol na Europa ajudou, como cultura urbana e popular, na construção de uma esfera pública proletária – em complemento e contraposição à burguesa –, se admitimos a proposição de Negt e Kluge (1972), é também preciso reconhecer seu crescente processo de gentrificação associado ao puro fetichismo de espetáculo esvaziado de radicação social. Ou uma forma de “entretenimento repressivo”, como o classificou Negt (2012), ao se referir à Copa da Europa de 2012 e a certo recrudescimento do nacionalismo associado a ela. Mas não é só isso. Afinal, [...] como a cultura, o futebol é uma ‘mercadoria paradoxal’. Se os bens culturais da sociedade burguesa do século dezenove não houvessem se transformado em mercadoria, os artistas nunca teriam se emancipado da tutela aristocrática, assim como jamais teria sido possível sequer imaginar a arte autônoma. Sem a profissionalização do futebol, não haveria possibilidade real para proletários, migrantes e outsiders participarem, de forma ampla, da vida pública (CLAUSSEN, 2012, s.p.). Cultura da classe trabalhadora, masculina (hoje muito também feminina), esta tradição inventada da qual nos fala Hobsbawm (1983, p. 301) teria a força de se apresentar “independente das diferenças locais e regionais”. Com ela, encontramos, neste curto-circuito que procurei montar aqui, personagens circulantes entre nações que se constroem e deixam de existir, migrantes e expatriados que compõem e



recompõem os Estados-Nação, cada país, mas, mais do que isso, uma cultura viva europeia. Como queria Thomas Mann, uma Europa não dominada por um país, língua ou sotaque, mas por uma renovada tradição comum.

A partir disso, aumenta-se competitividade e rivalidades internas na Europa, mas, ao mesmo tempo, diminui-se a competitividade contra o restante do mundo e, conseqüentemente, aumenta-se o poder simbólico europeu. Poder simbólico esse visto nos mundiais de 2009 e 2015, onde Messi foi o responsável pela vitória do Barcelona sobre Estudiantes e River Plate, respectivamente, assim como Firmino foi autor do gol do mundial do Liverpool contra o Flamengo em 2019, sul-americanos decidindo no campo em favor de europeus contra equipes de seus próprios países.

## 5 AS FUTEBOLISTAS E A GLOBALIZAÇÃO

### 5.1 Apontamentos históricos do futebol praticado por mulheres: do global ao local, do local à globalização

O futebol praticado por mulheres teve sua história interrompida durante décadas em diversos países. Ainda hoje, há países em que as mulheres lutam pelo direito de poder entrar em um estádio de futebol. Essas assimetrias fazem com que o futebol praticado por mulheres, com as competições denominadas de futebol feminino, tenha suas próprias dinâmicas, mas não ficam de fora da globalização.

As mulheres praticam futebol desde suas primeiras aparições na história, sendo importantes para o desenvolvimento e evolução da modalidade. Registros históricos apontam que na Dinastia Han (206 a.C. - 220 d.C.) as mulheres jogavam uma variação do antigo jogo chamado TSU Chu. Há outros registros que indicam que no século XV era usual as mulheres praticarem jogos de bola, especialmente na França e na Escócia (SANTOS, 2016, p. 8).

Já a partir do século XIX, há as primeiras aparições do futebol nos moldes que se conhece hoje. O futebol por mulheres era praticado também desde o surgimento do jogo moderno. Como afirma Santos (2016, p. 8):

Em 1863, foram definidas regras para prevenir a violência no jogo, enquanto que era socialmente aceitável para as mulheres. Em 1892, na cidade de Glasgow, Escócia, houve o primeiro jogo de futebol entre as mulheres. Uma competição anual, em Lothian, Escócia durante a década de 1790 é relatado, também como marco na participação das mulheres. O documento mais conhecido sobre os inícios do futebol feminino remonta a 1894 quando Nettie Honeyball, um ativista dos direitos da mulher, fundou o primeiro clube desportivo britânico chamado o Ladies Football Club. Honeyball, convicta de sua causa declarou que pretendia demonstrar que as mulheres poderiam alcançar a emancipação e ter um lugar de destaque na sociedade. Lady Florence Dixie desempenhou um papel fundamental na criação do jogo, organizando jogos de exposição para caridade, e em 1895 ela se tornou presidente da British Ladies' Football Club, estipulando que "as jovens devem entrar no espírito do jogo com o coração e a alma." Ela providenciou uma turnê para a Escócia da equipe de futebol de Londres.

O futebol praticado por mulheres se tornou popular em grande escala na época da Primeira Guerra Mundial, quando o emprego na indústria impulsionou o crescimento do esporte, assim como acontecera com os homens cinquenta anos antes. Muitos homens foram para a guerra, já as mulheres foram introduzidas nas

fábricas, onde muitas tiveram suas próprias equipes de futebol, que até então eram privilégio de homens.

Um time de mulheres da Inglaterra jogou contra outro da Irlanda no Boxing Day 1917 diante de uma multidão de 20.000 espectadores, considerado como o primeiro jogo internacional de futebol entre mulheres (BBC, 2018). A equipe de maior sucesso da época foi *Dick, Kerr's Ladies* de Preston, Inglaterra, chegando a atrair mais de 50 mil espectadores no Boxing Day de 1920. (THE GUARDIAN, 2008). A equipe jogou as primeiras partidas internacionais femininas em 1920, contra uma equipe de Paris, França, em abril, e também representou a maior parte da seleção da Inglaterra contra um Scottish Ladies XI em 1920, vencendo por 22-0 (SCOTTISH FA, 2005).

Apesar de ser mais popular do que alguns eventos de futebol masculino na época - uma partida teve uma multidão de 53.000 pessoas, público alto inclusive para os padrões atuais (ALEXANDER, 2005) - o futebol feminino na Inglaterra foi interrompido em 1921 quando a *Football Association* (FA) proibiu o jogo em campos de membros da associação, alegando que "o jogo de futebol é totalmente inadequado para mulheres e não deve ser incentivado" (THE FA, 2021).

Entende-se que a proibição também tem caráter de não aceitação de homens em razão das grandes multidões que as partidas femininas atraíram, dentro de um contexto de masculinidades hegemônicas (MÅRTENSSON, 2016). Apesar da proibição, algumas equipes de mulheres continuaram a jogar. A *English Ladies Football Association* foi formada e os jogos de mulheres transferidos para campos de rúgbi (SCOTTISH FA, 2005).

Após a Copa do Mundo masculina de 1966 na Inglaterra, o interesse do público pelo futebol de mulheres cresceu novamente. Junto a isso, com reivindicações também de movimentos feministas, a FA decidiu voltar atrás na proibição e, em 1969, criou o núcleo feminino da FA. Logo depois, em 1971, a UEFA instruiu seus afiliados a gerir e promover o futebol feminino e na Europa ele foi consolidado nos anos seguintes. Desta forma, o futebol praticado por mulheres começou a crescer em nível global, países como Itália, Estados Unidos e Japão têm

ligas profissionais cuja popularidade não inveja o que é atingido pelos seus similares do sexo masculino (SANTOS, 2016, p. 9).

Em se tratando de América Latina, Alabarces (2018) vai além de rever os mitos fundadores e destaca a importância que as instituições escolares, os clubes desportivos e as empresas mineiras e ferroviárias tiveram nos diferentes processos de divulgação do futebol. Contudo, aponta também que foram transmissões masculinas para sujeitos masculinos, evidenciando a exclusão das mulheres desta atividade até datas mais recentes.

O futebol praticado por mulheres no Brasil também teve suas especificidades. Como dito anteriormente, o futebol é, além de um esporte, um fenômeno social capaz de integrar pessoas de diversas origens sociais, culturais, étnicas, religiosas, identitárias, sejam praticantes ou espectadores. Inicialmente no Brasil, o futebol era uma prática de lazer restrito à elite. Contudo, na década de 1920 e principalmente a partir de 1930, com a implementação do profissionalismo, o futebol brasileiro tornou-se uma prática popular.

Assim sendo, além de seu potencial socializador, o futebol tem capacidade de expressar determinada cultura predominante em diversas sociedades ou grupos sociais. A inserção feminina na prática esportiva em todo o mundo teve de romper com muitas barreiras, pois o esporte no molde ocidental foi criado pelo o homem e para o homem (BATISTA, DEVIDE, 2009). Como dito, a prática do futebol feminino não é um acontecimento recente. Em diversos países ela é praticamente contemporânea ao futebol masculino (GIULIANOTTI, 2002). No Brasil, tem-se registros em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro nos anos de 1930.

Nesse período, com adesão do público feminino às práticas esportivas no país, uma cidade no interior do Rio Grande do Sul aparece também como uma das pioneiras. Pelotas se torna palco de uma experiência de organização de duas equipes de futebol feminino. Antes disso, tem-se conhecimento de que a prática do futebol feminino resumia a exibições esporádicas no município. Um exemplo dessas exibições se encontra no jornal Opinião Pública do dia 14 de janeiro de 1930, quando ele relata que, no dia anterior, “deram entrada no picadeiro dois quadros de Futebol Feminino”, com sentido pejorativo, ridicularizando o evento, sem levar em conta o lado esportivo (RIGO et al., 2008, p. 176).

Entretanto, na década de 1950, a experiência do futebol feminino foi pautada no lado esportivo e na competitividade, sendo um capítulo importante para a história do futebol feminino pelotense e brasileiro. As equipes pertenciam ao Vila Hilda Futebol Club e ao Corinthians Futebol Club, dois clubes de bairros de periferia da cidade de Pelotas, que mantinham também times masculinos e possuíam uma estrutura com sede e campo próprios.

Na sua análise, RIGO (et al., 2008, p. 181-182) versa que:

Após uma série de treinos, jogos e excursões, que se estenderam de maio a novembro de 1950, o futebol feminino no estado mostrava-se em ascensão; além de aumentar o número de equipes (Vila Hilda, Corinthians, Amazonas, Renner e Tiradentes), ele havia conquistado a simpatia do público e ocupado um espaço significativo na imprensa de Rio Grande, de Pelotas e de Porto Alegre. Porém, foi justamente nesse momento de ascensão do futebol feminino que o CND entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor, que proibia a prática desse esporte por mulheres, em todo o país. Em matéria publicada no dia 23 de novembro, o jornal Diário Popular reproduz um trecho da notícia que fora publicada no jornal Folha da Tarde de Porto Alegre comentando, justamente, que “quando maior era a atividade dos clubes femininos em nosso estado, eis que o CND, em nota fornecida hoje, anunciou a proibição de jogos de futebol feminino em todo o país, por achar que o referido não se coaduna com a forma física do ‘belo sexo’” (Jornal Diário Popular, 23 nov. 1950, p. 5). Mais adiante, a mesma matéria denuncia: “foi então que se observou a tristeza e a revolta que ficaram possuídos os responsáveis e as praticantes”. Dona Norma recordou esse episódio intervencionista e lamentou: “quando tava bom, quando a gente estava gostando, terminou” (BRECHANE, 2004).

Pode-se afirmar que essa experiência foi pioneira no futebol feminino local. Ela serve para refletir primeiramente sobre a ainda desconhecida genealogia do futebol feminino brasileiro. Além disso, essa experiência é importante para se observar os embates conjunturais da sociedade – disputas que envolvem relações de gênero e de poder.

Evidencia-se essa relação na proibição do futebol feminino pelo Conselho Nacional de Desporto – CND na época, o qual proibiu a prática de futebol pelas mulheres no momento em que o esporte estava em ascensão. Ou seja, o que, em um mesmo momento histórico, é permissivo e incentivado para um dos sexos, é proibido para o outro. Nessa perspectiva, Rigo (et al., 2008, p. 182-183) diz que:

Nesse sentido, é interessante observar que, em um primeiro momento, a iniciativa do Vila Hilda e do Corinthians contou com o apoio considerável da imprensa, dos diretores dos clubes, dos familiares das jogadoras e da

sociedade de uma maneira geral, e parecia não preocupar o CND. Afinal, tratava-se apenas de um grupo de meninas, em sua maioria ainda adolescentes, praticando um exótico futebol com sapatos de basquetebol, em dias de “festa social-esportiva”. Nota-se que a intervenção do CND ocorreu em um momento em que o futebol feminino começava a estruturar-se de modo que se constituísse em uma modalidade esportiva de abrangência nacional. Essa intervenção deu-se justamente quando se começou a cogitar a possibilidade dos times locais excursionarem para outros estados ou mesmo para fora do país; quando o Vila Hilda e o Corinthians formavam os seus respectivos departamentos de futebol feminino, compostos apenas por mulheres; e quando as jogadoras começavam a reivindicar o uso de chuteiras.

A década de 1930 marcou o momento do reconhecimento da profissionalização do futebol no Brasil. Foi nesse período que o futebol ganhou maior expressão e deixou de ser apenas lazer, permitindo que uma minoria ganhasse a vida através do futebol (ALMEIDA, 2012). Em 1941, se debatia muito profissionalização e amadorismo, ainda que de forma rasa. Foi assim que a temática dos esportes femininos se tornou uma demanda do CND. Foi então instituído o Decreto-lei 3199/41, no qual em seu art. 54 versava “*Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país*”. Apesar de não ser citado nominalmente, o futebol se enquadrava.

O futebol praticado por mulheres passou a ser proibido pelo CND somente quando deu sinais de que poderia estruturar-se. Como uma modalidade esportiva feminina, poderia conquistar mais autonomia e fazer reivindicações que, até aquele momento, eram restritas ao futebol masculino. A conduta do CND estava em sintonia com os valores e com a moral da época, tendo em vista padrões e regras arbitrárias que a sociedade estabelecia e que definia comportamentos, roupas, modos de se relacionar e de se portar (LOURO, 1997, p. 23). No Brasil dos anos de 1950 ainda predominavam os discursos higienistas vigilantes da sexualidade e do corpo da mulher brasileira.

Somente no início dos anos de 1970 que vai haver uma redefinição do “lugar social e sobretudo sexual da mulher” (RAGO, 2002, p. 193). Assim, os movimentos feministas, durante a década de 1970, entre grupos ligados à luta contra a ditadura no Brasil, levantaram questões relacionadas ao corpo e aos direitos sexuais e reprodutivos (GROSSI, 1996). Está no cerne deste debate que as feministas ligadas ao campo do esporte tiveram essa grande vitória que foi o fim da proibição da

participação das mulheres no futebol (e em outros esportes) no Brasil, com a promulgação da deliberação nº 10 de 1979 pelo Conselho Nacional de Desporto (RIAL, 2015). O fim da proibição, no entanto, não muda tudo o cenário como um todo. O futebol feminino não recebe estímulo de clubes e federações, ainda não havia sido regulamentado e seguia enfrentando proibições pelo país.

Rial (2014, p. 98, 99) afirma que o futebol praticado pelas mulheres no Brasil parece ter seguido o mesmo ciclo das suas congêneres nos países europeus: começou na mesma época que o futebol praticado pelos homens, também como uma curiosidade cômica de circo; cresceu no início do século XX; foi oficialmente proibido por motivos médicos na década de 1940; e foi retomado após a pressão do movimento feminista na década de 1970, tornando-se institucionalizado na década de 1980 e formalmente igual ao futebol masculino na década de 1990.

Apenas em 1983 a modalidade foi regulamentada. Com isso, foi permitido que se pudesse competir, criar calendários, utilizar estádios, ensinar nas escolas. Clubes como o Radar, no Rio de Janeiro/RJ, e Saad, em São Caetano do Sul/SP, surgem como pioneiros no profissionalismo. Nessa retomada do futebol feminino, ganhando força na década de 1990, formando um trabalho de base em diversas categorias, surge em Pelotas a equipe do Esporte Clube Pelotas/Phoenix, que após 25 anos de sua fundação, continua em atividade e é referência na modalidade para o país, tendo conquistado diversos títulos locais e regionais. O grupo de atletas conta com mulheres de diversas cidades do Rio Grande do Sul, reunindo centenas de praticantes da modalidade entre a equipe de competição e as escolinhas. Além disso, diversas atletas do clube - ou que passaram por ele - são convocadas para a seleção brasileira todos os anos.

Sobre a instituição, no site oficial do Esporte Clube Pelotas (2015) consta que:

Coordenado pelo competente e dedicado Marcos Planela Barbosa, o especialista em futebol feminino é o fundador do projeto e seu trabalho tem reconhecimento na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). O projeto Pelotas/Phoenix é uma referência nacional na categoria, tendo conquistado diversos títulos locais e regionais. O grupo de atletas conta com meninas e mulheres de diversas cidades do Rio Grande do Sul e reunindo centenas de praticantes da modalidade entre a equipe de competição e a escolinha. Como resultado, diversas atletas do Pelotas são convocadas para a Seleção Brasileira todos os anos. Entre tantas convocações, destaque para 2008, quando a atleta Duda Moreira foi convocada para o 1º Mundial de



Futebol sub-17, na Nova Zelândia e para Andressinha que a imprensa já trata com uma possível substituta para craque Martha. Entre os títulos conquistados na categoria feminina destacam-se o Bicampeonato de Futsal; Pentacampeonato Cidadino de Beach Soccer; Campeonato Gaúcho de Beach Soccer e finalmente o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, conquistado no ano do centenário do clube (2008). Destaca-se também a participação do Pelotas nas edições de 2008 e 2009 da Copa do Brasil de Futebol Feminino. Em março de 2009, graças ao sucesso alcançado como coordenador do Departamento Feminino do clube, Marcos Planela foi convidado pela CBF para assumir o cargo de auxiliar técnico da categoria sub-17 de Futebol Feminino da Seleção Brasileira. Nos orgulhamos muito da Andressinha Machry que contribui muito com o nosso futebol feminino em reconhecimento à contribuição que o Esporte Clube Pelotas teve na sua carreira sendo hoje uma das destaques do futebol feminino brasileiro.

O projeto E.C.Pelotas/Phoenix teve vinte e uma atletas convocadas pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para vestir a camisa da Seleção Brasileira (categorias adulta, sub-20, sub-17 e sub-15). Em 2008, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) selecionou vinte e duas atletas para representar o país no 1º Mundial de Futebol sub-17, na Nova Zelândia. O clube teve como sua representante a atleta Duda Moreira.

Mesmo com todas as dificuldades do futebol praticado por mulheres no país e o pouco apoio, a mídia local faz uma cobertura interessante acerca do trabalho da equipe feminina do Pelotas (EM PAUTA, 2016):

E nestas duas décadas o sucesso têm balizado a imensa maioria das ações desenvolvidas por este departamento, que várias vezes conseguiu levar o nome da instituição áureo-cerúlea mais longe que o similar masculino. (...) Outro destaque do trabalho desenvolvido pelo departamento de futebol feminino do Pelotas é a revelação de talentos que abastecem as mais diversas categorias do selecionado nacional, mais de vinte Lobas já vestiram a camiseta “canarinho”. Dentre estas cabe citar Duda Moreira, que jogou o primeiro mundial sub-17, realizado em 2008, na Nova Zelândia. Atualmente, Andressa Macri, a Andressinha, considerada por muitos como a sucessora da supercraque Martha, foi convocada pela primeira vez quando vestia o manto áureo-cerúleo. Outra figura de ponta que faz parte do plantel das Lobas neste momento é Stefany Krebs, melhor jogadora do mundo de futsal para surdos e titular da seleção brasileira desta categoria.

Desse modo, o departamento de futebol feminino das Lobas destaca-se pelo seu papel importante na região sul do Brasil, pelo celeiro de revelação de craques e pelo trabalho de inclusão social personificado pela atuação da atleta Stefany. Graças ao sucesso alcançado como coordenador do Departamento Feminino do clube, Marcos Planela foi convidado pela CBF, em março de 2009, para assumir o cargo de auxiliar técnico da categoria sub-17 de Futebol Feminino da Seleção Brasileira.



Não obstante, as maiores conquistas da equipe feminina do Pelotas/Phoenix não residem apenas nos resultados de campo, mas também na formação pessoal das atletas, assim como versa Planela (2017):

Eu fui auxiliar técnico da seleção brasileira em 2009, e considero sempre uma grande conquista esse viés de trabalho que a gente tem sempre preocupado com a formação cidadã, acadêmica e escolar das meninas, nós sempre tivemos parceiros que nos deram a condição de investir nisso com as meninas, com bolsa de estudos em supletivos, depois EJA, preparatórios pré-vestibular, pré-Enem, inglês, informática, tivemos várias meninas que concluíram o ensino médio com bolsas nossas que entraram para a universidade também, isso sempre foi um pilar de sustentação do nosso trabalho. A atleta só entra para a equipe do Pelotas se estiver estudando, ou se tiver o ensino médio completo. Se for menos de 18 anos, a gente tem um acompanhamento periódico da performance, do desempenho escolar dela. É uma das metas em cada temporada nossa, além de títulos, conquistas, convocações, mantermos acima de 90% a média de aproveitamento das nossas meninas passando na escola, independente do ano, da seria que elas estejam, se a menina está no primeiro ano da faculdade ou na sétima, oitava, nona série do fundamental, eu considero isso uma grande conquista nossa. Isso acabou sendo um facilitador nesse outro momento que estamos vivendo, de parceira com a Go Usa, está possibilitando a ida de atletas nossas para os Estados Unidos. Já temos duas lá, que foram recentemente, a Julia Oliveira (a central) IOWA, e a Debora Maciel para a Tyler Junior College no Texas. Esperamos que agora na sequência a gente possa seguir oportunizando esse tipo de chance para as nossas atletas. As atletas que alinhem bom comportamento, bom desempenho escolar e potencial técnico.

O preconceito relativo ao futebol feminino é fruto do processo de inserção das mulheres em um contexto esportivo que, historicamente, possuía o protagonismo masculino em razão da exclusão das mulheres nesse cenário. Isso contribui para a construção de estereótipos relacionados à identidade sexual e de gênero das atletas. Franzini (2005, p. 316) afirma que desde a sua origem o futebol é destinado aos homens, que a sociedade brasileira é sexista, tornando a prática do futebol feminino alvo de discursos machistas.

Um dos mais frequentes diz respeito a rotulação de atletas como sendo lésbicas por jogarem futebol, o que levanta o debate sobre a masculinização das atletas que praticam a modalidade. Essa visão se estabelece por uma definição dual sobre gêneros, que considera características como sendo femininas ou masculinas, atribuindo uma conotação às identidades (GOELNNER, 2006, p.3). O contrário também acontece, muitas lésbicas são sexualizadas pelos clubes/federações para corresponder a ideais de feminilidade socialmente prescritos (ALMEIDA, 2013).

Em relação aos preconceitos do futebol feminino, Rigo (et al., 2008, p.185) versa que:

Apesar de o futebol feminino brasileiro ter deixado de ser alvo de interdição, sua consolidação continua sendo um desafio. Boa parte da discriminação e dos preconceitos que ele continua enfrentando, certamente, tem a ver com os 30 anos de proibição e de desqualificação que ajudaram a construir uma moral sexista alicerçada no discurso de que mulher não combina com futebol. Um fator que talvez possa estar relacionado com os conflitos referentes aos preconceitos, para incentivar ou não a prática do futebol feminino, refere-se às qualidades futebolísticas apresentadas pelas jogadoras. Com frequência, elas são tachadas de ruins. Assim, elas têm que mostrar que sabem jogar futebol para alcançarem reconhecimento de parte dos garotos.

Relativo às questões de gênero no futebol, há também a criação do mito do sexo frágil o qual é, ainda hoje, determinante para reprodução de condutas sexistas que discriminam a participação feminina em certos âmbitos sociais (MARTIN, 2006, p.12). De acordo com Goellner (2005, p. 145), uma das desconfianças relativa à presença da mulher no futebol está culturalmente associada ao receio de vulgarização do corpo feminino das atletas, de torná-lo “masculinizado” em razão do esforço físico intenso.

Esse olhar sobre a perspectiva de gênero, de acordo com Joan Scott (1995, p. 86), rompe com a noção de que exista um único jeito masculino ou feminino de ser. A masculinização das mulheres pelo futebol, então, representa admitir ser o futebol um esporte masculino. Diante disso, o futebol não pode masculinizar, mas sim reforçar sua feminilização.

Planela (2017) vê que o preconceito vem diminuindo gradativamente ao longo dos anos, enxerga que há uma maior aceitação da participação da mulher como atleta. Afirma que ainda há um ou outro foco conservador de alguns clubes, alguns setores da imprensa, mas entende que vem diminuindo significativamente esse preconceito. Diz ainda que as meninas com seu talento, sua dedicação, vem conseguindo superar essa barreira. Além disso, fala sobre os desafios da modalidade:

Os desafios ainda são muitos, creio que a modalidade ainda se encontra bastante desorganizada no Brasil. A CBF se preocupa apenas com seleções e competições, ok, até porque isso que é o papel dela no masculino, onde ela ganha muito dinheiro. Feminino ainda não é o caso. Aí fica um jogo de empurra, o COB, CBF, Ministério do Esporte, nenhuma dessas entidades construiu um plano nacional de desenvolvimento para a modalidade. Claro, nós não temos política de estado para o esporte no Brasil. Dentro desse cenário, o futebol feminino, que é uma modalidade

mais recentes, apresenta várias dificuldades, vários problemas em relação a organização. Não há direito trabalhista nenhum para as atletas, há pouca visibilidade ainda, matérias em redes nacionais são esporádicas, não se pensou um projeto para as categorias de base para do futebol feminino do Brasil.

Ainda, Costa (2016, p. 383, 384) realizou entrevistas com atletas e ex-atletas da equipe feminina do Pelotas/Phoenix, nas quais se observa que há apoio por parte de seus familiares, servindo como estímulo para que elas continuem praticando a modalidade. Contudo, fora do âmbito familiar, persistem resquícios de preconceito em razão do gênero no futebol:

“Menina quando escolhe ser jogadora ou etc. de coisas que homens praticam, normalmente sofrem preconceitos e muitas pessoas falavam pra minha mãe, que como eu brincava no meio dos meninos eu iria aparecer grávida, e minha mãe sempre incentivou dizendo que preconceito eu iria sofrer vários, mas era pra mim seguir em frente que ela iria me apoiar[...]” (Entrevista: Corrêa, 2014). Além dessas concepções retrógradas e arcaicas que ainda existem entre indivíduos isolados em espaços institucionais, como as escolas, que deveriam primar por seus lugares que se contrapõem aos pré-conceitos, apesar de não ser a postura predominante nas entrevistas. Ainda existem escolas que restringem a prática do futebol entre suas alunas, contribuindo para a reprodução de posturas preconceituosas perante o futebol feminino. Um exemplo disso foi identificado na entrevista de Amaral (2014), quando ela assinala que: “Pois é, eu saí de um colégio por causa disso, meus professores não deixavam eu jogar, era muito ruim isso” (Entrevista, Amaral, 2014). [...] Uma de nossas entrevistadas, Badia (2014), ex-jogadora que participou dos primeiros anos da equipe do Pelotas/Phoenix, quando perguntada sobre o preconceito observou que: “[...]Hoje em dia as pessoas eles gostam de ver futebol feminino jogar, coisa que antigamente se tinha uma certa restrição, hoje em dia não, já tem uma certa admiração em ver” (Entrevista: Badia, 2014).

Essa admiração citada representa o respeito que a modalidade vem adquirindo, decorrente dos avanços que milhares de atletas conquistaram pouco a pouco. Essa conquista resulta da vitória daquelas mulheres que, enfrentando o preconceito, insistiram em continuar praticando a modalidade, seja ela no campo de grama, em quadras de salão, na areia, nas aulas de Educação Física, nos momentos de recreação e em diversos espaços futebolísticos que até pouco tempo eram ditos como espaço restrito aos homens.

A partir disso, é possível pensar a prática do futebol feminino como um espaço legítimo de empoderamento das mulheres. Isso ocorre em razão de que o esporte, além de ser um importante campo para observar mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade, é um interessante espaço para indagar os

rumos de uma cultura em transição, visando padrões mais igualitários (ADELMAN, 2006, p. 11).

Além do exemplo do trabalho do Pelotas/Phoenix, há outros exemplos importantes ao redor do país nesse sentido. O futebol permite que meninas saiam de situações de risco e vulnerabilidade como drogas, violência doméstica e até mesmo uma gravidez indesejada. Estruturalmente, o futebol feminino ainda tem muito que crescer, com a criação de mais campeonatos, escolas, campos, melhores salários, direitos trabalhistas para as atletas. Entretanto, é inegável que o futebol é um espaço de transformação e empoderamento das mulheres, principalmente negras, pobres e de periferia (PISANI, 2014, p. 8).

A partir do exposto, é possível identificar o árduo caminho percorrido pelas mulheres no esporte, desde sua inserção até a luta pela permanência (e sobrevivência) no cenário do futebol no país. A proibição do futebol feminino no Brasil pela CND e a intervenção direta para banir experiências como a que ocorreu na cidade de Pelotas mostra um pouco do quanto o esporte pode ser alvo de interesses políticos.

Uma estratégia de poder, que opera no seio da sociedade com o intuito de controlar a vida, disciplinar os corpos, estereotipar papéis e controlar a sexualidade (RIGO et al., 2008, p.184). Em razão disso, há necessidade de uma equidade de oportunidades em todos os níveis do futebol feminino, desde a preparação técnica até a cobertura da mídia nos eventos envolvendo a modalidade (BATISTA; DEVIDE, 2009).

A experiência relativa ao futebol praticado por mulheres não diz respeito apenas ao mundo do futebol, está inserido em um contexto histórico-social do país que envolve o movimento feminista e suas lutas emancipatórias. Judith Butler (2001) afirma que há um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o 'sexo' e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. Ou seja, mais do que a permissão ou não da prática do futebol feminino, o que estava em jogo era a inserção das mulheres no espaço público, lutando contra estereotipizações sociais que existiam sobre seu corpo e sua sexualidade (RIGO et al., 2008, p. 183-184).

Contudo, mesmo o futebol praticado por mulheres tendo deixado de ser alvo de interdição no país, sua estruturação e consolidação continuam sendo um desafio.

Não há dúvida que uma considerável parcela da discriminação e preconceito que o esporte continua enfrentando tem a ver com as quatro décadas de proibição e desqualificação, devido a moral sexista alicerçada no discurso de que mulher e futebol não combinam.

O trabalho da equipe feminina do Pelotas/Phoenix se mostra como um movimento de resistência diante de todas as dificuldades impostas para a modalidade. Ainda assim, um trabalho feito em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul com mais de vinte e cinco anos, completamente fora dos grandes centros do país.

Mas, o link que está se fazendo durante a pesquisa com os capítulos anteriores é que, mesmo em um cenário de resistência e tentativa de desenvolvimento da modalidade, a ida das atletas para os Estados Unidos mostra o alcance do processo de globalização também no futebol feminino no interior do país. Ao contrário da situação no Norte-global, a precariedade de sua prática em países do Sul-global tem levado muitas mulheres atletas a deixarem seus países, em busca de melhores condições econômicas e culturais, preferencialmente na América do Norte ou Europa.

## **5.2 Circulação de jogadoras nos mundiais de base de futebol feminino**

De acordo com Carter (2014, p. 174), para dentre os modelos teóricos utilizados, é necessário tomar uma posição específica sobre as questões que envolvem o poder. As diferenças em como a mobilidade é conceituada são um resultado direto da postura teórica assumida por um estudioso na investigação da migração esportiva internacional. Da mesma forma, examinar a mobilidade das mulheres que trabalham no esporte internacional também é político, pois pode conspirar ou desafiar os poderes institucionais que governam o esporte global. Focar nas experiências das mulheres pode ser um catalisador para gerar mudanças na forma como o futebol global é produzido e, em correlação direta, como a mobilidade das mulheres no futebol global é produzida.

Os efeitos da globalização atingem também as futebolistas desde os mundiais de base. Diferente do futebol masculino, no futebol feminino dos Jogos Olímpicos as seleções jogam com suas forças máximas, não há limite de idade. Assim sendo, os mundiais de base do futebol praticado por mulheres são Sub-17 e Sub-20. Importante pontuar que a primeira Copa do Mundo de futebol feminino foi em 1991, com a modalidade entrando nos Jogos Olímpicos em 1996, ambos ocorrendo já em um período de consolidação da globalização.

Os mundiais de base seguiram essa lógica, a Copa do Mundo Feminina Sub-17 da FIFA é um torneio internacional de futebol para jogadoras de até 17 anos. O campeonato é realizado em anos pares, a partir de 2008. A atual campeã é a seleção da Espanha, que conquistou seu primeiro título no torneio de 2018, no Uruguai.

No ano de 2003, após o sucesso do Campeonato Mundial Feminino Sub-19 de 2002, realizado no Canadá, a FIFA propôs adicionar um segundo torneio feminino de base. Assim, a FIFA criou a Copa do Mundo Feminina Sub-17 e o Campeonato Mundial Feminino Sub-20, as mesmas faixas etárias dos torneios de base masculinos. Com isso, o limite de idade para o campeonato Sub-19 foi aumentado para Sub-20, a partir do mundial de 2006 na Rússia e, em 2008, a FIFA cria o campeonato mundial feminino Sub-17, com o primeiro torneio sendo realizado na Nova Zelândia.

Com a pandemia de COVID-19, a edição de 2020 que ocorreria na Índia foi cancelada. A seguir, observa-se os dados da circulação de futebolistas nos mundiais Sub-17 de futebol feminino até o momento:

Quadro 56:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2008								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Dinamarca	21	21						
Canadá	21	21						
Nova Zelândia	21	21						

Colômbia	21	17						4
Alemanha	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Gana	21	20						1
Costa Rica	21	20						1
Japão	21	21						
Estados Unidos	21	21						
França	21	21						
Paraguai	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Inglaterra	21	21						
Nigéria	21*	21						
Brasil	21*	21						

Quadro 57:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2010								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					América do Norte
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	
Nigéria	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Trinidade Tobago	21	13						8
Chile	21	21						

Alemanha	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
México	21	12					1	8
África do Sul	21	20						1
Espanha	21	21						
Japão	21	21						
Venezuela	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Irlanda	21	14					4	3
Brasil	21	21						
Canadá	21	21						
Gana	21	21						

Quadro 58:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2012								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Nigéria	21	21						
Canadá	21	19						2
Colômbia	21	20						1
Azerbaijão	21	15					6	
Coreia do Norte	21	21						
França	21	21						
Estados Unidos	21	21						



Gâmbia	21	21						
Japão	21	21						
Brasil	21	21						
México	21	11						10
Nova Zelândia	21	20						1
Alemanha	21	21						
Gana	21	21						
China	21	21						
Uruguai	21	21						

Quadro 59:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2014								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Venezuela	21	21						
Itália	21	20					1	
Zâmbia	21	21						
Costa Rica	21	21						
Gana	21	21						
Canadá	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Alemanha	21	21						
Japão	21	21						

Espanha	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Paraguai	21	21						
Nigéria	21	21						
México	21	14						7
China	21	21						
Colômbia	21	21						

Quadro 60:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2016								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
México	21	11						10
Espanha	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Jordânia	21	18		1	1		1	
Alemanha	21	21						
Venezuela	21	20						1
Canadá	21	21						
Camarões	21	21						
Coreia do Norte	21	20			1			
Inglaterra	21	21						
Brasil	21	20						1
Nigéria	21	21						
Japão	21	21						

Gana	21	20						1
Estados Unidos	21	21						
Paraguai	21	21						

Quadro 61:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-17 - 2018								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Gana	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Finlândia	21	19					2	
Uruguai	21	20						1
Japão	21	21						
México	21*	14					2	5
Brasil	21	20						1
África do Sul	21	21						
Alemanha	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Camarões	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Espanha	21	21						
Canadá	21	21						

Colômbia	21	20						1
Coreia do Sul	21	21						

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

As equipes que possuem um asterisco ao lado do número de atletas são as que possuem atletas sem filiação com clube algum. Um dado relevante é que algumas seleções possuíam atletas que disputaram mundiais e não estavam filiadas a nenhum clube. Isso ocorreu apenas em seleções do Sul-global, outro fato que deve ser levado em consideração, sendo Brasil e Nigéria no mundial de 2008 e México no mundial de 2018.

Das 2.016 atletas analisadas nos mundiais femininos, nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global. Em contra partida, 65 atletas do Sul-global atuavam em equipes europeias e estadunidenses. Desde o primeiro mundial em 2008 já havia circulação de atletas no eixo Sul-Norte.

Gráfico 6:

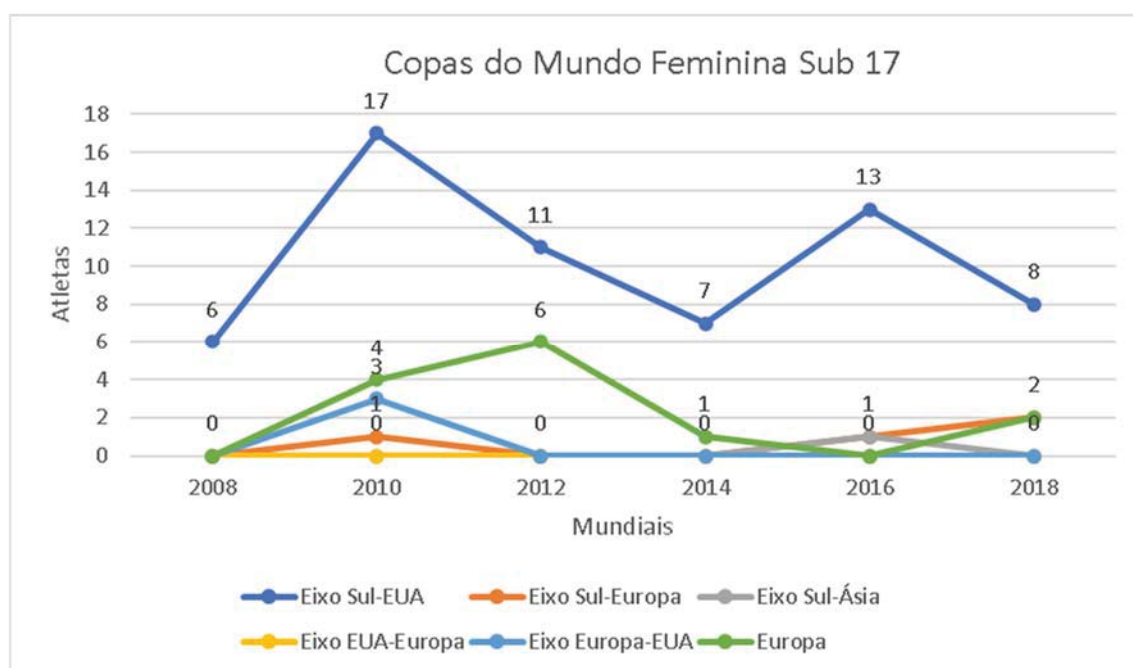


Tabela 9: Campeãs Mundiais Feminino sub-17

Europeus		Asiáticos	
Espanha	2018	Coreia do Norte	2008, 2016
França	2012	Coreia do Sul	2010
		Japão	2014
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>Total</b>	<b>4</b>

Fonte: FIFA (2021)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas são Sul-EUA. Há um pequeno crescimento da circulação Sul-Europa, assim como uma maior circulação interna dentro da própria Europa. Ainda, há uma pequena movimentação Sul-Ásia, mas voltou a cair no último mundial.

Contudo, nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Diferente do masculino, não há nenhum título de seleções do Sul-global, havendo uma perda de identidade nacional competitiva, onde os críticos não levam em conta todo processo diferente de formação e investimento na modalidade nesses países.

A Copa do Mundo Feminina Sub-20 da FIFA é um torneio internacional de futebol organizado pela FIFA para seleções de mulheres de até 20 anos. O torneio é disputado também em anos pares. Foi conduzido pela primeira vez em 2002 como o Campeonato Mundial Feminino Sub-19 da FIFA, virando Sub-20 a partir da competição de 2008.

A partir da edição de 2010, os torneios são realizados nos anos imediatamente anteriores à Copa do Mundo Feminina da FIFA, como parte do processo de licitação para a Copa do Mundo Feminina. Nesses anos, a Copa do Mundo Feminina Sub-20 serve como um teste para o país-sede da Copa do Mundo Feminina, um papel semelhante ao da antiga Copa das Confederações da FIFA no futebol masculino. O atual campeão é o Japão, que conquistou seu primeiro título no torneio de 2018 na França.

Assim como no Sub-17, com a pandemia de COVID-19, a edição de 2020 que ocorreria na Costa Rica foi cancelada. A seguir, observa-se os dados da circulação de futebolistas nos mundiais Sub-20 de futebol feminino até o momento:

Quadro 62:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-19 - 2002								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Canadá	18	12						6
Japão	20	20						
Dinamarca	18	17						1
Nigéria	18	18						
Brasil	18*	18						
Alemanha	18	18						
França	18	18						
México	18	15						3
Estados Unidos	19	19						
Austrália	18	18						
Inglaterra	18	18						
Taipé Chinês	18***	18						

Quadro 63:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-19 - 2004								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	20	20						
Canadá	21	16						5

Austrália	21	21						
Tailândia	21	21						
Brasil	21	20					1	
China	21	21						
Nigéria	21	19					1	1
Itália	21	21						
Estados Unidos	21	21						
Rússia	21	21						
Coréia do Sul	21	21						
Espanha	21	21						

Quadro 64:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2006								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Rússia	21	21						
Austrália	21	20						1
China	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Alemanha	21	21						
Finlândia	21	20					1	
França	21	21						
Suíça	21	20					1	

Nigéria	21	18					3	
RD Congo	21	21						
Canadá	21	12						9
Estados Unidos	21	21						
México	21	11						10
Argentina	21	21						
Brasil	21	21						
Nova Zelândia	21	18						3

Quadro 65:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2008								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Chile	21	21						
Coréia do Norte	21	21						
Japão	21	21						
China	21	21						
Alemanha	21	21						
França	21	21						
Noruega	21	21						
Inglaterra	21	20						1
Nigéria	21	20					1	
RD Congo	21	21						
Estados	20	20						



Unidos								
México	21	18						3
Canadá	21	3						18
Brasil	21	20						1
Argentina	21	21						
Nova Zelândia	21	21						

Quadro 66:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2010								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21***	21						
Gana	21	21						
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	10					1	10
Costa Rica	21	18						3
Brasil	21*	20						1
Colômbia	21	17						4
Nova Zelândia	21*	20						1

Inglaterra	21	20						1
Suécia	21	21						
França	21	20						1
Suíça	21	17					3	1
Alemanha	21	21						

Quadro 67:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2012								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					América do Norte
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	
China	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Japão	21	21						
Gana	21	20						1
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	7						14
Canadá	21	4						17
Brasil	21	20			1			
Argentina	21	20						1
Nova Zelândia	21	19					1	1
Itália	21	21						
Noruega	21	21						

Suíça	21	20					1	
Alemanha	21	20						1

Quadro 68:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2014								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	21	21						
Coreia do Sul	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21	21						
Nigéria	21	20						1
Estados Unidos	21	20					1	
México	21	11						10
Costa Rica	21	19						2
Canadá	21	6						15
Brasil	21*	20						1
Paraguai	21	21						
Nova Zelândia	21	21						
Inglaterra	21	21						
Alemanha	21	18						3
Finlândia	21	21						

França	21	20						1
--------	----	----	--	--	--	--	--	---

Quadro 69:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 - 2016								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	21						
Coreia do Sul	21	20			1			
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21*	18					3	
Nigéria	21	18			1		2	
Estados Unidos	21	21						
México	21	12						9
Canadá	21	9						12
Brasil	21	20						1
Venezuela	21	20						1
Nova Zelândia	21	21						
Suécia	21	20						1
Alemanha	21	19						2
Espanha	21	20						1
França	21	21						
Papua-Nova Guiné	21	21						

Quadro 70:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO SUB-20 – 2018								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Japão	21	20			1			
China	21	20						1
Coreia do Norte	21	21						
Gana	21*	21						
Nigéria	21	21						
Estados Unidos	21	21						
México	21	11						10
Haiti	21***	20					1	
Brasil	21	19					1	1
Paraguai	21	20	1					
Nova Zelândia	21	21						
Inglaterra	21	14						7
Alemanha	21	19					1	1
Espanha	21	21						
Países Baixos	21	19					1	1
França	21	18					3	

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Assim como no Sub-17, as equipes que possuem um asterisco ao lado do número de atletas são as que possuem atletas sem filiação com clube algum. Mas

no Sub-19/Sub-20, isso não ocorreu apenas em seleções do Sul-global, mas também em seleções como Nova Zelândia e Coreia do Norte.

Das 2.821 atletas analisadas nos mundiais femininos Sub-19/Sub-20, novamente nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global. Em contra partida, 102 atletas do Sul-global atuavam em equipes europeias e estadunidenses. Desde o primeiro mundial em 2002 já havia circulação de atletas no eixo Sul-Norte.

Gráfico 7:

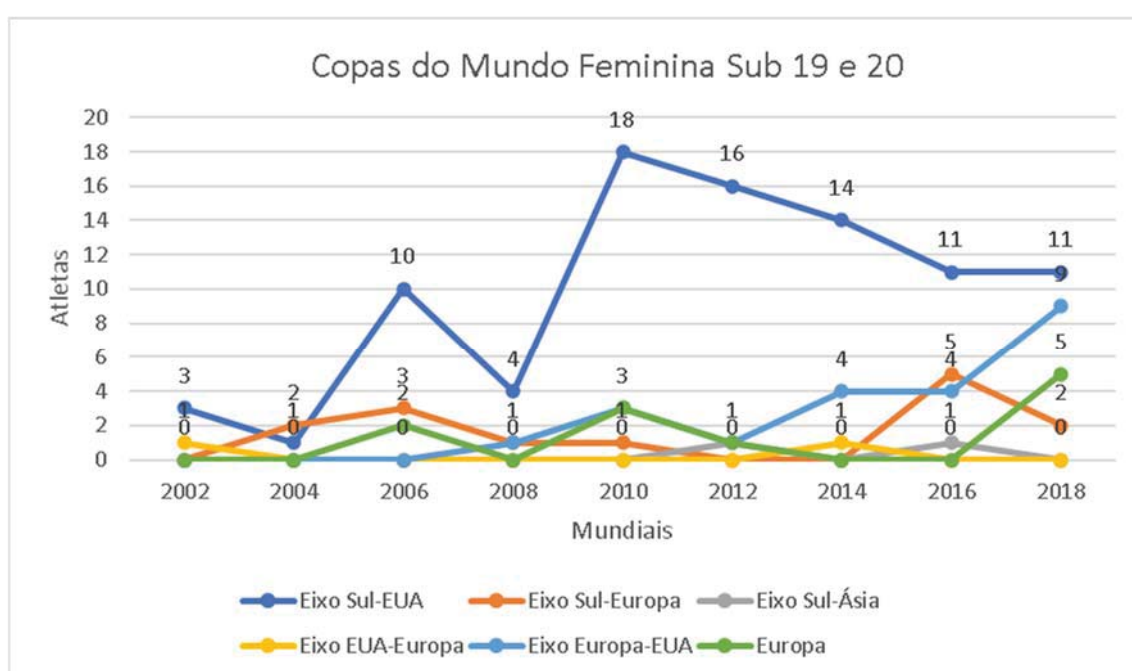


Tabela 10: Campeãs Mundiais Feminino sub-19 e sub-20

	Norte-americanos		Europeus		Asiáticos	
Estados Unidos	2002,	Alemanha	2004,	Coreia do Norte	2006,	
	2008,		2010,		2016	
	2012		2014			
				Japão	2018	
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>Total</b>	<b>3</b>	

Fonte: FIFA (2021)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, assim como nos mundiais Sub-17, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas são Sul-EUA. Há circulação também no eixo Sul-Europa, mas vem diminuindo. No entanto, o eixo Europa-EUA tem aumentado significativamente, assim como houve também uma maior circulação interna dentro da própria Europa.

Nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Já no Sub-20 há uma divisão de forças também com os Estados Unidos, que começam a demonstrar sua força nessa categoria. Novamente, não há nenhum título de seleções do Sul-global, tendo dois títulos novamente a Coreia do Norte, com um outro modelo, mostrando sua força nas competições de base femininas.

### **5.3 Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: o futebol feminino e o mercado de circulação das atletas**

Em se tratando do alto rendimento do futebol praticado por mulheres, a Copa do Mundo de Futebol Feminino é a competição mais importante em nível internacional. Após anos de proibição do esporte em diversos países, o torneio foi realizado pela primeira vez em 1991 na China, organizado pela FIFA, o órgão controlador do esporte.

O campeonato reúne atualmente 24 seleções a cada quatro anos, para competir pelo título mundial da modalidade. A Copa do Mundo de Futebol Feminino surgiu como ideia dos delegados da FIFA durante a Copa do Mundo de 1986, no México, na gestão Havelange, como forma de desenvolver a modalidade e aumentar o controle da entidade sobre o esporte.

A partir disso, foi analisado a evolução da circulação de atletas na Copa do Mundo FIFA de futebol feminino:

Quadro 71:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 1991			
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros

			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Estados Unidos	18	16					2	
Noruega	18	17					1	
Suécia	18	18						
Alemanha	18	18						
China	18	17			1			
Itália	18	18						
Dinamarca	18	16					2	
Taipé Chinês	18	15			3			
Brasil	18	18						
Nigéria	18	18						
Nova Zelândia	18	18						
Japão	18	17					1	

Quadro 72:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2003								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	20	19						1
Suécia	20	20						
Estados Unidos	20	20						
Canadá	20	11*					2	7
Brasil	20	17*					1	2
China	20	18						2
Noruega	20	16						4
Rússia	20	20						



França	20	18						2
Japão	20	19						1
Coreia do Norte	19	19						
Gana	20	15						5
Austrália	20	16						4
Coreia do Sul	20	20						
Nigéria	20	13			2		1	4
Argentina	20	20*						

Quadro 73:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2007								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	21	20					1	
Japão	21	21						
Inglaterra	21	21						
Argentina	21	21*						
Estados Unidos	21	21						
Nigéria	21	13			1		7	
Coreia do Norte	21	21						
Suécia	21	21						
Noruega	21	18					3	
Gana	21	17						4
Austrália	21	21						

Canadá	21	17*						4
China	21	21						
Nova Zelândia	21	14					2	5
Brasil	21	13			1			7
Dinamarca	21	18					3	

Quadro 74:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2011								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Alemanha	21	21						
Canadá	21	14*					1	6
Nigéria	21	12					9	
França	21	21						
Japão	21	17					3	1
Nova Zelândia	21	17					2	2
México	21	11*					3	7
Inglaterra	21	16						5
Estados Unidos	21	21						
Coreia do Norte	21	21						
Colômbia	21	16						5
Suécia	21	15					4	2
Brasil	21	18*					1	2
Austrália	21	19					1	1
Noruega	21	18					3	
Guiné	21	18*		1	1		1	

Equatorial								
------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Quadro 75:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2015								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
Canadá	23	8*					2	13
Alemanha	23	19					3	1
Japão	23	17					6	
Estados Unidos	23	23*						
Brasil	23	20*			1		1	1
França	23	23						
Nigéria	23	14					7	2
Camarões	23	11					11	1
Costa do Marfim	23	19		1			3	
Costa Rica	23	18					1	4
México	23	9*					3	11
Nova Zelândia	23	15					5	3
Austrália	23	23						
China	23	20			2		1	
Coreia do Sul	23	21					2	
Tailândia	23	23						
Colômbia	23	17					1	5

Equador	23	23						
Espanha	23	19					3	1
Suíça	23	8					15	
Suécia	23	16					7	
Noruega	23	20					3	
Inglaterra	23	22						1
Holanda	23	14					9	

Quadro 76:

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO 2019								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
França	23	21					2	
Coréia do Sul	23	20			1		2	
Noruega	23	16					7	
Nigéria	23	7			3		12	1
Alemanha	23	21					2	
China	23	22					1	
Espanha	23	20					2	1
África do Sul	23	16*			2		5	
Austrália	23	9					2	12
Itália	23	22					1	
Brasil	23	6			2		12	3
Jamaica	23	1*			1	1	10	10
Inglaterra	23	18					3	2
Escócia	23	7					15	1
Argentina	23	15*					8	

Japão	23	21					1	1
Canadá	23	2					8	13
Camarões	23	9*					13	1
Nova Zelândia	23	12*					8	3
Holanda	23	6					17	
Estados Unidos	23	23						
Tailândia	23	21						2
Chile	23	9*	2				12	
Suécia	23	14					9	

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Um dado relevante é que várias atletas que disputaram mundiais não estavam filiadas a nenhum clube. O número de atletas que atuam no próprio país que possui um asterisco significa que algumas delas não possuem vínculo com nenhum clube. Os países que possuem mais atletas que disputaram mundiais sem vínculo com clubes são Brasil e Argentina<sup>19</sup>.

É interessante observar que Canadá também possuiu atletas que disputaram mundiais sem vínculo, mas principalmente os Estados Unidos, campeão em 2015, possuía uma atleta sem vínculo com nenhum clube. Enquanto das 184 equipes masculinas analisadas, apenas 6 possuíam atletas sem vínculos com clubes (3,26%), das 108 equipes femininas 19 possuíam atletas sem vínculos com clubes (17,59%).

---

<sup>19</sup> Isso mostra um atraso no desenvolvimento do futebol de mulheres no Sul-Global, tendo em vista que duas das maiores potências no futebol masculino não possuíam atletas com vínculo em mundiais. Mas isso está mudando, com a profissionalização do Futebol Feminino na Argentina em 2019 (GAZETA ESPORTIVA, 2019) e com o Brasileirão Feminino de 2020 com número recorde de times profissionais (MENDONÇA, 2020).

Das 2.311 atletas analisadas nos mundiais femininos<sup>20</sup>, nenhuma atleta do norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do sul global (única exceção é uma atleta da Coreia do Sul que jogava na China no Mundial de 2019). Em contra partida, 179 atletas do sul-global atuavam em equipes europeias e estadunidenses. No primeiro mundial feminino em 1991, não havia nenhuma atleta do sul-global que atuava por equipes do norte, já no último em 2019 o número era de 69, o que comprova o crescimento da circulação de atletas nesse eixo a partir da ótica da globalização.

Gráfico 8:

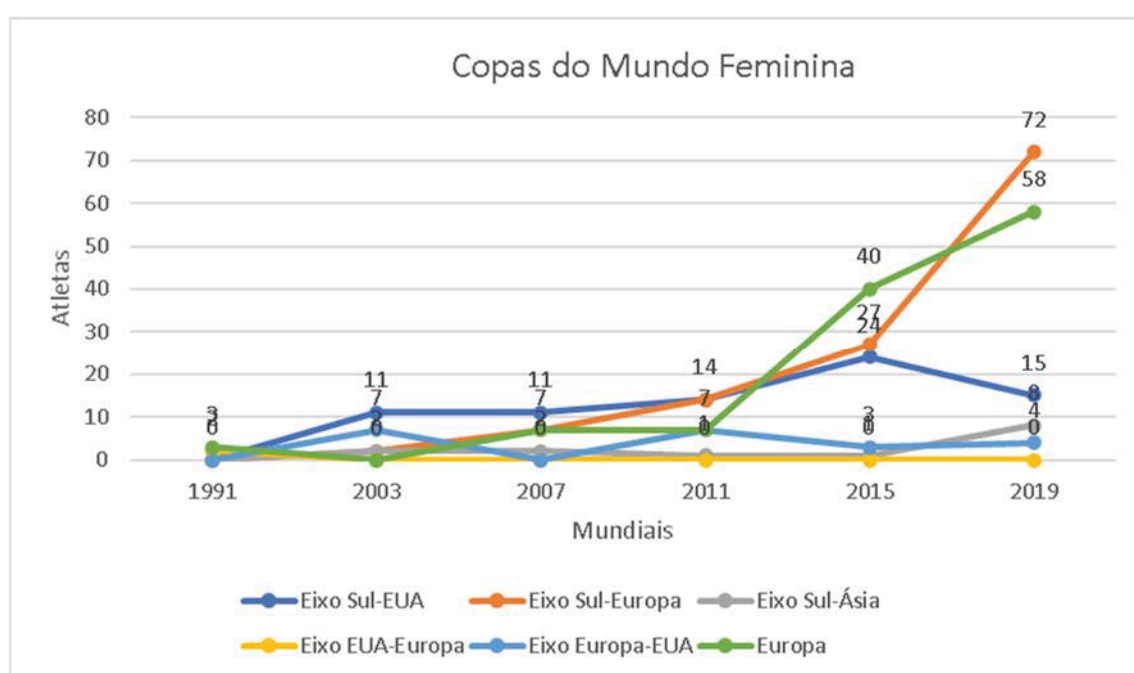


Tabela 11: Campeãs Mundiais Feminino

	Norte-americanos	Europeus	Asiáticos		
Estados Unidos	1991, 1999, 2015, 2019	Alemanha	2003, 2007	Japão	2011
		Noruega	1995		
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>Total</b>	<b>1</b>

Fonte: FIFA (2021)

<sup>20</sup> Os mundiais de 1995 e 1999 não foram analisados pois ainda foi possível conseguir os dados até o momento.

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas é Sul-Europa, diferente das competições de base que o eixo de maior circulação é Sul-EUA. Há circulação também no eixo Sul-EUA, mas vem diminuindo. No entanto, tem aumentado significativamente a circulação interna dentro da própria Europa, com um leve aumento Sul-Ásia, essa última corroborando com os dados de migração da ONU (UNITED NATIONS, 2019).

Nos mundiais Sub-17 há um domínio das equipes europeias e, principalmente, asiáticas. Já no Sub-20 há uma divisão de forças também com os Estados Unidos, que começam a demonstrar sua força nessa categoria. Na Copa do Mundo, continuam essas três forças, mas com os Estados Unidos possuindo o maior número de conquistas. Novamente não há equipes do Sul-global, o que mostra um diferente centro técnico do futebol praticado por mulheres com relação aos homens.

A outra grande competição no futebol praticado por mulheres são os Jogos Olímpicos. O torneio feminino é disputado entre seleções nacionais, sem restrições de idade, ao contrário do torneio masculino que é Sub-23. Um lugar é reservado para o país anfitrião dos jogos, e as demais seleções, como na Copa do Mundo, possuem um determinado número de vagas em cada região continental.

Em 1996, em Atlanta, foi incluído o torneio feminino de futebol nos Jogos Olímpicos. Sem tempo para organizar campeonatos classificatórios, foi decidido que as vagas seriam das oito seleções melhor colocadas na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 1995, apenas substituindo a Inglaterra (parte da Grã-Bretanha nas Olimpíadas) pela nona colocada, a seleção brasileira. Nos jogos olímpicos, a FIFA, além de permitir a presença das seleções principais, conta o desempenho nas Olimpíadas para ranking da entidade.

Como outras competições, as Olimpíadas, que seriam disputadas em 2020 em Tóquio, também foram transferidas para 2021. A seguir, observa-se os dados da circulação de futebolistas nos Jogos Olímpicos de Futebol Feminino:

Quadro 77:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL FEMININO 2004								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
EUA	22	21					1	
Brasil	19	12**					5	
Alemanha	22	22						
Suécia	22	21					1	
Austrália	21	19						2
Nigéria	22	16			2		2	2
Japão	22	22						
México	21	11***						10
China	22	22						
Grécia	22	13					2	7

Quadro 78:

JOGOS OLÍMPICOS - FUTEBOL FEMININO 2008								
Equipes	Atletas	Equipes Nacionais	Equipes Estrangeiros					
			América Latina	África	Ásia	Oceania	Europa	América do Norte
China	18	18						
Suécia	18	18						
Canadá	18	15						3
Argentina	18	17					1	
Brasil	18	10			1		7	
Alemanha	18	16					2	
Coréia do Norte	18	18						
Nigéria	18	12			2		4	
EUA	18	18						





			Latina					do Norte
Brasil	18	5			5		5	3
China	18	18						
Suécia	19	13					6	
África do Sul	19	16					1	2
Canadá	18	2*					2	14
Alemanha	19	16					3	
Austrália	18	12					2	4
Zimbábue	18	18						
EUA	18	18						
França	18	16					1	1
Nova Zelândia	18	6*			1	1	7	3
Colômbia	18	12					2	4

*Elaboração própria. Fonte: FIFA, 2021.*

Assim como nas Copas do Mundo e nos mundiais de base, várias atletas que disputaram os Jogos Olímpicos não estavam filiadas a nenhum clube. O número de atletas que atuam no próprio país que possui um asterisco significa que algumas delas não possuíam vínculo com nenhum clube no momento em que foram inscritas. Os países que atletas estavam sem vínculo, dentro dos dados analisados, são Brasil, México, Canadá e Nova Zelândia.

Das 868 atletas analisadas nos Jogos Olímpicos, nenhuma atleta do Norte-global (Europa e América do Norte) jogava por equipes do Sul-global. Em contra partida, 73 atletas do Sul-global atuavam em equipes europeias e norte-americanas, constatando o grande fluxo Sul-Norte e a inexistência em todas as competições femininas geridas pela FIFA do eixo Norte-Sul.

Gráfico 9:

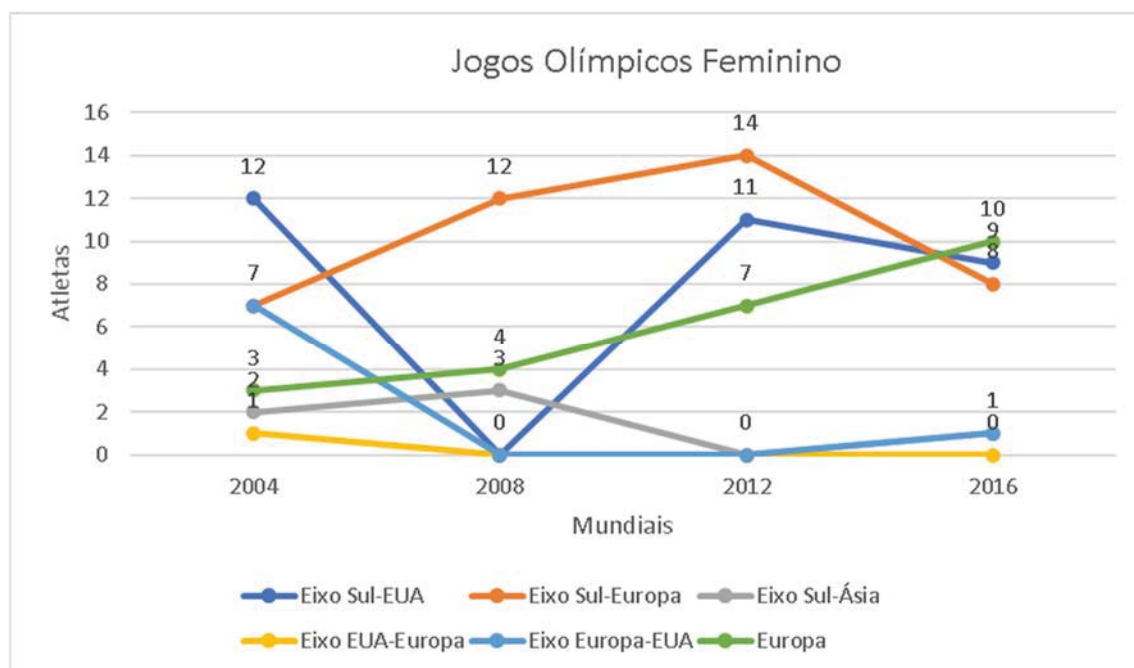


Tabela 12: Campeãs Olímpicas Feminino

	Norte-americanos	Europeus	
Estados Unidos	1996, 2004, 2008, 2012	Alemanha	2016
Canadá	2020	Noruega	2000
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>Total</b>	<b>2</b>

Fonte: FIFA (2021)

Diante do gráfico e dos dados apresentados, observa-se que, nos Jogos Olímpicos, o maior eixo de transferência nas seleções de base femininas é Sul-Europa, apesar de uma pequena queda nos últimos jogos. O eixo Sul-EUA também tem números importantes, sendo um indicador, assim como mostram os dados da Copa do Mundo feminina. No entanto, tem aumentado significativamente a circulação interna dentro da própria Europa.

A partir dos mundiais Sub-20 há uma divisão de forças no futebol feminino mundial, mas os Estados Unidos começam a demonstrar sua força (já que não possuem título Sub-17). Na Copa do Mundo os Estados Unidos possuem o maior número de conquistas, assim como nos Jogos Olímpicos, tendo a Europa dois títulos. Novamente não há equipes do Sul-global, tendo o melhor resultado com duas pratas Olímpicas do Brasil.

**Figura 2: Ranking FIFA – Seleções Femininas 2021**

1	 USA	10	 Japan
2	 Germany	11	 Norway
3	 France	12	 Spain
4	 Netherlands	13	 Italy
5	 Sweden	14	 Denmark
6	 England	15	 China PR
7	 Australia	16	 Iceland
8	 Brazil	17	 Belgium
8	 Canada	18	 Korea Republic
10	 Japan	19	 Switzerland
11	 Norway	20	 Austria

As seleções asiáticas demonstram força na base, já a Europa possui conquistas em todas as competições FIFA do futebol praticado por mulheres, com os Estados Unidos sendo os maiores campeões na categoria adulta. Todos os mundiais

FIFA surgem a partir dos anos 1990, junto com o crescimento da globalização, reproduzindo a disputa de hegemonia global desse período.

Observa-se também o ranking da FIFA das seleções femininas. Das 20 principais seleções do mundo até 2020, há apenas uma seleção do Sul-Global, o Brasil. Observa-se que os Estados Unidos lideram o Ranking, mas nota-se também que há 14 seleções europeias. Isso se relaciona com os resultados de campo, mercado e capital técnico. Há ainda um nível alto de competitividade, porém, demonstra as lógicas de competição dos Sistema-Mundo Moderno.

#### **5.4 Futebol feminino e (r)esistência: impactos da globalização e reestruturação imposta**

Em 1995, o então presidente da FIFA, Joseph Blatter, declarou: “o futuro do futebol é feminino”. O aspecto interessante é o fato de refletir a estratégia globalizante do futebol sob a direção da FIFA e dos interesses econômicos que lhe estão associados. No entanto, a FIFA demorou ainda 20 anos para implantar a igualdade de gênero em seu estatuto – e após muita pressão das futebolistas (ALMEIDA, 2019, p. 85).

É importante observar que a ideia de um futuro feminino para o futebol adquiriu esse reconhecimento oficial – ao ser formulado pelo presidente da FIFA – mas, por outro lado, as mulheres ainda estão praticamente excluídas de todos os principais centros de poder do futebol e instituições dominantes ligadas ao esporte. As mulheres continuam, até hoje, lutando por apoios financeiros básicos no futebol profissional, principalmente em se tratando de Sul-global.

Com relação a essa circulação de atletas no futebol feminino, Rial (2014, p. 99) afirma que:

O contexto doméstico adverso para o futebol feminino poderia explicar a alta circulação entre os clubes do país e a vontade das jogadoras de sair. De fato, as motivações econômicas são centrais para grande parte dos jogadores que exercem suas atividades fora do país, sabendo que jogar no exterior traz melhorias em suas condições profissionais e gera ganhos que podem ser reenviados para o sustento de seus lares e famílias em casa. [...] Também espelha a circulação de atletas do sexo masculino, que vão para o

exterior em busca de melhores oportunidades financeiras e mais prestígio. A circulação, para jogadores masculinos e femininos, significa um aumento do capital econômico e simbólico (“futebolístico”), mas para os homens também pode envolver uma forma de financiar seus clubes de origem e, em alguns casos, trazer a esses clubes grandes somas de dinheiro. Embora tenham alguns pontos em comum, as jogadoras de futebol não conquistaram o mesmo reconhecimento que os homens. Seus salários e visibilidade na mídia são bem inferiores aos dos homens, no Brasil e no exterior, o que se explica não só pela longa história de interdição das mulheres no esporte, mas também pela visão persistente e hegemônica do futebol como um esporte masculino, que exclui as mulheres; atitude que, felizmente, vem mudando - embora lentamente. Além do prestígio econômico e profissional, as motivações pessoais também são importantes na escolha pela saída do país: fatores como um “estilo de vida americano” ou um estilo de vida europeu, que podem implicar em menos preconceito em termos de sexualidade (e em alguns lugares, cor) também explicam o impulso de cruzar fronteiras e, em alguns casos, o anseio pelo contato direto com outra cultura. Nesse sentido, essas jogadoras de futebol estão explorando novas fronteiras pessoais<sup>21</sup>. (Tradução própria)

Almeida (2019, p. 85) diz que, se a teoria feminista há anos tem negligenciado o esporte, os movimentos feministas vêm aos poucos consolidando a paridade de gênero no futebol em suas agendas de lutas. Isso ocorre pois, cada vez mais movimentos de futebolistas têm reivindicado igualdades de direitos, de acesso e de salários nas associações nacionais de diferentes países.

Isso ocorre paralelamente a tentativa da FIFA de melhorar sua imagem diante dos escândalos causados pelas denúncias de fraudes nas realizações dos mundiais masculinos da África do Sul (2010) e do Brasil (2014). Ainda, a grande audiência dos últimos mundiais de futebol feminino no Canadá (2015) e na França (2019) em países da Ásia, Europa e Estados Unidos também contribuiu para que a FIFA ampliasse o foco sobre a modalidade, haja vista que se trata de um mercado

---

<sup>21</sup> *The adverse domestic context for women’s soccer could explain the high circulation between clubs in the country and the players’ urge to leave. Indeed, economic motivations are central for a large proportion of players who pursue their trade outside the country, knowing that playing abroad brings improvements in their professional conditions and generates earnings that can be sent back to support their households and families at home. [...] It also mirrors the circulation of male athletes, who go abroad seeking better financial opportunities and more prestige. Circulation, for men and women players, means an increase in economic and symbolic (“footballistic”) capital, but for men, it may also involve a way of financing their clubs of origin, and in some cases bringing these clubs large sums of money. Although they have some points in common, the women soccer players have not gained the same recognition as the men. Their salaries and visibility in the media are much lower than those of the men, in Brazil and abroad, which can be explained not only by the long history of the interdiction of women in sport, but also by the persistent and hegemonic view of soccer as a male sport, which excludes women; an attitude that, fortunately, has been changing – although slowly. Besides economic and career prestige, personal motivations are also important in the choice to leave the country: factors like an “American way of life” or a European lifestyle, which may imply less prejudice in terms of sexuality (and in some places, color) also explain the impulse to cross borders and, in some cases, the longing for direct contact with another culture. In this sense, these women soccer players are exploring new personal frontiers.*

em potencial crescimento. O primeiro mundial foi em 1991, na China, já em 2019, na França, segundo dados da FIFA, mais de 1 bilhão de pessoas assistiram à competição (NERI e MOREIRA, 2020).

A partir disso, Almeida (2019, p. 85-86) versa que:

A inserção da palavra gênero abriu o precedente que faltava às mulheres para que gerassem ofensivas mais fortes contra as confederações e associações nacionais. Nessa última onda, foram as jogadoras de futebol dos Estados Unidos as primeiras no processo de contestação dos salários – diferenciados entre integrantes das categorias Feminina e Masculina. Após as estadunidenses, movimentos semelhantes ganharam força na Noruega, Dinamarca, Irlanda, Brasil, Escócia e Nigéria. Na última edição da Eurocopa Feminina, ocorrida em 2017 na Holanda, várias equipes nacionais denunciaram as dificuldades vivenciadas cotidianamente por mulheres que praticam o futebol em diferentes partes do mundo.

Williams (2007) diz que há uma chamada “integração negativa” das mulheres no futebol por parte das entidades responsáveis. Esse termo se aplica de forma internacional, mas também de forma local. No Brasil, como em muitos outros países, a luta pela igualdade de gênero na CBF se insere nessa lógica. A confederação brasileira acenou mudanças em cumprimento às regras da FIFA, mas ainda sim deu sinais da intenção de preencher as formalidades solicitadas pela instituição internacional, ocorrendo uma reestruturação imposta, a partir da FIFA e da Conmebol.

Diante desse cenário, desenvolveu-se no Brasil um movimento de futebolistas mulheres que questionam essas práticas comuns à CBF. Se por um lado, as relações entre futebolistas, clubes e agentes sofrem certa fluidez, no tocante à CBF as posições têm se mantido intactas, conforme se pode perceber no episódio que envolveu a demissão de Emily Lima, ex-treinadora da seleção (ALMEIDA, 2019, p. 86).

Quando se observa a predominância de homens no futebol, principalmente em cargos de gestão do esporte, a problemática das relações de gênero é necessária para explicar as desigualdades de oportunidades que as mulheres possuem com a prática. Nesse sentido, Martins (et al., 2021, p. 04-05) aponta:

A categoria gênero refere-se às construções sociais, culturais e linguísticas que constituem a forma como percebemos as diferenças entre homens e

mulheres (SCOTT, 1995). Portanto, esta categoria analítica permite compreender que tais diferenças e desigualdades não são biologicamente determinadas (LOURO, 1999; MEYER, 2003; SCOTT, 1995). Na medida em que é parte da cultura, o gênero é cotidianamente aprendido, reiterado e negociado. Isso significa que apreendemos as normas de gênero vigentes em processos que não são “linear[es], progressivo[s] ou harmônico[s] e que também nunca está[ão] finalizado[s] ou completo[s]” (MEYER, 2003, p. 16). Esse aprendizado, ainda, ocorre por meio de diversas instâncias, como o futebol, os esportes e as práticas corporais. Nessa perspectiva, praticando-os também aprendemos a “ser” mulheres e a “ser” homens dentro de um contexto cultural. Portanto, por meio dos esportes, “fazemos” gênero. [...] Processos de discriminação semelhantes ocorrem quando se trata da inserção das meninas e mulheres negras no esporte. Por um lado, raça e classe se interseccionam ao gênero quando se trata da escolha das atividades esportivas com as quais as meninas se engajam (WALKER-PICKETT; DAWKINS; BRADDOCK, 2012). Nesse sentido, as meninas negras praticam atividades esportivas cujo custo financeiro e social de manutenção e engajamento são menores. Como resultado, nos EUA, elas têm se inserido de forma mais predominante em esportes como o basquete e o atletismo, cuja disponibilidade para a prática é economicamente mais acessível. Para além do custo financeiro, as autoras ainda afirmam que há poucas oportunidades e convites para que pratiquem outras modalidades, demonstrando que se trata de uma barreira tanto econômica quanto simbólica.

Quanto ao contexto do futebol brasileiro, Pisani (2018, p. 05-06) demonstrou que a experiência de mulheres brancas e negras se difere em relação aos sentidos da prática, sendo necessária a compreensão da intersecção entre gênero, raça e classe. Para as mulheres negras, o futebol foi entendido como uma possibilidade de profissão, ainda que dificilmente se concretize. Em contrapartida, para as mulheres brancas, o futebol era um momento de lazer e diversão.

Sob o prisma da representação social, a mídia, por vezes, descreveu as futebolistas negras como “feras” e masculinizadas, em vez de belas, como descrevia as brancas (ALMEIDA, 2016). Com disso, o futebol pode ser um espaço onde diferentes feminilidades “transgressoras” e não normativas encontram um terreno para sua manifestação. Tais apontamentos da discussão sobre gênero, raça e esporte ratificam a demanda de não generalizar a experiência das mulheres brancas e, tampouco, enquadrar a discussão racial como se não houvesse distinção de gênero nela (MARTINS et al., 2021, p. 06).

Pontuada a discussão sobre a interseccionalidade no futebol praticado por mulheres, ressalta-se que a modalidade, ainda sim, ganha mais fortalecimento no cenário mundial. Equipes que acreditavam que era um gasto desnecessário, atualmente, enxergam o futebol feminino como uma oportunidade de investimento. A



Europa vem desenvolvendo-se na modalidade, e hoje é o principal centro do mundo, com a *UEFA Women's Champions League* sendo a maior competição continental.

Nessa ótica, Barlem (2018) afirma que:

O último a visualizar isso foi o Manchester United. Anunciou em comunicado oficial esta semana que irá lançar seu time feminino e pediu à FA (Federação Inglesa de Futebol) a inscrição na segunda divisão da Liga Inglesa de Futebol. Recentemente, a Juventus já tinha seguido o mesmo caminho. Aos poucos, os grandes clubes vão encontrando formas de assegurar posição. Barcelona e Manchester City fizeram contratações de importantes nomes para a temporada, seguindo o modelo do masculino. Não estão mais no futebol feminino apenas para figurar como participantes. Querem ser campeões. Ambos estão atualmente na Champions League e tentam medir forças com o grande time europeu na atualidade: o Lyon. Este, aliás, é um belo exemplo de como aproveitar uma oportunidade. O presidente do clube, Jean-Michel Aulas, viu que ganhar a competição europeia seria uma tarefa complicada no masculino pelo domínio financeiro de gigantes europeus. Definiu uma estratégia: fortalecer o feminino para lá garantir o tão sonhado troféu. Não deu outra. Conquistou em quatro oportunidades a competição organizada pela Uefa, está nas quartas de final da atual edição, e busca ser a primeira equipe a garantir três títulos em sequência na história do torneio. As possibilidades cada vez se abrem mais. No Brasil, o exemplo mais claro de administração modelo do futebol feminino entre as agremiações conhecidas no masculino é o Santos. Multicampeãs, as Sereias da Vila são patrimônio do clube. Detalhe que seus jogos são na Vila Belmiro assim como a equipe masculina. Não há distinção entre os dois. O Corinthians assegurou uma alta repercussão com o título da Libertadores feminina em parceria com o Audax. Definiu, logo depois da conquista em dezembro de 2017, que era hora de se lançar novamente em projeto solo. Assim o fez e chega para brigar pelo Paulista e Brasileiro com investimento em contratações de atletas conhecidas e selecionáveis como Gabi Zanotti, por exemplo. Inter, Grêmio, Sport, Flamengo, Coritiba (em parceria com o Foz Cataratas), América, e Vitória também já fincaram posição. Mas o futebol feminino não precisa ser refém do masculino para existir. O modelo vem de Manaus. O Iranduba lota estádios, tem torcedores apaixonados e faz tudo isso focando na modalidade para as mulheres, agora com o desafio possível de levar a Libertadores feminina 2018 para a cidade.

Ainda que surgido, dentre os motivos, por uma obrigação da CBF, oriunda a FIFA e Conmebol, essa reestruturação imposta auxiliou no desenvolvimento da modalidade no país. Os modelos acima mostram que o futebol praticado por mulheres é um caminho sem volta, ou seja, os clubes que não se atualizarem agora, sofrerão o prejuízo competitivo logo adiante.

Essa aceitação da modalidade se verifica até mesmo na relação com os fornecedores de material esportivo. CBF e Nike colocaram uma jogadora entre os modelos de lançamento do novo uniforme da seleção. Ainda, a equipe feminina será

a primeira a usar o novo uniforme em competições oficiais, algo impensável em outros anos (BARLEM, 2018).

De acordo com a Fifa, são mais de 30 milhões de mulheres jogando futebol (BARLEM, 2018). Em um Sistema-Mundo moderno, onde se busca cada vez mais monetizar ideias em novos mercados, a relação das mulheres com o futebol deve ser cada vez maior. A evolução da modalidade é o objetivo, e os fenômenos oriundos desses processos serão objetos de futuros estudos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Hobsbawm (2007), o futebol sintetiza a dialética entre identidade nacional, globalização e xenofobia. Os clubes viraram entidades transnacionais, empreendimentos globais, contudo, o que faz o futebol difundido em todas as camadas sociais continua sendo a fidelidade local de um grupo de torcedores para uma equipe. E, ainda, o que faz dos campeonatos mundiais algo interessante é o fato de que se pode assistir países em competição.

Porém, o Sistema-Mundo Moderno do futebol abarca outros conflitos sociais, passando pelo entendimento da lógica da modernidade e colonialidade, onde observa-se a necessidade de mecanismos que buscam a decolonialidade, enraizada nos chamados subalternos. Demandas reivindicadas na sociedade são postas em xeque, em jogos de futebol, dentro e fora dos estádios. Problemas como o racismo, machismo, homofobia, xenofobia são, infelizmente, recorrentes no esporte. Entretanto, são apenas reflexos dessa sociedade, reflexo de séculos de exploração por elites coloniais, reproduzidas até hoje.

O próprio futebol é um espaço de combates a alguns desses problemas, além de, simbolicamente, por vezes ser capaz de quebrar a lógica de periferia-centro, do Sistema-Mundo Moderno. Mesmo diante da desigualdade econômica, da mercantilização de atletas para países do Norte-global, a América do Sul é, juntamente com a Europa, o centro do mundo no futebol masculino. Seleções nacionais (tanto na base como na categoria principal), assim como clubes sul-americanos, são campeões do mundo, disputando sempre com europeus a hegemonia do futebol mundial. Essa importância é sem precedentes, inclusive para a autoestima de povos colonizados e escravizados por séculos, que ainda hoje possuem o chamado “complexo de vira-lata”.

Fica claro, principalmente na ótica do Brasil, o sentimento que se teve, após a derrota da seleção masculina na final da Copa do Mundo de 1950, quando se teve a impressão de que nada no país daria certo. Exatamente essa era o pensamento colonial que se reproduzia, o qual, hoje, foi quebrado pelo futebol, sendo a seleção

brasileira a maior vencedora de todos os tempos. A mesma lógica não ocorre no futebol praticado por mulheres.

O caráter de difusão do esporte, principalmente através do transnacionalismo que o futebol traz consigo junto à globalização, evidencia uma mudança de paradigmas no atual Sistema-Mundo, em que a cada ano aumenta o fluxo de circulação internacional de futebolistas (tanto homens como mulheres), com novas dinâmicas e novos mercados. O futebol mudou e se desenvolveu durante os anos diante das transformações vivenciadas no modo de produção neoliberal.

A partir dessa lógica, com uma ideia crítica à Economia Política Internacional, a pesquisa buscou analisar o futebol como um instrumento que evidencia essas dinâmicas no Sistema-Mundo Moderno do futebol. Neste contexto, em meio a desigualdade no desenvolvimento do futebol em relação às seleções nacionais e entre clubes, onde há a apropriação por entidades paraestatais, criando regras para competições “igualitárias”, bem como a lógica neoliberal. Bolaño (apud SANTOS, 2014, p. 565) aponta que há um processo de edificação de uma ordem esportiva que, partindo do mundo da vida, sobrepõe-se a ele e o coloniza.

Além da lógica na transferência de atletas, se pode apontar a política da FIFA, os direitos de transmissão, a transnacionalidade, a empresarização de clubes, dentre outras formas de acumulação de capital. Com a livre circulação de atletas (e do capital) após a Lei Bosman, criou-se uma nova era no futebol mundial, que está sempre mudando, surgindo novos atores e novos mercados. Todos esses objetos citados são passíveis de maiores investigações acadêmicas, onde se trarão mais evidências através de pesquisas científicas que irão corroborar com os dados coletados até aqui.

Na economia-mundo do futebol há o Norte e o Sul global, ou pode-se dizer também que há três regiões econômicas: centro, semiperiferia e periferia, as quais coincidem em grande parte com certo grupo de estados: os centrais, os semiperiféricos e os periféricos. As análises na circulação de atletas foram observadas principalmente os eixos Sul e Norte global, mas há a possibilidade de expandir essa análise, analisando a circulação de atletas de países periféricos para semiperiféricos, antes de conseguirem entrar em países de centro (ou nas chamadas Grandes Ligas Europeias), problematizando ainda que, após a Lei Bosman, o único país que possui um título da *Champions League* foi Portugal, com o Porto em 2004.

Por abrigarem a maior parte das atividades de alta rentabilidade, as equipes dos países do Norte-global se apropriam da maior ou de grande parte da riqueza produzida ao longo da cadeia (PIZARRO et al, 2020, p. 144). Pode-se então dizer que o Sistema-Mundo Moderno do futebol é heterogêneo em termos culturais, políticos e económicos, possuindo grandes diferenças de acumulação de capital e poder político.

Isso se reflete na circulação de atletas nos mundiais. Circulação essa que, de certa forma, está de acordo com os dados de migrações da ONU (UNITED NATIONS, 2019), onde o índice de emigração é alto a partir de países do Sul-Global, com destinos principalmente para os do Golfo Pérsico e Mar Árábico, caracterizado como Novos Mercados na pesquisa. Tanto em mundiais de base, como de seleções, observa-se que a circulação de atletas no eixo Sul-Norte vêm diminuindo, e no eixo Sul-Novos Mercados vêm aumentando, mas ainda não há comparação com o fluxo anterior. Isso se dá pois, esses novos mercados (milionários e governo de países) adotam a estratégia de comprar clubes europeus, utilizando da estratégia do *soft power*, mas acabam centralizando ainda mais o mercado europeu.

Ainda, importante observar que o fluxo Norte-Sul é inexpressível, mesmo com equipes do Sul-Global investindo altos valores, também corroborando com os dados da ONU. No Brasil, está recentemente ocorrendo a contratação de treinadores europeus (que inclusive venceram as duas últimas Copas Libertadores), mas a vinda de atletas ainda é inexpressiva, tendo apenas casos isolados, longe de ser uma tendência até o momento.

Dentro das hipóteses iniciais da pesquisa, confirma-se os altos números de circulação Sul-Norte e os números inexpressivos Norte-Sul. Contudo, observou-se altos números de circulação Sul-Sul, assim como Norte-Norte, em ambas as modalidades (masculino e feminino), os quais se observa que estão em conformidade com os dados da ONU de migrações Sul-Sul, mas que o futebol proporciona um importante fluxo Norte-Norte (com a maior concentração nas 5 grandes ligas).

Esses fluxos de circulação de atletas, principalmente após a Lei Bosman, acabam aumentando a desigualdade econômica e competitiva (tanto de clubes como

também de seleções). Nos clubes é até fácil entender, mas a desigualdade competitiva de seleções possui outros fatores, como fenômenos migratórios, ocorrendo uma diminuição da identidade nacional e, em muitos casos, causando naturalizações desses atletas, passando a jogarem por seleções europeias.

Diante disso, essa lógica mostra o poder simbólico do domínio europeu, assim como no Sistema-Mundo, no futebol também sempre se mantiveram posições centrais e periféricas. Os novos mercados estão em crescimento, podem a longo prazo também mudar essa lógica, mesmo com alguns conglomerados desses países investindo também no próprio futebol europeu, o que ainda mantém o futebol eurocêntrico.

Novos mercados que também surgem no investimento do futebol praticado por mulheres. A partir do exposto, é possível identificar o árduo caminho percorrido pelas mulheres no esporte, desde sua inserção até a luta pela permanência (e sobrevivência) no cenário do futebol. A proibição do futebol feminino em diversos lugares do mundo, com anuência da própria FIFA mostra um pouco do quanto o esporte pode ser alvo de interesses políticos, assim como recentemente o discurso em prol do futebol praticado por mulheres e o Estatuto de Gênero lançado pela entidade.

Entende-se como uma estratégia de poder, que opera no seio da sociedade com o intuito de controlar a vida, disciplinar os corpos, estereotipar papéis e controlar a sexualidade (RIGO et al., 2008, p.184). Em razão disso, há necessidade de uma equidade de oportunidades em todos os níveis do futebol feminino, desde a preparação técnica até a cobertura da mídia nos eventos envolvendo a modalidade (BATISTA; DEVIDE, 2009).

As experiências relativas ao futebol feminino ocorridas ao longo da história não diz respeito apenas ao mundo do futebol, está inserido em um contexto histórico-social do país que envolve o movimento feminista e suas lutas emancipatórias. Judith Butler (2001) afirma que há um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o 'sexo' e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. Ou seja, mais do que a permissão ou não da prática do futebol feminino, o que estava em jogo era a inserção das mulheres no espaço público, lutando contra estereotipizações sociais que existiam sobre seu corpo e sua sexualidade (RIGO et al., 2008, p. 183-184).

Contudo, mesmo o futebol praticado por mulheres tendo deixado de ser alvo de interdição ao redor do mundo, sua estruturação e consolidação continuam sendo um desafio, principalmente em países do Sul-Global. É possível observar que nos últimos anos houve uma diminuição do preconceito de gênero em relação ao futebol praticado por mulheres. Contudo, ainda é uma modalidade colocada à margem dos clubes, de torcedores e de outros órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do esporte no país. A partir de pressões externas, com uma reestruturação imposta, há um horizonte melhor para a modalidade, mas, ainda sim, há um longo caminho a ser percorrido para que o futebol feminino consiga se estruturar e se consolidar.

Em relação aos dados de transferências do futebol praticado por mulheres nos mundiais FIFA, observa-se que as competições já ocorrem após 1991, período do ápice da globalização. Diante disso, constata-se que o fluxo de circulação de atletas Norte-Sul é inexistente. Foram analisados três eixos: Estados Unidos, Europa e Ásia. Isso corrobora a ideia de que o fluxo de atletas influencia diretamente os resultados de campo (tanto no masculino como no feminino).

Já na era da globalização, o futebol praticado por mulheres mostra o poder simbólico da disputa hegemônica entre Estados Unidos e Europa, assim como a lógica do Sistema-Mundo Moderno. Acarreta também em preconceito, pois a modalidade não atinge os resultados após expectativas geradas pelas equipes masculinas do Sul-global ao longo da história, não possuindo esse mecanismo decolonial. Evidencia-se também o machismo e falta de apoio, como no caso da jogadora brasileira Catarina Macario, que optou pela cidadania estadunidense (CARVALHO, 2021), tornando um ciclo vicioso de falta de apoio, preconceito, perda de atletas e falta de resultados.

Diante desse cenário, o futebol, tanto praticado por homens como por mulheres, estão sempre em transformação, originando sempre novas formas de mercantilização a partir de um dos instrumentos de manutenção do capital, a Indústria Cultural. Contudo, por mais que o peso político-econômico exista, o futebol é um campo de conflitos simbólicos e de expressão transcultural, sendo um importante objeto de estudos para as Ciências Humanas.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Uma análise sobre o caso 'Grafite X Desábato' à luz do 'racismo à brasileira'. **Esporte e Sociedade**. Ano 2, n.5, Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2007.

ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. **Movimento**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 11- 29. 2006.

ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del futbol en América Latina**. México, El Colegio de México, 2018, 269 pp.

ALEXANDER, Shelley. Trail-blazers who pioneered women's football. **BBC Sports**. 2005. Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/women/4603149.stm>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Boas de bola: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

\_\_\_\_\_, Caroline Soares de. Belas e feras, nós e as masculinizadas: discursos, corporalidades e significações. In: KESSLER, C. S. (Ed.). **Mulheres na área: gênero, diversidade e inserções no futebol**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 107–133.

\_\_\_\_\_, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA**. UFMG, [S. I.], v. 4, n. 1, p. 72–87, 2019.

ALMEIDA, Marina Oliveira de. Do amadorismo à profissionalização: de 1930 até hoje. **Ludopédio**, São Paulo, v. 42, n. 8, 2012.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Ensaio FEE**. Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 99-126, 2007.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_; SILVER, Beverly J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. UNESP, Rio de Janeiro, 1996.

BALLESTRIN, Luciana Maria de Aragão. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**. n.11, 2013. pp. 89-117.

BARLEM, Cíntia. A importância do primeiro jogo oficial de futebol feminino há 133 anos. **Globo Esporte**. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/03/23/a->



importancia-do-primeiro-jogo-oficial-de-futebol-feminino-ha-133-anos.ghtml> Acesso em: 04 abr. 2021.

BAPTISTA FILHO, Almir César de Carvalho. **Dinâmica, determinações e sistema mundial no desenvolvimento do capitalismo nos termos de Theotonio dos Santos: da teoria da dependência à teoria dos sistemas-mundo**. 2009. 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

BATISTA, Renata Silva; DEVIDE, Fabiano Pries. Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina. **Lecturas Educación Física y Deportes**, v. 14, p. 1-1. 2009.

BBC. **The Forgotten First International Women's Football Match**. 2018. Disponível em <[https://www.bbc.co.uk/programmes/articles/5nsXCQcNm7wggTxvS0y1BnF/the-forgotten-first-international-women-s-football-match?intc\\_type=singletheme&intc\\_location=radio4&intc\\_campaign=hearher&intc\\_linkname=article\\_firstinternational\\_contentcard2](https://www.bbc.co.uk/programmes/articles/5nsXCQcNm7wggTxvS0y1BnF/the-forgotten-first-international-women-s-football-match?intc_type=singletheme&intc_location=radio4&intc_campaign=hearher&intc_linkname=article_firstinternational_contentcard2)>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BORGES, Fernando. Serão os clubes de futebol multinacionais?. **Ludopédio**, São Paulo, v. 74, n. 11, 2015.

\_\_\_\_\_. Futebol e Migração entre Portugal e França. **Ludopédio**, São Paulo, v. 97, n. 17, 2017.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

BRAVO, Guilherme Pigozzi; OLIVEIRA, Tiago Siqueira. O partido midiático: imprensa e construção da hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci. In: **VI Seminário Internacional Teoria Política do Socialismo**, 2009, São Paulo, Anais...São Paulo: VI Seminário Internacional Teoria Política do Socialismo, 2009.

BROHM, Jean-Marie. **Sociología Política del Deporte**. México: Fondo e Cultura Económica, 1982.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre o limite discursivo do "sexo". In: LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CARTA CAPITAL. **Torcidas organizadas: o exemplo que vem da Holanda**. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://esportefino.cartacapital.com.br/torcidas-organizadas-o-exemplo-que-vem-da-holanda/>> Acesso em 20 fev. 2019.

CARTER, Thomas F. On mobility and visibility in women's soccer. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Eds.). **Women, Soccer and Transnational Migration**. London, New York: Routledge, 2014.

CARVALHO, Brunno. Machismo fez Brasil perder fenômeno do futebol feminino para os EUA. **Uol**. São Paulo. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/03/09/machismo-fez-brasil-perder-fenomeno-do-futebol-feminino-para-os-eua.htm>> Acesso em 11 mar. 2021.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La Poscolonialidad explicada a los niños**. Bogotá: Universidad del Cauca y Instituto Pensar, 2005.

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Transferências internacionais no futebol: um estudo de caso comparativo entre os maiores clubes europeus e brasileiros. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, n. 23, p. 3-15, 4 abr. 2015.

CHINA'S NATIONAL DEVELOPMENT AND REFORM COMMISSION. **Medium and Long-Term Plan of Chinese Football Development**. [s.l: s.n.]. 2016.

CONTADO, Valeria. **TikTok e Kwai se aproximam do universo esportivo**. Meio & Mensagem. 2021. Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2021/06/01/tiktok-e-kwai-se-aproximam-do-universo-esportivo.html>> Acesso em: 29 jun. 2021.

COSTA, Pedro Ivo Pahor Pereira da. **A Mulher Atleta e a Mídia**. Relatório de Pesquisa. Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. 2009.

COSTA, Martina Gonçalves Burch. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, Edição Especial: Pedagogia do Esporte, São Paulo. v.8. n.31. p.379-386. Jan./Dez. 2016.

COUTINHO FILHO, José Eduardo. **Os efeitos da globalização nas relações laborais de futebol e a necessidade e viabilidade de uma regulação de seu mercado global de transferências**. Orientador: Victor Hugo de Almeida. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2020.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. **A virada econômica no futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo**. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2010.

DAMATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão. Uma Etnografia do Futebol de Espetáculo a Partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França**. (Tese Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2005.

DARN, Telma. **Reflexões sobre o território do futebol e a copa do mundo FIFA 2014 no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas - Rio Claro: [s.n.], 2011. 215 f.

DIAS, Pedro Henrique Andrade. A partida da paz – Irã e Estados Unidos juntos em uma Copa do Mundo. **Ludopédio**, São Paulo, v. 141, n. 27, 2021.

DUSSEL, Enrique. **Hacia una filosofia política crítica**. Bilbao: Desclée, 2011.

EM PAUTA. UFPel. **Futebol Feminino do Pelotas Chega aos 20 Anos**. 2016. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/2016/07/futebol-feminino-do-pelotas-chega-aos-20-anos/>>. Acesso em 9. fev. 2019.

ESPN. **City é líder absoluto: jornal faz ranking de donos de clubes mais ricos da Premier League.** São Paulo. 2020. Disponível em: <[https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/6855588/city-e-lider-absoluto-jornal-faz-ranking-de-donos-de-clubes-mais-ricos-da-premier-league](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6855588/city-e-lider-absoluto-jornal-faz-ranking-de-donos-de-clubes-mais-ricos-da-premier-league)> Acesso em 20 de mar. 2021.

ESPORTE CLUBE PELOTAS. **Futebol Feminino.** 2015. Disponível em: <<http://www.ecpelotas.com.br/Pagina/28/Futebol-Feminino>>. Acesso 09 fev. 2019.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Trad. José Lourênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FAVERO, Paulo Miranda. **Globalização, mercantilização e geopolítica do futebol.** Monografia (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 61 f.

FIFA. **Estatutos de la FIFA.** Zurique. 2019. Disponível em: <[http://www.fifa.com/mm/document/AFederation/Generic/02/14/97/88/FIFASstatuten2013\\_S\\_Spanish.pdf](http://www.fifa.com/mm/document/AFederation/Generic/02/14/97/88/FIFASstatuten2013_S_Spanish.pdf)> Acesso em 24 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Official Documents.** Zurique, 2021. Disponível em: <<http://www.fifa.com/about-fifa/official-documents/development/technical-study-group-reports/index.html>> Acesso em: 07 jun. 2021.

FIFA TMS. **Global Transfer Market Report 2019.** 2020. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/global-transfer-market-report-2019-men.pdf?cloudid=x2wrqjstwjoiailnncnod>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

FAVERO, Paulo Miranda. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol.** 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FILHO, Raul Milliet. Por que o futebol é o esporte mais popular do mundo?. **Ludopédio**, São Paulo, v. 123, n. 3, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Unicef faz campanha antidiscriminação.** São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk0307201109.htm>> Acesso em 22 de fev. 2019.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura.** São Paulo: Cia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa de macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GAZETA ESPORTIVA. **Argentina profissionaliza futebol feminino e liga terá início em junho.** 2019. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/futebol/futebol-feminino/argentina-profissionaliza-futebol-feminino-e-liga-tera-inicio-em-junho/>> Acesso em: 30 jun. 2021.

GIGLIO, Sérgio Settani. **COI x FIFA: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos**. - Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo : [s.n.], 2013. 518p.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. Vol. 19. Núm. 2. p.143-51. 2005.

\_\_\_\_\_, Silvana Vilodre. Na “Pátria das chuteiras” as mulheres não têm vez. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7**. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/S/Silvana\\_Vilodre\\_Goellner\\_21.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/S/Silvana_Vilodre_Goellner_21.pdf)>. Acesso 6 fev. 2019.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos. **O futebol de mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2021.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno (uma redefinição). En publicacion: **A teoria marxista hoje - Problemas e perspectivas**. Boron, Atilio A.; Amadeo, Javier; Gonzalez, Sabrina. 2007.

GRIX, Jonathan; LEE, Donna. Soft Power, Sports Mega-Events and Emerging States: The Lure of the Politics of Attraction. **Global Society**. v. 27, n. 4, 2013.

GROSSI, Miriam Pillar. Feminismes et Generations Politiques des Années 90 au Brésil. **Cahiers du Cedref (Politique et Recherches Feministes)**, Paris, v. 6, p. 169-190. 1996.

GUPTA, Amit. The Globalization of Sports, the Rise of Non-Western Nations, and the Impact on International Sporting Events. **The International Journal of the History of Sport**, v. 26, n. 12, p. 1779-1790, 2009.

GUPTA, Amit. India and the IPL: Cricket's Globalized Empire. **The Round Table**, v. 98, n. 401, p. 201-2011, 2009a.

HAAG, Fernanda Ribeiro. Futebol e o giro neoliberal: apontamentos e o caso brasileiro. **PODIUM: Sport, Leisure and Tourism Review**. São Paulo, v.2, n.1, p. 57-80, 2013.

HOBBSAWM, Eric. Futebol hoje sintetiza a globalização. [Entrevista a] Sylvia Colombo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 set. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3009200708.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

IG. **Federação Boliviana protesta contra atos xenófobos no Clausura**. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2009/03/11/federacao+boliviana+protesta+contra+at+os+xenofobos+no+clausura+4691941.html>> Acesso em 22 de fev. 2019.

LANCE. **Qatar pagou R\$ 3,4 bi à Fifa para sediar a Copa de 2022, diz jornal.** Zurique. 2019. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/futebol-internacional/qatar-pagou-fifa-para-sediar-copa-2022-diz-jornal.html>> Acesso em 29 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Coletiva do Itaú apresenta análise econômico-financeira dos clubes brasileiros de futebol.** São Paulo. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2021/06/15/coletiva-do-itaui-apresenta-analise-economico-financeira-dos-clubes-brasileiros-de-futebol.htm>> Acesso em 29 ago. 2021.

LEAL, Ubiratan. A história do futebol nas Olimpíadas. **Trivela.** 2020. Disponível em: <<https://trivela.com.br/especiais/a-historia-do-futebol-nas-olimpiadas/>> Acesso em: 23 mar. 2021.

LEITE JR., Emanuel. **Cotas de televisão do Campeonato Brasileiro: apartheid futebolístico e risco de espanholização.** Recife: Editora do autor, 2015.

LEITE JÚNIOR, Emanuel; RODRIGUES, Carlos. O futebol na China: do cuju (蹴鞠) ao sonho de se tornar uma potência mundial. **Mosaico.** Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 262-283, 2018.

LEONCINI, Marvio Pereira; SILVA, Márcia Terra da. Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. **Gestão & Produção,** São Carlos, v. 12, n. 1, p. 11-23, Apr. 2005.

LOBAS. **Esporte Clube Pelotas/Phoenix.** História. 2017. Disponível em: <<http://lobasecpelotas.blogspot.com.br/p/historia.html>>. Acesso 9 fev. 2019.

LOPES, José Sergio Leite. Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 1, nº 23, p. 175-190. 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista,** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013. 221 f.

MANIFESTO INAUGURAL. Grupo Latinoamericano de Estudios Subalternos. In: Castro-Gómez, S. y Mendieta, E. (orgs). **Teorías sin disciplina: latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate.** México: Miguel Ángel Porrúa. 1998.

MÅRTENSSON, Stefan. Branding women's football in a field of hegemonic masculinity. **Entertainment and Sports Law Journal.** 8(1). 2016, p.5.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução.** Rio de Janeiro. Garamond. 2006.



MARTINS, José Ricardo. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales** (V). 2015. pp. 95-108.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SILVA, Kerzia Railane Santos; VASQUEZ, Vitor. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**. Porto Alegre, v. 27, 2021.

MATIAS, Wagner Barbosa; MASCARENHAS, Fernando. “Olho no Lance”: A Relação entre Mídia e Futebol. **Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura** (ISSN: 2358-212X), v. 8, n. 2, 14 nov. 2019.

MENDONÇA, Renata. **Brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais**. UOL. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2020/01/22/brasileiro-feminino-de-2020-tera-numero-recorde-de-times-profissionais/>> Acesso em: 30 jun. 2021.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Trad. de Paulo Cesar Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIGNOLO, Walter. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011. ISBN 9780822350781

\_\_\_\_\_. **Epistemic disobedience. Rhetoric of modernity, logic of coloniality and decolonial grammar**. Ediciones Del Signo, Buenos Aires, 2010.

MOSCO, Vicent. **La Economía Política de la Comunicación**. Barcelona: Bosch, 2009.

MSN. **Em jogo marcado por xenofobia, Vélez vence Boca e assume a liderança na Argentina**. São Paulo. 2014. Disponível em: <<http://esportes.br.msn.com/futebol/em-jogo-marcado-por-xenofobia-v%C3%A9lez-vence-boca-e-assume-a-lideran%C3%A7a-na-argentina-1>> Acesso em 22 de fev. 2019.

MUNDIM, Daniel; LOIS, Rodrigo. **Teto salarial e redução de gastos mudam cenário do futebol na China e podem provocar debandada**. Globo Esporte. 2021. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-chines/noticia/teto-salarial-e-reducao-de-gastos-mudam-cenario-do-futebol-na-china-e-pode-provocar-debandada.ghtml>> Acesso em 29 mar. 2021.

NERI, Gariel; MOREIRA, Mateus. Futebol feminino: da proibição à hegemonia lionesa. **Revista Badaró**. 2020. Disponível em: <<https://revistabadaro.com.br/2020/09/06/futebol-feminino-da-proibicao-a-hegemonia-lionesa/>> Acesso em: 04 abr. 2021.

NYE, Jr., Joseph S. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

\_\_\_\_\_. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

OHATA, Eduardo. **Globo cede a clubes inédito direito de negociar com emissoras estrangeiras**. UOL. 2016. Disponível em:

<<https://blogdoohata.blogosfera.uol.com.br/2016/10/27/globo-cede-a-clubes-inedito-direito-de-negociar-com-emissoras-estrangeiras/>> Acesso em: 29 jun. 2021.

OIM (Organização Internacional para as Migrações). **Glossário sobre Migração**. Editora Organização Internacional para as Migrações. Nº 22. 2009.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v. 24, p. 77-98, 2005.

PEREIRA, Mateus Camargo. **Futebol praticado por mulheres no Brasil: experiências de ensino a distância e presencial baseadas na teoria da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro. 2019. 368 p.

PISANI, Mariane da Silva. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. **Ponto Urbe**. São Paulo, n.14, 2014.

\_\_\_\_\_, Mariane da Silva. **“Sou feita de chuva, sol e barro”**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Antropologia social) - São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

PIZARRO, Juliano Oliveira. **FIFA e Governança Global: atuação a partir da análise do soft power (1990-2015)**. 2015. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

\_\_\_\_\_, Juliano Oliveira; RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Histórias das mulheres no futebol: notas acerca dos 20 anos do E.C Pelotas/Phoenix. In: SANTOS, Amanda Basilio; MACHADO, Juliana Porto.. (Org.). **Fenômenos culturais no amálgama social**. 1ªed.Jaguarão-RS: CLAEC, 2018, v. 1, p. 1276-1288.

\_\_\_\_\_, Juliano Oliveira; RIAL, Carmen Silvia de Moraes; RIGO, Luiz Carlos. Copa do Mundo de Clubes da FIFA (2010-2017): reprodução da colonialidade sob a perspectiva do Sistema-Mundo Moderno. **CSONLINE** (UFJF), v. 31, p. 139-152, 2020.

\_\_\_\_\_, Juliano Oliveira; RIAL, Carmen Silvia de Moraes; RIGO, Luiz Carlos. Decolonialidade e futebol: a quebra da lógica periferia-centro. **Campos Neutrais - Revista Latino-Americana de Relações Internacionais**, v. 2, p. 50-69, 2020a.

PLANELA, Marcos. Entrevista concedida a Juliano Oliveira Pizarro. Pelotas. 28. ago. 2017.

POZZI, Luis; RIBEIRO, Carlos Henrique V. Esporte e Mídia. In: DA COSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro. Conef, 2006.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: Bonillo, H. (comp.). **Losconquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO. 1992.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “Amor Venéris”. Projeto história – **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História – PUC-SP**, São Paulo, n. 25, p. 181-194, dez. 2002.

RAMOS, Pedro de Oliveira. **Por que a Fifa funciona? – Uma análise da organização internacional que controla o futebol no mundo**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Especialização em Relações Internacionais. Instituto de Relações Internacionais – Universidade de Brasília. Brasília, 2011. 70 p.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**. Popayán, Colombia, Universidad del Cauca, Instituto Pensar, Universidad Javeriana, 2010, 234 pp.

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Rodar: A circulação dos jogadores brasileiros no exterior. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre. Ano 14. Nº 30. p. 21-35. 2008.

\_\_\_\_\_, Carmen Silvia de Moraes. New Frontiers: The Transnational Circulation of Brazil’s Women Soccer Players. In: AGERGAARD, Sine; TIESLER, Nina Clara (Eds.). **Women, Soccer and Transnational Migration**. London, New York: Routledge, 2014.

\_\_\_\_\_, Carmen Silvia de Moraes. “Marta is better than Kaká”: the invisible women’s football in Brazil. **Labrys**, v. 28, p. eletrônica, 2015. Disponível em <<http://www.labrys.net.br/labrys28/sport/carmen.htm>>. Acesso 10 fev. 2019.

RIGO, Luiz Carlos; e colaboradores. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol. 29. Núm. 3. p.173 - 188. 2008.

ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. 377 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RODRIGUES, Carlos; LEITE JÚNIOR, Emanuel. A geopolítica do futebol em transformação: o caso chinês. **FuLiA / UFMG**. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 28-50, 2018.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire; CAETANO, Sidney Martins. Comércio Internacional de Jogadores Brasileiros de Futebol. Tomo (UFS), v. 15, p. 167-190, 2009.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. O fim do passe e as transferências de jogadores brasileiros em uma época de globalização. **Sociologias**, Porto Alegre. ano. 12. Núm. 24. p. 338-380. 2010.

RUGGI, Lennita. Transformações legais nas transferências internacionais de jogadores de futebol. In: **VI Congresso Português de Sociologia: Globalização, política e cidadania**, Lisboa. Série 667. Anais. 2008.

SAMUEL-AZRAN, Tal; et al. Promoting terror or sport? The Case of Qatar’s International Image. **American Behavioral Scientist**, v. 60, n. 9, p. 1101-1115, 2016.



SANTOS, Ananda Caroline. **Futebol Feminino: Cartão Vermelho para o Preconceito**. 2016. 15 f. TCC (Especialização) – Gênero e Diversidade na Escola. Universidade Federal do Paraná. 2016.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. **Os três pontos de entrada da economia política no futebol**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 36, n. 2, 2014. p. 561-575.

SANTOS, Rodrigo Trajano dos. **Da Possibilidade Jurídica da Utilização da Prova Audiovisual no Direito Desportivo Brasileiro em Relação aos Eventos do Futebol**. Monografia (Direito) - Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu, 2009. 84 f.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem do espetáculo. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011.

SCHATZ, Patrícia Volk. Estratégias chinesas no mercado do futebol mundial. **Formação (Online)**, v. 27, n. 51, p. 3-32, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, p.54-73, 1995.

SCOTTISH FA. **A Brief History of Women's Football**. 2005. Disponível em <[https://web.archive.org/web/20050308172042/http://www.scottishfa.co.uk/scottish\\_football.cfm?curpageid=409](https://web.archive.org/web/20050308172042/http://www.scottishfa.co.uk/scottish_football.cfm?curpageid=409)>. Acesso em: 29 mar. 2021.

SEABRA, Raphael Lana. As concepções de ruptura revolucionária em Immanuel Wallerstein e Ruy Marini em perspectiva comparada. **Marx e o Marxismo**, v. 7, p. 173-193, 2019.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da A linguagem racista no futebol brasileiro. In: Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. 6, 1998. Rio de Janeiro. **Anais do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física**, Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, IHGB, INDESP. p. 394-406.

SILVA, Rui Pedro. Quando as mulheres foram banidas do futebol em Inglaterra. **É Desporto**. p. eletrônica, 2019. Disponível em < <https://edesporto.com/quando-as-mulheres-foram-banidas-do-107863>>. Acesso 05 mar. 2021.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial**. 1998. 336 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Fábio Augusto Pera de; ANGELO, Claudio Felisoni de. O fim do passe e seu impacto sobre o desequilíbrio competitivo entre as equipes de futebol. **Revista de Administração - RAUSP**, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 280-288, 2005.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.14, n.30, p. 85-111, 2008.

SOUZA, Glauco Jose Costa. Para que serve a História Econômica nas pesquisas sobre História dos Esportes? **Esporte e Sociedade**. Ano 13, nº 32, março. 2021. 15p.

STELLA, Nicola Ecio. **Economia do Futebol: Equilíbrio Competitivo e Desequilíbrio Causado Por Participações Em Competições Internacionais**. 2010. 69f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

SUGDEN, John; TOMLINSON, Alan. **FIFA and the contest for world football: who rules the peoples' game**. Cambridge: Polity, 1998.

SZYMANSKI, Stefan. Income Inequality, competitive balance and the attractiveness of team sports: some evidence and a natural experiment from English soccer. **The Economic Journal**, v. 111, p. 69-84. 2001.

TAN, Tien-Chin; et al. Xi Jin-Ping's World Cup Dreams: From a Major Sports Country to a World Sports Power. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3367, n. November, p. 1-17, 2016.

TERRA. **Incidentes do confronto entre Polônia e Rússia pela Euro deixaram 184 detidos e 20 feridos**. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2012/06/13/incidentes-de-polonia-russia-deixaram-184-detidos-e-20-feridos.htm>> Acesso em 22 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Mundial de Clubes**. São Paulo, 2012a. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/mundialdeclubes/infograficos/campeoes-mundial-de-clubes/>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Fifa confirma punição e tira croata da Copa por fascismo**. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/fifa-confirma-punicao-e-tira-croata-da-copa-por-fascismo,e918dca172cd4410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>> Acesso em 20 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **Somos a organização internacional mais transparente do mundo, diz Valcke**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-das-confederacoes/somos-a-organizacao-internacional-mais-transparente-do-mundo-diz-valcke,c83b02a28b67f310VgnVCM3000009acce0aRCRD.html>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. **Cartola argentino nega racismo com Tinga: foi provocação**. São Paulo. 2014. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/secretario-geral-da-conmebol-minimiza-agressoes-racistas-a-tinga,9d3825e12f4e4410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>> Acesso em 22 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. **A "saída abrupta" de Joseph Blatter, o sucessor de João Havelange na Fifa**. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/a-saida-abrupta-de-joseph-blatter-o-sucessor-de-joao-havelange-na-fifa,8075e108e0747acfc5485709400965331c0jmtgb.html>> Acesso em 29 jun. 2021.

THE FA. **Women's Football - A Brief History**. 2021. Disponível em <<https://www.thefa.com/womens-girls-football/history>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

THE GUARDIAN. **FA apologies for 1921 ban.** 2008. Disponível em <<https://www.theguardian.com/football/2008/feb/11/newsstory.womensfootball>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

TIESLER, Nina Clara; COELHO, João Nuno. O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. **Análise Social**. Lisboa, n. 179, p. 313-343, 2006.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects 2019.** Disponível em: <<https://population.un.org/wpp2019/>> Acesso em: 30 jun. 2021.

UOL. **Como o Brexit mudou as regras de transferência para jogar na Premier League.** São Paulo. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2020/12/03/como-o-brexit-mudou-as-regras-de-transferencia-para-jogar-na-premier-league.htm>> Acesso em 20 de mar. 2021.

VAZ, Alexandre Fernandez. Uma Europa Inventada pelo Futebol. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, p. 1395-1406, jan. 2019.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas-mundo: una introducción.** México: Siglo XXI Editores, 2005.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo histórico e civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Editora Contraponto, tradução de Renato Aguiar, revisão da tradução de César Benjamin, 2001. 144 p.

\_\_\_\_\_. **The modern world-system. Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the 16th. century.** New York, Academic Press, v. 1, 1974.

WILLIAMS, Jean. **A Beautiful Game: International Perspectives on Women's Football.** Oxford and New York: Berg, 2007, 212 pp.